

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Educação e Psicologia

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico



**A Expressão e Comunicação no Pré-Escolar e no
1º Ciclo do Ensino Básico**

JOANA FILIPA NETO BORGES

Orientadora: Professora Doutora Maria Luísa de Castro Soares

VILA REAL, 2015

Relatório Dissertativo para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, apresentado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sob a orientação da Professora Doutora Maria Luísa de Castro Soares, ao abrigo do artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, com as alterações introduzidas pelos Decretos-Leis n.º 107/2008, de 25 de Junho, e 230/2009, de 14 de Setembro.

A música pode mudar o Mundo porque pode mudar as pessoas.

Bono Vox

ÍNDICE GERAL

Índice de Gráficos.....	VI
Índice de Figuras	VI
Agradecimentos.....	VII
Resumo	VIII
Abstract.....	IX
Introdução.....	1
Capítulo I.....	6
A Expressão e Comunicação no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico: uma abordagem teórica.....	6
1. A Música na Educação.....	7
2. Educação Musical e outras áreas.....	10
2.1 Aprender através da Música.....	15
3. Os diferentes tipos de texto	17
3.1. O texto musical	18
3.2. O texto literário.....	19
Capítulo II.....	21
Análise de textos em diversas modalidades genológicas	21
1.1. O Narrativo	22
1.1.1. “A Galinha Ruiva”	23
1.1.2. “No Rasto da Estrela”	25
1.1.3. “A Colcha Feita de Bocadinhos de Família”	28
1.2. O Lírico	30
1.2.1. “Coração de Mãe”	30
1.2.2. Poema “Para a Minha Mãe”	31
1.2.3. Poema “É o Meu Maior Amigo”	32
1.2.4. “Sou o Coração”.....	33
1.2.5. “Tudo ao Contrário”.....	33
1.2.6. Música “Cantar as Janeiras”.....	34
1.2.7. “Canção Do Xixi” para a aprendizagem do sistema urinário.....	35
1.3. Tradição Oral.....	36
1.3.1. Conto Tradicional “Falta de Alimentos”.....	36

Capítulo III	40
A Literatura através da música: A prática do Educador/Professor.....	40
1. Pré-Escolar	41
1.1. Caracterização dos Destinatários e dos Espaços	41
1.2. Atividades Desenvolvidas.....	42
1.2.1. Abordagem Prática do Texto Lírico “Coração de Mãe”	42
1.2.2. Aplicação Prática do Texto Narrativo “A Colcha Feita de Bocadinhos de Família”	45
1.2.3. Aplicação do Texto Narrativo “A Roda dos Alimentos” na Sala de Aula	47
1.2.4. Aplicação em sala de aula do conto “A Galinha Ruiva”	49
1.2.5. Aplicação Prática do Poema “Para a Minha Mãe”	51
1.2.6. Aplicação Prática da Música “É o Meu Maior Amigo”	53
1.2.7. Aplicação em Sala de Aula da Canção “Sou o Coração”	55
1.2.8. A Aplicação do “Jogo dos Sons” na Sala de Aula.....	56
2. 1º Ciclo do Ensino Básico	58
2.1. Caracterização dos Destinatários e dos Espaços.....	58
2.2. Atividades Desenvolvidas.....	61
2.2.1. Aplicação em Sala de Aula do Poema “Tudo ao Contrário”	61
2.2.2. Aplicação do Conto Tradicional “Barrelas” na Sala de Aula	64
2.2.3. Aplicação do Conto Tradicional “Falta de Alimentos”	66
2.2.4. Aplicação do Texto Informativo “Os Lobos” em Sala de Aula	68
2.2.5. O Texto Dramático na Sala de Aula “O Príncipe e a Pastora”	69
2.2.6. Aplicação do Texto Narrativo “No Rasto da Estrela”	71
2.2.7. Aplicação do Texto Narrativo “Já Não Faço Xixi na Cama” em Contexto Sala de Aula.....	72
2.2.8. Aplicação da Tabuada do 9 Através da música	74
2.2.9. Aplicação da música “Cantar as Janeiras”	76
2.2.10. Aplicação da “Canção do Xixi” para a aprendizagem do sistema urinário .	79
Conclusão	83
Referências Bibliográficas.....	87
Webgrafia	91
Anexos	

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de crianças do grupo.....	42
Gráfico 2: Associação do som à imagem	57
Gráfico 3: Número de alunos da turma	59
Gráfico 4: Habilitações literárias dos Encarregados de Educação	60
Gráfico 5: A concordância com a atitude do menino	63
Gráfico 6: Nº de Respostas Corretas às questões 1 e 3	63
Gráfico 7: Compreensão do termo “Barrelas”	65

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Registo da história.....	44
Figura 2: Painel construído com a opinião das crianças sobre as suas mães.....	45
Figura 3: Postal Dia da Mãe	45
Figura 4: Registo da roda dos alimentos	47
Figura 5: Registo de um bom pequeno-almoço.....	48
Figura 6: Boca construída por nós	48
Figura 7: Registo do que necessitamos para lavar os dentes.....	49
Figura 8: Registo do conto	51
Figura 9: Postal com o poema aprendido, decorado pelas crianças	52
Figura 10: Registo do Pai	53
Figura 11: Texto da Ana e do Vasco, resultado do texto coletivo.....	67
Figura 12: Imagens apresentadas com o áudio.....	71
Figura 13: Dia de Reis	78
Figura 14: Sistema urinário	79

AGRADECIMENTOS

Para a elaboração deste trabalho foi necessária a colaboração direta ou indireta de um grupo de pessoas a quem gostaria de manifestar o meu sincero agradecimento e acrescentar que foi pela sua amizade, amor e carinho que este percurso fez sentido.

Como tal, faço uns agradecimentos especiais, tentando, de alguma forma, agradecer aquilo que recebi e que por vezes não consegui retribuir.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família, pelo amor, carinho e incentivo para não desistir nunca.

Aos meus pais e irmãos, pelo esforço feito ao longo do meu percurso académico e apoio dado ao longo dos anos.

Ao meu namorado Rui Silva, de quem eu tantas vezes abdiquei da companhia em função deste meu projeto e que tantas e tantas vezes se disponibilizou a ajudar-me para que tudo corresse bem. Obrigada pelas palavras e por nunca me deixar desamparada!

Às minhas amigas e companheiras de Mestrado Adriana Dias e Catarina Cordeiro pelo esforço conjunto que fizemos, pelas batalhas que travámos juntas, pelas noites passadas em branco a trabalhar e pelos bons momentos que passámos juntas, uma vez que é com a amizade que aprendemos a ser melhores a cada dia.

À Professora Doutora Ana Maria Bastos, minha Professora na Área Curricular de Estágio II e Diretora do Curso, que tanto me apoiou e se disponibilizou para me acompanhar sempre que necessitasse.

Quero ainda agradecer à minha orientadora de relatório dissertativo Professora Doutora Maria Luísa de Castro Soares, pela amabilidade com que sempre me recebeu, sem me conhecer enquanto aluna, pela forma como se disponibilizou para me ajudar no que fosse preciso e pelas horas passadas a trabalharmos juntas para que tudo corresse pelo melhor.

Quero fazer também um agradecimento especial às cooperantes que me receberam nos dois estágios, nomeadamente à Educadora Teresa Teixeira e à Professora Júlia Loureiro.

Agradecer, ainda, à Professora Helena Botelho que se disponibilizou para rever este Relatório Dissertativo, logo que a solicitei.

E por fim, a todas as crianças com quem trabalhei pois é por elas e por outras que aparecerão que quero saber sempre mais para poder fazer melhor.

RESUMO

O presente relatório com feição dissertativa intitulado *A Expressão e Comunicação no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico* tem como objetivo mostrar como uma área da Expressão e Comunicação, neste caso a Música¹, serve como instrumento subsidiário para abordar as restantes áreas quer no Pré-Escolar, quer no 1º Ciclo do Ensino Básico. Optamos por este título, porque consideramos que nas nossas escolas se investe pouco nas áreas das Expressões, e pretendemos evidenciar que se deve investir na *Educação pela Arte* como ferramenta de trabalho quer dos Educadores, quer dos Professores.

A fundamentação teórica (**Capítulo I**) deste mesmo relatório abarca questões como o papel da Música na educação das crianças, defendendo que é possível aprender outros conteúdos através da Música, abordando a relação que existe entre esta área e outras distintas como o Conhecimento do Mundo e a Formação Pessoal e Social (no Pré-Escolar) e a Matemática, o Português e o Estudo do Meio (no 1º Ciclo).

O **Capítulo II** é uma abordagem científica (analítica) aos tipos de texto que foram trabalhados em sala de aula (texto literário e texto musical) como instrumento e suporte de aprendizagem.

Relativamente à parte pedagógica (**Capítulo III**), é nosso objetivo provar e mostrar que a música associada a outras áreas, aparentemente tão diferentes, é um elemento fundamental para que as/os crianças/alunos consigam fazer aprendizagens significativas.

Para além destes pontos que referimos, este documento também pretende refletir sobre as contribuições da música nestes dois ciclos de ensino.

Palavras-chave: Educação; Música; Texto; Ensino-aprendizagem.

¹Sempre que se refira os conceitos de “Música, Expressão Musical e Educação Musical” deve ter-se em consideração que se tratam de conceitos distintos mas que se relacionam.

ABSTRACT

This report feature dissertation entitled *The Expression and Communication in Preschool and in the 1st cycle of basic education* aims to show how an area of Expression and Communication, in this case music, serves as a subsidiary tool to address the remaining areas in preschool and in the 1st cycle of basic education. We choose this title because we believe that there are low investments in our schools in the areas of Expressions, and we intend to prove that we can invest in *Education through Art* as a work tool by Educators or by Teachers.

The theoretical foundation (**Chapter I**) of this same report covers issues such as the role of music in children's education, arguing that it is possible to learn other contents through Music, addressing the relationship between this area and other distinctive as the Knowledge of the World and the Personal and Social Education in (Pre- School) and Mathematics, the Portuguese Language and Environmental Studies (in 1st cycle).

The **Chapter II** is a scientific approach (analytical) to the types of text that had been worked in the classroom (literary text and musical text) as an instrument and learning support.

In respect to the pedagogical part (**Chapter III**), it is our goal to prove and show that music associated to other areas, apparently so different, is a key element that children/students can make meaningful learning's.

In addition to the mentioned points, this document also pretends to reflect the contributions of music on the two education cycles.

Keywords: Education; music; text; Teaching and learning.

INTRODUÇÃO

Este Relatório Dissertativo visa informar sobre as atividades pedagógicas desenvolvidas por nós enquanto Educadoras e Professoras do 1º Ciclo no *Jardim de Infância de S. Pedro (Corgo)* e no *Centro Escolar Bairro S. Vicente de Paula*.

Estes dois fatores do nosso estágio acabam por ser complementares, já que um se debruça sobre a atividade do Educador na primeira infância (dos três aos seis anos) e o outro sobre a atuação do Professor no 3º ano de escolaridade (1º Ciclo do Ensino Básico), na sua convivência com as/os crianças/alunos e na maneira como se processa o ensino-aprendizagem, com métodos que se baseiam na interdisciplinaridade, isto é, numa capacidade de adquirir um saber enciclopédico.

É claro que não se procura nestas faixas etárias um saber profundo, mas sim lançar-lhes ferramentas para o (s) saber (es) em extensão.

O relatório dissertativo apresentado procura, desta forma, dar uma solução a estas vertentes acima anunciadas, valendo contudo, a pena destacar, na atividade do Educador/Professor, a existência de três aspetos elementares que condicionam a sua postura e atuação: o *ser*, o *saber* e o *fazer*. Podemos ver, como diz Formosinho na sua obra *Formação de Professores – Atividade profissional e acção docente* que o grupo docentes

“é bastante heterogéneo. Desde as diferenças individuais, que se manifestam, por exemplo, nos estilos e modos de ensinar, no grau de empenhamento, etc., às diferenças ou afinidades entre grupos, que distinguem, aproximam ou opõem uns professores em relação a outros. (...)”

(Formosinho 2009: 19)

Assim sendo, o *ser* refere-se ao temperamento, maneira de ser, personalidade, e centra-se principalmente na relação educador-criança e professor-aluno; o segundo (o *saber*) relaciona-se particularmente com os conhecimentos que este adquiriu, atualizando-os, e incide sobre os saberes de que é portador para exercer a sua profissão. Por fim, o *fazer* centra-se na forma como se processa o ensino-aprendizagem, as técnicas, as ferramentas e os recursos de ensino que utiliza para conseguir ser melhor na atividade que exerce.

Só conjugando estes três pontos, com um espírito de abertura, de preocupação de saber sempre mais e de renovar os conhecimentos, juntamente com uma formação

científico-pedagógica constante, é que é possível melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem, bem como a forma de estar em contexto escolar e ser aquilo que se considera ser um “bom profissional”.

Atente-se que este relatório dissertativo só poderá fornecer informações relativas ao *saber* e ao *fazer*, e nem estes traduzem com clareza e exatidão o que se passa no espaço da sala de aula, havendo, como é lógico, uma parte importante da atividade educativa que não fica completamente apresentada.

Este documento, como qualquer outro, não é vivo, e a aula, no Jardim de Infância ou na Escola, é um local vivo, animado, de alegria, de companheirismo, de partilha, de comunicação e de criatividade, pelo que, ainda que se procure fornecer aqui os objetivos, os conteúdos e os métodos de ensino, bem como a avaliação e outras informações importantes, a imagem que ele proporciona da nossa atividade, enquanto Educadores/Professores em sala de aula será uma imagem virtual da realidade do ensino e, por conseguinte, da educação. Ele será, tanto quanto possível, um documento comprovativo de uma determinada experiência no espaço real da aula onde estivemos presentes, procurando cumprir da melhor maneira o dever como Educadores/Professores. Com isto, pretende-se transmitir de forma clara, objetiva e sintética, um conjunto de informações respeitantes à Educação/Ensino no *Jardim de Infância de S. Pedro (Corgo)* e no *Centro Escolar Bairro S. Vicente de Paula*.

É na realidade da aula e muitas vezes também fora dela que o docente (saliente-se que não incluímos nesta designação aqueles que “vendem aulas” (Viegas 1993: 110-115), mas os que levam a sério a sua profissão, trabalhando com dignidade, empenho, gosto, esforço e honestidade) exerce a sua atividade junto dos alunos e cumpre o seu dever. Trata-se de uma tarefa dura e difícil, mas ao mesmo tempo que nos apaixona e alicia, uma vez que, no caminho, o Educando e o Educador/Professor vão lado a lado, ou pelo menos é isso que se pretende, que caminhem com ele, dezenas ou centenas de crianças, promovendo a formação pessoal e estudo, e não apenas uma mera aquisição de conhecimentos.

O presente relatório encontra-se dividido em três capítulos fundamentais, para ser mais perceptível a sua compreensão e visualização, sendo que são antecidos de uma *Introdução* e seguidos de uma *Conclusão*.

Com este estudo, pretendemos demonstrar, de uma forma eminentemente prática, como a Educação Musical associada a outras áreas como a Expressão e Comunicação, o Conhecimento do Mundo e a Formação Pessoal e Social (no Ensino Pré-Escolar) e o

Português, a Matemática e o Estudo do Meio (no 1º Ciclo do Ensino Básico), fazem com que as crianças se desenvolvam, se interessem pelos conteúdos e tirem daí tudo aquilo que necessitam para fazerem aprendizagens significativas, provando, por isso, que a Educação Musical se torna, em ambos os níveis num veículo condutor de aprendizagens em qualquer que seja a área. Assim, é importante tecermos algumas considerações de cariz teórico que sustentam aquilo que apresentamos no **Capítulo III** deste relatório dissertativo, ou seja, a parte prática da mesma. Intitulamos, por isso, o **Capítulo I** como *A Expressão e Comunicação no Pré-Escolar e no 1º Ciclo: uma abordagem teórica*, o **Capítulo II** como *Análise de textos em diversas modalidades genológicas* e o **Capítulo III** como *A Literatura através da música: a prática do Educador/Professor*.

No **Capítulo I**, focar-se-á o papel do Educador/Professor e o modo como se processa a sua abordagem à criança e lecionação e procurar-se-á também explicar a opção feita por determinadas matérias, referindo-se a algumas metas a atingir, alguns requisitos, problemas e estratégias metodológicas.

Iremos basicamente deliberar sobre o contributo das artes (nomeadamente da Expressão/Educação Musical) na educação, uma vez que vários são os autores que defendem que existe um forte vínculo entre a educação e a cultura. Sendo assim, segundo o Ministério da Educação²,

“podem diferenciar-se neste domínio quatro vertentes – expressão motora, expressão dramática, expressão plástica e expressão musical - que têm a sua especificidade própria, mas que não podem ser vistas de forma totalmente independente, por se complementarem mutuamente.”

(Ministério da Educação 2009: 57)

Na nossa opinião, a Expressão Musical é uma área de grande interesse uma vez que permite aos indivíduos (crianças, na generalidade) descobrirem e construírem a sua identidade quer pessoal quer social, podendo ter novas perspetivas, novas vivências e novos conhecimentos.

A educação de hoje em dia não visa apenas transformar a criança num adulto inteligente e perfeito a nível racional, mas proporcionar-lhe um desenvolvimento que seja estável e coerente como um ser total, que no fundo, ele é. Herbert Read, defende na sua obra *Education Through Art*, que “toda a criança é criança, é um artista de qualquer tipo

² O *Ministério da Educação* que citamos em obra de 2009 mudou a nomenclatura, a partir de 2011, para *Ministério da Educação e Ciência*, que em outros momentos também citamos.

cujas capacidades especiais, mesmo que insignificantes, devem ser encorajadas como contributo para a riqueza infinita da vida em comum” (Read 1958: 17).

O **Capítulo II** como se compreende pelo carácter deste documento, será constituída pela apresentação dos tipos de texto/literatura que foram abordados em contexto sala de aula bem como pela sua análise, uma vez que é necessário salientarmos a importância que estes têm para que se possa fazer música em sala de aula e provar que, realmente, em tudo é possível utilizarmos a música como meio para atingirmos os nossos objetivos.

No **Capítulo III**, trataremos de questões relacionadas com a nossa prática pedagógica e lecionação do Português, da Matemática e do Estudo do Meio, utilizando a interdisciplinaridade para as crianças do Jardim de Infância e para o 1º Ciclo. Desta forma, apresentamos, nesta parte do relatório dissertativo, aquilo que foi a nossa prática pedagógica nos dois contextos escolares aqui referidos.

Finalmente, convém referir ainda que todas as fichas que constam nos anexos foram entregues aos alunos e corrigidas em sala de aula, porque, na nossa opinião, é o modo mais pragmático dos alunos poderem ver os erros que cometeram e quais as dificuldades que podem superar, deixando sempre claro que esta “avaliação” não tem, de todo, como objetivo puni-los mas sim um objetivo construtivista.

No presente relatório, não nos parece possível fazer um desenvolvimento profundo, passo a passo, de todos os conteúdos abordados, pois fazendo isto torná-lo-ia demasiado grande. Iremos apenas traçar as linhas que consideramos mais importantes em relação a alguns pontos que permitem justificar as escolhas feitas por nós e a articulação das mesmas. Estas escolhas funcionam como aglutinadores dos conteúdos e, todas, no seu conjunto, mostram os critérios que estão na base daquilo que foi escolhido por nós e a forma como vemos os conteúdos tanto a nível científico, como a nível pedagógico-didático.

Enquanto Educadores/Professores não é nosso objetivo fornecer às crianças uma série de conhecimentos sem fim, mas sim mentalizá-los de que a sua vida é uma aprendizagem e um crescimento contínuos. Podemos assim dizer que a componente formativa e a vertente informativa, funcionam como elementos de complementaridade uma da outra.

O processo ensino-aprendizagem tem dois atores principais: o Educador/Professor que se baseia nesta sua atividade enquanto docente, e o aluno que deve pesquisar, funcionando como recetor dessa informação, assumindo-se também como um ser capaz

e autónomo para procurar a sua própria formação e estimular os seus conhecimentos. Quando se leciona, em qualquer que seja o nível de ensino, o objetivo primordial deve ser o de formar futuros cidadãos que irão exercer a atividade enquanto Homens formados e informados. Tendo isto em consideração, há que proporcionar uma boa preparação científica, que é fundamental, e desenvolver, de igual modo, no futuro adulto, capacidades que lhe permitam integrar-se no meio social envolvente. Tomando isto como referência, há que preparar as (os) crianças/alunos, desde cedo, para estarem perante outros colegas (através das exposições orais que se podem realizar em sala de aula, no 1ºCiclo, ou, no Pré-Escolar falando do seu dia- a- dia e contando as suas aventuras) e ganharem capacidade de reação perante situações para as quais ainda não estão preparados, por serem muito novas e por falta de experiência. A nosso ver, as aulas, servem para colmatar estas e outras dificuldades sentidas e proporcionar uma comunicação pedagógica que poderá ser alargada para o âmbito social.

Sintetizando, o nosso principal objetivo é formar alunos capazes de no futuro mais longínquo enfrentarem a sociedade que se lhes apresenta, onde já se encontram integrados atualmente, e na qual irão um dia participar de forma ativa, através do exercício de uma profissão.

O ensino no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico pode contribuir, desta forma, para que sejam capazes de atuar a nível intelectual, social e moral, através das problemáticas focadas nas leituras de textos, na Matemática, no Estudo do Meio, onde de modo interdisciplinar um leque de questões são levantadas e sobre as quais se reflete, através do diálogo.

CAPÍTULO I

A EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO NO PRÉ-ESCOLAR E NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Neste primeiro capítulo, apresentaremos o enquadramento teórico que se encontra subjacente ao tema *A Expressão e Comunicação no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*.

Dedicaremos este **Capítulo I** à importância da música na educação, a sua relação com outras áreas e os diferentes tipos de textos trabalhados.

1. A MÚSICA NA EDUCAÇÃO

A Educação tem de ser vista como um processo global, progressivo e permanente, que precisa de várias formas de estudo para o seu aperfeiçoamento, pois em qualquer que seja o meio, existirão sempre diferenças individuais nos grupos/turmas que se nos apresentam. Neste sentido deve-se desencadear atividades que contribuam para o desenvolvimento da capacidade intelectual e pensamento das nossas/os crianças/alunos e a música é uma delas, pois Faria (2001) define que a música é um importante fator na aprendizagem, pois a criança desde pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, conhecidas como «canções de embalar». Na aprendizagem a música é muito importante, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno. A música quando bem trabalhada é capaz de desenvolver o raciocínio, a criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula, quer no Jardim de Infância quer no 1º Ciclo do Ensino Básico.

No contexto escolar, a música tem como finalidade ampliar e facilitar a aprendizagem do educando, pois ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida, não sendo só como ouvir uma música em casa, sozinho.

Seguindo estes pontos que referimos, a Educação Musical deve, na nossa opinião, ocupar um lugar essencial na educação de todas as crianças, pois

“assenta num trabalho de explorações e ritmos, que a criança produz e explora e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre diversos aspectos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e sons curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, a capacidade de reprodução mentalmente de fragmentos sonoros.”

(Willems 1970: 11)

Para Ferrão (2001), a música é uma arte e por isso, ela educa cooperando no desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e biológico da criança nunca esquecendo que

este se encontra intrínseco. Assim, enquanto Educadores/Professores devemos sempre aproveitar este interesse da criança como forma de desenvolvimento da mesma.

“a música, na escola, provoca nos jovens sensações de alegria, disciplina, entusiasmo e de ordem que se tornam imprescindíveis a todas as atividades escolares. Através da sua prática, os alunos manifestam-se das mais variadas formas de expressão humana, tais como escrever, falar ou desenhar.”

(Monteiro 2012: 40)

Sendo assim, é através da música que as crianças podem exprimir os seus sentimentos e emoções, terem consciência deles próprios, aperfeiçoarem a capacidade de memorização e concentração que lhes podem ser bastante úteis para as restantes áreas, fazer com que haja uma diminuição da fadiga e da excitação que muitas vezes existe em sala de aula perturbando o ambiente e que só diminui com uma atividade musical e, ainda é possível verificar-se uma melhoria no vocabulário que utilizam pois têm contacto com outras palavras que não fazem parte do seu dia-a-dia.

Devemos ainda referir e salientar que não estamos a defender que a Educação Musical tenha de ser dada na sua essência e da forma mais aprofundada, o nosso objetivo durante os dois estágios realizados foi fazer com que as crianças tivessem contacto com outros materiais visuais e auditivos e que se fossem apaixonando, sem se aperceberem, pelo Português, pela Matemática ou até pelo Estudo do Meio de uma forma mais lúdica, como adiante apresentaremos, nunca descurando os conteúdos e metas propostas pelo Ministério da Educação e Ciência que, obviamente têm de ser trabalhadas, mas que dadas desta forma, não se tornam num fator de distração e desinteresse por parte da criança, mas sim num enorme fator de motivação, pois todas as crianças desde os três aos nove anos (faixas etárias com que trabalhamos), gostam bastante de música. Fazendo isto, estamos a permitir que a criança faça aprendizagens significativas e fulcrais para as restantes áreas e que também assim se interesse por elas. Cantando, tocando e ouvindo música, a criança consegue adquirir noções de tempo, ritmo e desenvolver o poder de concentração e sensibilidade.

Segundo o que se apresenta nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação), a Expressão Musical é uma das expressões que faz parte da Expressão e Comunicação, que aqui abordaremos.

A Educação Musical na escola, pratica-se antes do ensino de música, da mesma maneira que a língua é falada antes de ser ensinada aos mais pequenos.

Devemos salientar que muitas vezes a educação musical não procura a formação de um músico profissional, embora para estes os conhecimentos desta área sejam importantes. A Educação Musical no âmbito da escola regular, procura dar ao indivíduo as condições para que ele compreenda o que se passa no plano da expressão e no plano do significado quando ouve ou executa uma Música/canção.

Tal como nos é mencionado pelo Ministério da Educação, “A expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.” (Ministério da Educação 1997: 64). Cantando as crianças podem exprimir o que sentem e, ao mesmo tempo, o educador/professor enriquecer e complementar as suas atividades.

Parece-nos ainda que, hoje em dia, grande parte das ações do ser humano tem em vista um fim determinado: come-se para viver, trabalha-se para se conseguir ganhar dinheiro, mas, ouvir música ou cantar não parece ser essencial à vida nem possuir qualquer fim prático em si.

Em educação pela arte, inclusivamente, segundo o que nos refere Sousa na sua obra *Educação pela arte e artes na Educação*,

“não se considera que a fala ou a leitura pertençam à área do «português» ou de «letras» mas à área da Música. A fala é a criação pura de sons através do mais aperfeiçoado e do mais belo dos instrumentos – a voz -, possuindo ainda um significado representativo diferente consoante o código sonoro-semântico utilizado (português, francês, inglês, etc.), não existindo qualquer diferença entre a leitura de palavras ou a da notação de uma pauta de Música. O acto de escrever, por sua vez, por ser desenho, inclui-se na área de expressão plástica.”

(Sousa 2003: 21)

Na nossa opinião, a Educação quase se esqueceu deste meio musical, que é tão fundamental nestes dois períodos da vida escolar da criança (dos três aos cinco anos e dos seis aos nove anos de idade), que acaba por fazer referência não no sentido da educação global mas sim no sentido dos conceitos de música (ensino de música).

A Educação Musical pretende, sobretudo, como já referimos criar na criança um despertar para o mundo dos sons que a rodeia e um envolvimento mais profundo na parte

musical que a sua vida tem. Assim sendo, autores como Dalcroze, Willems, Orff, Shafer e outros pedagogos da música desenvolveram metodologias com este propósito,

“não o de ensinar música, mas o de viver musicalmente a música. As áreas programáticas que propõem referem-se à integração no meio sonoro, pulsação, ritmos, melodias, harmonia polifónica e notação e leitura musical (do convencional às formas mais anticonvencionais).”

(Sousa 2003: 22)

O grande e principal objetivo da música na educação não é o de formar e fazer com que a criança/aluno seja um bom músico, mas sim fazê-lo ter uma personalidade equilibrada e ser um cidadão melhor.

“o Programa do Governo assume como objectivo estratégico a garantia de uma educação de base para todos, entendendo-a como início de um processo de educação e formação ao longo da vida.”

(Decreto-Lei n.º 6/2001: introdução)

Desta forma, a escola/educação, tanto no Pré-Escolar, como no 1.º Ciclo do Ensino Básico, constitui o passaporte para a viagem do conhecimento e da aprendizagem que cada criança/aluno fará.

2. EDUCAÇÃO MUSICAL E OUTRAS ÁREAS

Nos dias que correm, torna-se cada vez mais impraticável para um Educador/Professor desenvolver os conteúdos e matérias que lhe são propostas pelo Ministério da Educação e Ciência de forma estanque. Não é, de todo, simples e fácil ensinar uma turma com 25/26 crianças/alunos de maneiras diferentes e variadas, principalmente quando se tem um currículo e metas para seguir e atingir. Porém, esse é um desafio que, nós, enquanto Educadores/Professores temos a partir do instante em que assumimos esta profissão. Cabe a cada Educador/Professor, através da sua experiência ou não, não considerar que tem que ensinar da mesma forma a todos, e, a partir daí, procurar e investigar novas formas de ensino-aprendizagem para pôr em prática, tal como tentamos fazer na nossa prática pedagógica, utilizando, sempre que possível, a música como recurso.

Caso o professor, diversifique as suas formas de ensinar consoante o grupo/turma que se lhe apresenta, verificará que a reação dos seus alunos será positiva, porque, como ensinou Ainscow,

“ (...) é a capacidade de modificar planos e actividades em função das reacções e das necessidades dos alunos. Através deste processo, os professores podem estimular a participação activa dos alunos nas aprendizagens.”

(Grave-Resendes & Soares 2002: 25)

É através das diferentes necessidades, dificuldades e expectativas que há a necessidade do Educador/Professor pensar no currículo de uma forma diferenciada e apostar “na busca de novas e diferentes estratégias e modos de trabalhar e de ensinar a aprender, a todos, o mesmo.” (Paszkiewicz 2008: 61)

As crianças são seres com capacidades intelectuais para diferentes áreas e é essencial saber articular as disciplinas para que não se sintam como se tivessem pequenas gavetas em que têm guardadas informações acerca de áreas diferentes e que, jamais, se poderão misturar.

Tomemos como exemplo aquilo que Sousa nos diz na sua obra *Educação pela arte e artes na Educação*,

“a predominância das disciplinas de Letras e Ciências sobre as disciplinas artísticas pode ser facilmente constatada pela análise do currículo de qualquer nível escolar. Há um grande desequilíbrio ponderal em favor da matemática e do português em detrimento da dança, do drama e da Música.”

(Sousa 2003: 18)

Tendo em atenção a frase supracitada, facilmente nos apercebemos de que para existir relação entre a Música e outras áreas não podemos deixar de falar, obviamente, sobre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

Assim, Pombo *et al*, salientaram que o vocábulo interdisciplinaridade faz parte de uma extensão imensa da família de palavras que se ligam entre si através do mesmo radical, a palavra “disciplina”, saltando à vista muito mais esta indefinição entre conceitos.

“Daqui se pode inferir que (...) a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a transdisciplinaridade, e todos os outros conceitos congêneres têm em comum o facto de designarem diferentes modos de relação e articulação entre disciplinas.”

(Pombo *et al* 1993: 11)

Neste sentido, Fazenda caracteriza a interdisciplinaridade,

“pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa. (...) Em termos de interdisciplinaridade ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou, melhor dizendo, um regime de co-propriedade, de interação, que irá possibilitar o diálogo entre os interessados.”

(Fazenda 1993: 31)

No que diz respeito à pluridisciplinaridade e à transdisciplinaridade, Pombo *et al* mostram-nos que a primeira é

“qualquer tipo de associação mínima entre duas ou mais disciplinas, associação essa que, não exigindo alterações na forma e organização do ensino, supõe contudo algum esforço de coordenação entre os professores dessas disciplinas.”

(Pombo *et al* 1993: 12-13)

Por sua vez, à segunda, ou seja, a transdisciplinaridade, refere-se como sendo “o nível máximo de integração disciplinar que seria possível alcançar num sistema de ensino. Tratar-se-ia então da unificação de duas ou mais disciplinas”. (Pombo *et al* 1993: 12-13)

Por outro lado, Morin resume a importância da falta de uma abordagem interdisciplinar no ensino ao explicar que,

“a inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional.”

(Morin 2000: 43)

Isto é, o autor considera que a maneira de como as disciplinas/conteúdos são muitas vezes trabalhadas (como sendo saberes divididos) nas salas de aula não está em conformidade com o mundo exterior, que é global, o que impede os alunos de produzirem aprendizagens significativas. No fundo, a grande ideia e objetivo é “que alguns aspectos

das disciplinas façam ligações naturais com outras disciplinas e fará mais sentido para os alunos se forem ensinadas em simultâneo.” (Haigh 2010: 55)

Por isto, na nossa opinião, a Educação Musical deve ocupar um lugar mais importante no ensinamento de conteúdos às crianças, servindo também como estímulo para as mesmas para que o que estão a aprender não seja um aborrecimento.

“Actualmente a educação musical já conquistou, no nosso país, um merecido lugar no currículo geral, embora só existindo ainda em dois níveis escolares, sendo também já utilizada por muitos educadores e professores como método educacional (educação pela Música).”

(Sousa 2003: 18)

Tendo em consideração a afirmação acima mencionada podemos afirmar que foi aquilo que tentamos fazer, sempre que possível, na nossa prática em contexto sala de aula, pois só assim faria sentido para conseguirmos atingir os nossos objetivos e chegarmos facilmente e de forma eficaz às nossas crianças e alunos. Facto que se poderá verificar no **Capítulo III** desta dissertação, em que facilmente se verifica que a música foi o melhor e maior meio utilizado por nós.

Prestando atenção àquilo que foi a nossa prática, é de fácil perceção que,

“não é necessário o professor ter conhecimento da escrita musical nem saber tocar qualquer instrumento para se poder proporcionar a crianças meios e motivações para desenvolver o seu sentido musical e satisfazerem neste domínio as suas necessidades de expressão e criação.”

(Sousa 2003: 18)

No nosso estudo e na nossa prática, o objetivo nunca foi ensinar aos alunos música na sua essência nem fazer deles músicos profissionais, como no ponto anterior fizemos referência, mas pelo contrário permitir-lhes que tomassem contacto com novas experiências, novas formas de aprendizagem e que, sobretudo, se tornassem melhores enquanto seres humanos e enquanto alunos uma vez que a música lhes permite memorizar rapidamente, terem maior capacidade de concentração e um melhor entendimento dos conteúdos em que a música serviu como complemento. Deste modo, “(...) em vez de um ensino de música, a educação pela música procura utilizar esta como meio, como método de formação global.” (Sousa 2003: 20)

A relação existente entre a música e a palavra é uma outra forma de expressão musical, e, por isso, o cantar tem um lugar habitual na educação pré-escolar que pode ser

enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo e que, no 1º Ciclo também pode ser utilizada para qualquer que seja a área: numa canção é necessário uma letra, logo as crianças irão ter contacto com um registo escrito, palavras novas, tipos de texto diferentes, entre outros.

“Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar os sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original.”

(Ministério da Educação 1997: 64)

Tal como na Educação Pré-Escolar, as metas de aprendizagem para o 1º Ciclo do Ensino Básico foram estruturadas de acordo com os quatro domínios onde o desenvolvimento da “Literacia nas artes”, definidos no Currículo Nacional assenta, destacando-se para o caso, o desenvolvimento da expressão e comunicação e a compreensão das artes no contexto.

Desde a sua origem, que a música é conjugada com outros campos do conhecimento humano, devido à sua complexidade. Já na Antiguidade Clássica, por exemplo, Pitágoras procurava estabelecer as bases matemáticas nas quais a produção musical se fundava; Platão entendia a música como arte, técnica e ciência prática, não só como uma atividade racional virada para um fim produtivo, mas também como conhecimento, saber e ciência teórica.

Por estes motivos defendemos que a música associada a outras áreas, seja no Pré-Escolar seja no 1º Ciclo do Ensino Básico, é e será sempre um bom auxiliar para qualquer Educador/Professor permitindo-lhe que o grupo/turma tenha uma maior motivação, um maior interesse pelas aulas e, por conseguinte, um maior aproveitamento (no caso do 1º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que no Pré-Escolar as crianças não são avaliadas de forma quantitativa). Assim sendo, a música deve ser utilizada como uma estratégia metodológica em que o programa da disciplina a que esta é associada se mantém com os seus objetivos e conteúdos próprios, “ (...) mas a «ferramenta» pedagógica é a música (...)” (Sousa 2003: 21)

Perante estes aspetos, para nós, a música como uma alternativa didática aguça o interesse e curiosidade da criança/aluno, que muitas vezes sem se aperceber, como já evidenciamos, está totalmente envolvido no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o conjunto de palavras contidas no texto da Música é aproveitável em distintas

temáticas como ponto de partida na construção do ensino-aprendizagem, como adiante se verá.

2.1 APRENDER ATRAVÉS DA MÚSICA

O mundo que se nos apresenta conduz-nos, enquanto educadores/professores, a uma responsabilização e necessidade de educar cidadãos críticos, conhecedores e, sobretudo, capazes de enfrentar as mudanças. Como tal, nada melhor do que utilizar todos os recursos disponíveis para que os nossos objetivos sejam atingidos de forma eficaz, e a música faz parte destes recursos.

“ao longo da história, a música tem assumido uma presença indiscutível na vida dos seres humanos. Ao estar presente, ao longo dos tempos e nas diferentes culturas e regiões do planeta, a música tem-se revelado uma linguagem universal e uma experiência transversal no tempo e no espaço.”

(Pereira s/d: 32)

Para além de um facilitador no processo de ensino-aprendizagem, a música é, manifestamente, um instrumento que converte a escola num espaço mais cativante e acolhedor. É, neste contexto, que a música se revela, sem sombra de dúvidas, uma técnica que coopera para que a escola se converta num ambiente mais divertido e benéfico à aprendizagem, uma vez que, comungamos com Snyders, quando defende que

“propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente.”

(Snyders 1994:14)

A aprendizagem de músicas faculta às crianças ferramentas facilitadoras conducentes à compreensão da linguagem quer musical quer da língua uma vez que facilita a expressão de emoções e permite o alargamento da cultura geral contribuindo para a formação integral do ser humano.

Segundo Bréscia,

“ (...) a aprendizagem da Música, além de favorecer o desenvolvimento afectivo da criança, amplia a actividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo.”

(Bréscia 2003:81)

A aprendizagem musical assume também grande importância no desenvolvimento da linguagem oral, como já mencionamos, em particular na sensibilidade à entoação. Podemos afirmar, tal como Marques que “A fala implica o agrupamento de segmentos sonoros em 21 sílabas, de sílabas em palavras, e de palavras em frases” (Marques 2002: 21).

Para envolvermos a música no ensino-aprendizagem no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico, devemos ter sempre em atenção as estratégias que iremos escolher, pois esta é uma das bases principais para o sucesso. Letras, melodias, harmonias e ritmos devem ser de fácil acesso, favorecendo, assim, o trabalho quer do educador/professor quer da(o) criança/aluno. No entanto, também não podemos facilitar de tal modo que estes se venham a desinteressar pelo facto de a letra ser curta e sem grande interpretação, ou até mesmo pela música (melodias e harmonias) serem enfadonhas e maçudas. Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com a linguagem, podendo assim ao mesmo tempo trabalhar a área de Português (no caso do 1º Ciclo), compreendendo e tirando partido das rimas, uma vez que a maioria das músicas se trata de poesia.

Na educação Pré-Escolar, é muito importante dar a conhecer a música explorando os sons, sendo que

“a exploração das características dos sons pode passar, também, por escutar, identificar e reproduzir sons e ruídos da natureza....A relação entre a Música e a palavra é uma outra forma de expressão musical. Cantar é uma actividade habitual na educação pré - escolar que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo.”

(Ministério da Educação 1997: 64)

Assim sendo, um dos pontos em que Kodály (pedagogo, músico e compositor húngaro (1881-1967)) se apoia é considerar que a música e contacto com esta se devem “iniciar o quanto antes. A sensibilidade musical deve ser despertada no jardim-de-

infância, procurando que as crianças recebam sempre música de qualidade, por mais elementar que seja.” (Matos 1992: 1302).

Parece-nos, naturalmente, óbvio que as crianças têm um gosto especial pela música. Elas gostam tanto de cantar como de ouvir música, bem como gostam de ouvir o ruído da água que corre da nascente ou o canto de uma ave ou até mesmo o barulho de um carro, ou o som dos animais que tentam imitar. Na nossa opinião, defendemos que a Música é uma linguagem universal, completa, intuitiva e que rapidamente consegue chegar a todas as crianças.

Por outro lado, no 1º Ciclo do Ensino Básico os alunos começam a receber aulas de outras disciplinas (Português, Matemática e Estudo do Meio) que ocupam grande parte do seu dia e, desta forma, o professor é responsável pelo desenvolvimento linguístico de cada aluno, de acordo com o programa estabelecido. Por sua vez, os alunos recebem normalmente educação musical duas vezes por semana (nas Atividades de Enriquecimento Curricular, com um professor especializado na área). No entanto, isto não significa, que a música esteja apenas presente neste tipo de atividade extracurricular, mas pode ser dada pelo “professor titular” quando este considera oportuno associá-la ao contexto vivenciado, ou seja, às áreas a que os seus conteúdos pertencem. Tomemos como exemplo o nosso caso de estágio neste nível de ensino, tendo em conta que os alunos aprenderam e decoraram a tabuada como se esta fosse a letra de uma Música, pois como nos diz Sousa,

“o cérebro humano possui uma organização perceptivo-discriminativa que envolve mecanismos mnésico-musicais que permitem o reconhecimento sonoro não cognitivo de que o «tocar de ouvido» ou o «não saber a tabuada mas saber a Música» são os exemplos clássicos.”

(Sousa 2003: 17)

3. OS DIFERENTES TIPOS DE TEXTO

O trabalho com diferentes tipos de texto esteve sempre em destaque na educação e, de modo especial, no processo de ensino-aprendizagem da língua. Assim, a análise destes textos tão distintos trata-se de um elemento importante e fundamental para aplicar em contexto sala de aula (Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico).

Existem diferentes tipos de textos mas neste ponto debruçar-nos-emos sobre o texto musical (3.1) e sobre o texto literário (3.2), que a seguir apresentamos.

3.1. O TEXTO MUSICAL

Na nossa opinião, como já temos vindo a fazer referência, a música trata-se de uma linguagem e, como qualquer outra, também ela pode ser escrita.

Assim, segundo nos refere Gomes,

“o ensino da música foi repensado em diferentes aspetos durante o século XX, por eminentes pedagogos musicais, pretendendo estabelecer a livre expressão do educando no trinómio orffiano composto pela palavra, pela música e pelo movimento.”

(Gomes 2014: 157)

O texto musical (o estudo da música através da pauta) é um belo exercício em que a arte dá a mão à Matemática. Não é este, porém, o nosso objetivo enquanto Educadores e Professores do 1º Ciclo quando instrumentalizamos a música, mas sim utilizá-la como meio através do qual podemos chegar a um melhor ensino-aprendizagem.

Fernando Lopes-Graça, diz-nos que

“a música é, no fundo, uma linguagem – uma linguagem com a sua gramática, a sua sintaxe e a sua morfologia particulares. Todo o processo de compreensão da música se resume num esforço de assimilação da sua linguagem.”

(Lopes-Graça 1984: 113)

Desta forma, e analisando a frase supracitada, podemos afirmar que o texto musical se caracteriza por uma permanente interatividade uma vez que nos permite estabelecer uma espécie de diálogo entre os vários agentes: o autor, o intérprete, o contexto e a sua cultura.

Devemos salientar que dentro deste texto musical também podemos englobar as canções de mimar que permitem que se desenvolva uma música elementar em que

“através de actividades como cantar, tocar instrumentos, mimar e dançar, procura-se enriquecer o vocabulário, trabalhar a articulação, desenvolver os sentidos rítmico e melódico, levar a uma boa colocação de voz, exercitar o sistema sensório-motor.”

(Wuytack 1993: 3)

Durante a nossa prática pedagógica quer no Pré-Escolar, quer no 1ºCiclo, musicamos sobretudo poemas (tipo de texto mais fácil de musicar e memorizar), que pertencem ao texto literário que a seguir se apresenta.

3.2. O TEXTO LITERÁRIO

O texto literário, tal como o texto musical, pode contribuir para a formação social e moral das/os crianças/alunos. Este tipo de texto faz com que as/os crianças/alunos reflitam, desenvolvam o seu espírito crítico e, em grande grupo, permite ao Educador/Professor fazer debates sobre temas que se encontram nestes textos, isto por ser um discurso formalmente marcado, sendo que, “um texto literário é uma construção textual de acordo com as normas da literatura, com objetivos e características próprias, como a linguagem elaborada de forma a causar emoções no leitor.”³

O trabalho com o texto seja ele de que tipo for, ocupou sempre um lugar de relevo no processo educacional das nossas/os crianças/alunos, principalmente no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem.

Assim, importa esclarecer que deste tipo de textos fazem parte aqueles com que trabalhamos na nossa prática pedagógica (**Capítulo III**) permitindo-nos fazer uma exploração da linguagem, sendo por isso um dos veículos de acesso à língua e às potencialidades expressivas da mesma, que vão desde os contos de tradição oral, passando pelos poemas até aos textos dramático e informativo e, ainda as letras das músicas. Contudo, foram os poemas que se salientaram, uma vez que estes são mais fáceis de musicar, de compreender e de memorizar.

Queríamos mesmo ter esta diversidade de textos, pois

“o contacto com diferentes *géneros literários* possibilita a vivência de diferentes experiências literárias, de diferentes formas de gerar sentidos, de diferentes formas de ler o mundo e de organizar a informação; ajuda ainda a definir o gosto de cada leitor, permitindo a identificação com este ou com aquele género.”

(Ministério da Educação 2009: 64-65)

Desta forma, os textos literários, além de contribuírem para aumentar o campo linguístico dos leitores (neste caso específico, as crianças), deverão estimular o gosto das/os crianças/alunos pela leitura, que, obviamente, se inicia a partir do Educador/Professor.

³ Retirado de <http://www.significados.com.br/texto-literario/>

“a leitura de textos literários, com um bom trabalho de mediação assumido pelo professor permite ao jovem leitor elaborar sentidos de profundidade cada vez mais complexa; trata-se de um olhar novo sobre a realidade, decantando-a, transformando-a, reconfigurando-a de forma a descobrir nela a dimensão humana que dá razão à vida. No texto literário convivem modelos simbólicos de uma cultura que interpela o leitor, sujeito que não pode alhear-se do seu estatuto de ser social e, conseqüentemente, de agente de transformações ideológicas.”

(Ministério da Educação 2011: 16)

Tendo em consideração a afirmação supracitada, podemos afirmar que foi o que tentamos fazer sempre ao longo da nossa prática pedagógica, fomentando o gosto pela leitura de diferentes tipos de texto, dando às crianças/alunos a possibilidade de fazerem as suas próprias leituras dos mesmos.

Segundo Aguiar e Silva,

“Os textos literários, pelo modo como utilizam, reinventam e potenciam, sob todos os pontos de vista, a língua e pela sua ligação memorial ao destino e à aventura de uma terra, de um povo e de uma cultura, constituem o thesaurus por excelência da identidade nacional (...) [Mas] a identidade nacional não é uma ilha, uma cidadela ou uma prisão. Tal como a identidade individual se constrói no diálogo com o (s) outro (s), assim a identidade de um povo e de uma nação se vai plasmando, num processo interminável, no diálogo com as culturas de outros povos e de outras nações.”

(Aguiar e Silva 1999: 30)

Por isto, a nossa prática pedagógica com os diferentes tipos de textos literários foi essencial para que conseguíssemos chegar até às nossas/os crianças/alunos, permitindo-lhes o contacto com diversas tipologias de texto e, ao mesmo tempo, fazer com que ganhassem o gosto pela leitura.

As diferentes tipologias textuais tratadas (texto musical; texto literário nas diversas modalidades) só alcançam uma abordagem cabal, se nos ativermos à análise (estrutural, semiótico-comunicacional) dos textos.

Disso daremos conta no capítulo que se segue (**Capítulo II**).

CAPÍTULO II

ANÁLISE DE TEXTOS EM DIVERSAS MODALIDADES GENOLÓGICAS

A Expressão e Comunicação foi um veículo utilizado por nós que engloba *per si* áreas como o Português e a Expressão Musical. Neste contexto, é oportuno fazermos a análise científica dos textos aplicados em sala de aula contemplados no **Capítulo III** desta dissertação.

Assim, o *corpus* textual por nós abordado ao nível do pré-escolar e do 1º Ciclo abarcou quatro géneros: o narrativo, o lírico, os textos de tradição oral e o dramático. Isto conduzirá a uma fundamentação teórica sobre cada género, sendo que neste segundo capítulo apenas procederemos à análise de alguns exemplos.

Descuraremos nessa análise textos de tipo informativo, para não entrarmos nos domínios das Ciências da Comunicação. Estes textos foram, contudo, abordados no **Capítulo III** como instrumentos para a área do Português. Cito aqui o exemplo por nós apresentado na **Capítulo III** “Os Lobos”, texto de teor informativo (remete sempre para o mundo real), que foi instrumentalizado para as áreas do Português e de Estudo do Meio, pois há uma defesa do animal em extinção. Convém ainda focar, dentro desta tipologia informativa, o texto “Barrelas”, onde se explica a forma tradicional de lavar a roupa. Deste último, fizemos apenas a abordagem didática no **Capítulo III**, em contexto sala de aula.

Com isto, a abordagem será apenas didática (**Capítulo III**) não sendo objeto de análise neste **Capítulo II**.

Incidiremos as nossas análises sobre o texto narrativo e o texto poético daí que a fundamentação teórica do **Capítulo I** se dirija a estas modalidades genológicas.

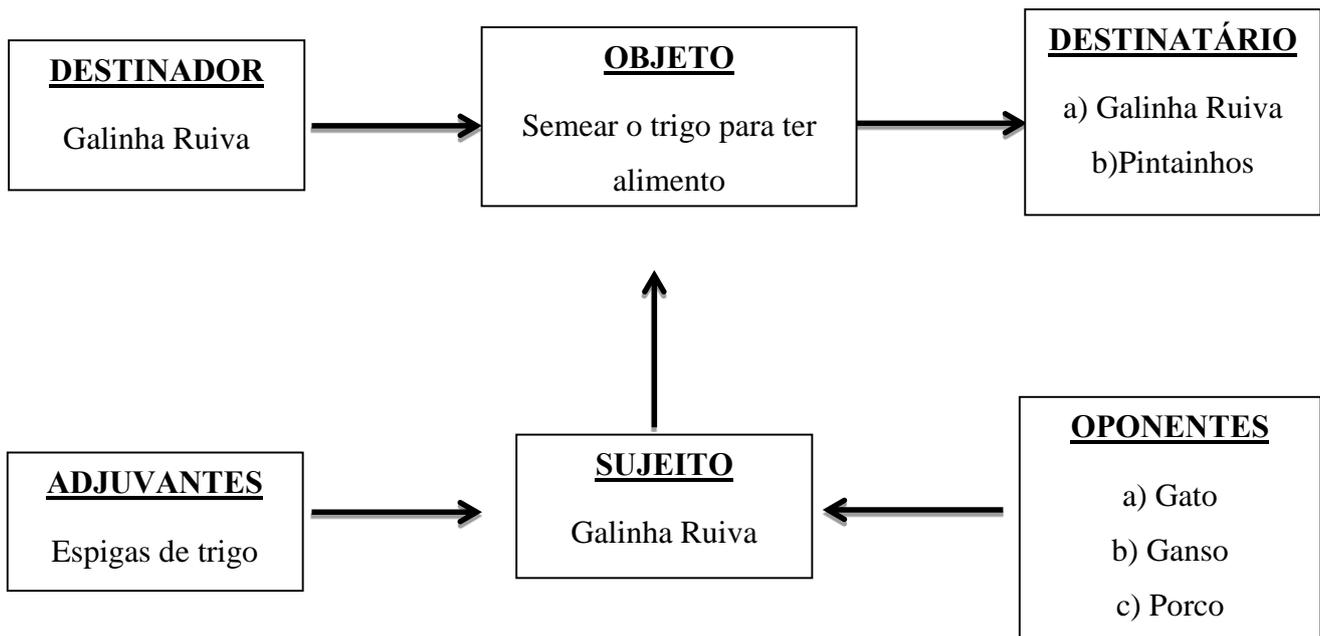
1.1. O NARRATIVO

O texto narrativo é um texto do qual fazem parte vários pontos, que designamos por categorias da narrativa, de entre os quais se destaca a ação, as personagens, o espaço e o tempo. Passemos agora à análise de alguns textos abordados em contexto sala de aula, quer no Pré-Escolar quer no 1º Ciclo, como referimos e que virão apresentados na **Capítulo III** da dissertação.

1.1.1. “A GALINHA RUIVA”

Para a análise do texto “A Galinha Ruiva” (Torrado 2003) seguimos a análise semiótica segundo Cristina Macário Lopes e o esquema actancial de Greimas. Através do esquema actancial em baixo apresentado é de fácil percepção a simplicidade desta narrativa. Este esquema diz respeito ao esclarecimento das funções das personagens no texto “A Galinha Ruiva” (Greimas *apud* Soares 2003:11).

Esquema Actancial de Greimas (Greimas *apud* Soares 2003: 11)



No plano figurativo, podemos afirmar, observando o esquema, que as personagens neste conto são planas, sem qualquer densidade psicológica. Assim, a personagem principal trata-se da Galinha Ruiva uma vez que é sobre ela que o texto se debruça. Como personagens secundárias temos os três oponentes que são eles o Gato, o Ganso e o Porco. Por sua vez, os pintainhos tomam aqui o lugar de figurantes uma vez que não têm um papel preponderante para o desenrolar da história. Devemos salientar que as três personagens secundárias, numa fase inicial do texto, demonstram um sentimento de recusa para com a Galinha Ruiva uma vez que não atendem ao pedido de feito pela mesma de a ajudar a semear o trigo. No entanto, nos últimos parágrafos do nosso texto narrativo, verifica-se que estes três animais evoluem e modificam o seu comportamento para com a Galinha Ruiva pois o facto estar tudo feito e o pão pronto a comer já é algo que lhes agrada mais.

Como referimos vamos seguir o modelo de Cristina Macário Lopes e, como tal, esta em relação à dinâmica da ação/narrativa defende que o processo dinâmico da narrativa se divide em cinco momentos, nos contos tradicionais, que são eles: *Estado inicial*, *Perturbação*, *Transformação*, *Resolução* e *Estado final*. Neste conto, o *Estado inicial* é de equilíbrio porque a Galinha Ruiva pretende semear o trigo de forma a obter proveito no final. Contudo, a recusa por parte do Gato, do Ganso e do Porco de a ajudarem fazem com que haja uma *Perturbação* deste estado tentando, assim, impedir (sem intenção) a Galinha de atingir o seu objetivo.

Por sua vez, com a Galinha a não se preocupar com esta recusa, podemos facilmente observar uma *Transformação* pois tudo está a ser conseguido passo a passo para que o trigo cresça, dê para moer e fazer pão: “*E a Galinha ceifou o trigo e levou-o para o moinho. E a Galinha Ruiva amassou o pão, que ficou muito bem amassado, e cozeu-o no forno, muito bem cozido.*” (Torrado 2003: 2)

Nos últimos parágrafos do nosso texto, é claramente visível uma *Resolução* desta situação, pois a Galinha retribui aos três animais aquilo que eles lhe fizeram: “*Vocês não me ajudaram a semear o trigo. Vocês não me ajudaram a ceifar o trigo. (...) vocês não me ajudarão a comer o pão.*” (Torrado 2003: 2)

Desta forma podemos atestar que existe um *Estado final de equilíbrio* pois quem sai vitorioso é o herói, que neste caso se trata da Galinha Ruiva.

Esta dinâmica da narrativa/ação, segundo o modelo de Cristina Macário Lopes (Lopes *apud* Soares, 2013: 11), tem correspondência às três provas apresentadas por Courtès (1979:13), sendo elas: a *prova qualificadora* que corresponde ao *Estado inicial e Perturbação*; a *prova decisiva* equivalente à *Transformação e Resolução* e, por fim, o *Estado final* equivalente à *prova glorificadora*.

Como o conto “A Galinha Ruiva” começa e acaba numa situação de equilíbrio para o herói, leva-nos a afirmar que existe uma relação de *confirmação* entre os dois estados (*inicial e final*).

No que respeita à relação entre a história narrada e o discurso, devemos dizer que há uma linearidade entre ambos onde não são verificadas analepses mas sim prolepses (avanços no tempo) uma vez que o trigo demora bastante tempo a crescer e na história aparece como se fosse um processo curto, que se resume a duas páginas. De dizer ainda que o tempo do discurso é menos do que o tempo da história, pois este decorre durante um processo de cultivo do trigo podendo, por isso, demorar meses, facto que não acontece

no plano do discurso. Porém, existem diálogos durante o conto, o que significa que o tempo do discurso é igual ao tempo da história durante esse período.

Relativamente ao espaço da ação, esta decorre provavelmente num campo ou numa quinta dado que se tratam de animais domésticos (Galinha, Gato, Ganso e Porco).

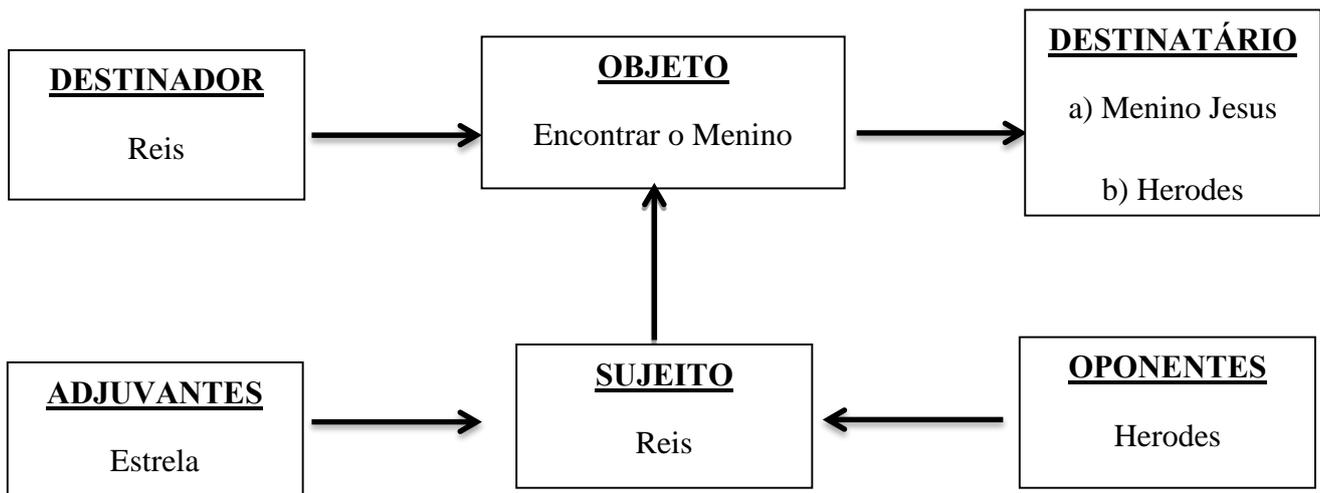
Em relação ao quadro enunciativo, ou seja, voz do narrador, é de tipo omnisciente, pois revela conhecer todos os pormenores que se passam na história. Quanto à sua voz, esta é velada logo, é um narrador não participante, não tecendo quaisquer comentários sobre a história ou sobre as personagens.

Para finalizar, convém dizer que o conto segue o esquema canónico porque termina com a glorificação do herói.

1.1.2. “NO RASTO DA ESTRELA”

Para a abordagem do texto “No Rasto da Estrela” (Torrado s/d), optamos por seguir a análise semiótica segundo Cristina Macário Lopes e o esquema actancial de Greimas. A simplicidade desta narrativa verifica-se através do esquema actancial em baixo apresentado, relativo ao esclarecimento das funções das personagens no texto “No rasto da estrela” (Greimas *apud* Soares 2003:11).

Esquema Actancial de Greimas (Greimas *apud* Soares 2003: 11)



No que respeita ao plano figurativo, podemos afirmar pelo esquema que as personagens neste texto são planas, sem qualquer densidade psicológica. Aqui, é visível a existência de várias personagens principais, os Reis e o Menino, pois a história

desenrola-se à sua volta (à volta do Menino) e por ela (Reis), estando, por isso, no centro da narrativa. Por sua vez, Herodes é a personagem secundária, apesar de contribuir para que a história se desenrole, existe ainda um figurante que se trata da estrela pois sem elas a narrativa também não faria sentido uma vez que é ela quem guia os três reis magos até ao local onde está Menino. Devemos ainda referir que nenhuma das personagens apresentadas sofre qualquer evolução no decorrer da narrativa.

Relativamente à dinâmica da ação/narrativa Cristina Macário Lopes, na sua obra *Analyse Sémiotique des Contes Traditionnels Portugais* (1987), defende a divisão do processo dinâmico da narrativa em cinco momentos, nos contos tradicionais, sendo eles: *Estado inicial*, *Perturbação*, *Transformação*, *Resolução* e *Estado final*. Assim sendo, o primeiro estado, *Estado inicial*, caracteriza-se por uma situação estática que pode ser de equilíbrio ou de falta, o que neste conto se traduz num *Estado inicial de equilíbrio*, uma vez que os Reis pretendem encontrar o Menino para lhe entregarem as suas ofertas. No entanto, começa a verificar-se uma *Perturbação* deste estado resultante de uma ou de várias relações definidas no estado anterior, neste caso da fúria de Herodes que ao ouvir os Reis dizerem “- *Vimos uma estrela que anuncia o nascimento do Rei dos Judeus.*” (Torrado s/d: 1) e também do seu objetivo de matar este Menino, fazendo assim com que haja uma *Transformação*, força que é dirigida em sentido inverso, procurando resolver o conflito existente. Ainda podemos observar que com a medida que é tomada pelos Reis de não regressarem pelo mesmo caminho para que Herodes não soubesse nada acerca do Menino Jesus, a história tem uma reviravolta acabando assim por ser a *Resolução* da mesma, sendo por isso decisiva para o final do nosso conto. Por fim, resta-nos afirmar que com esta atitude por parte dos três reis acima referida, o Menino conseguiu salvar-se e Herodes acabou por perder e não conseguir atingir aquilo tanto desejava e ansiava, ou seja, que o “*seu futuro rival – também estaria entre esses inocentes.*” (Torrado s/d: 2) estando por isso morto e deixando o caminho livre para si, fazendo com que se possa designar este estado de *Estado final de equilíbrio*, constituindo a confirmação do *Estado inicial*.

Esta dinâmica da narrativa/ação, segundo o modelo proposto por Cristina Macário Lopes (Lopes *apud* Soares 2013: 11), que referimos nos parágrafos anteriores, tem correspondência às três provas apresentadas por Courtès (1979:13), sendo elas: a *prova qualificadora* que corresponde ao *Estado inicial e Perturbação*; a *prova decisiva* equivalente à *Transformação e Resolução* e, por fim, o *Estado final* equivalente à *prova glorificadora*.

Relativamente à estrutura lógica da ação, podemos claramente afirmar que há uma relação de **confirmação** entre o *Estado inicial* e o *Estado final*, na medida em que o conto se inicia e termina numa *situação de equilíbrio* para os heróis, ou seja, para o Reis e para o Menino.

No que diz respeito à relação entre a história narrada e o discurso, podemos afirmar que há uma linearidade entre a história (os acontecimentos) e o plano do discurso, onde não se verificam nem analepses ou seja, recuos no tempo, nem prolepses, isto é, avanços na ação. É ainda importante dizermos que o tempo do discurso é muito menos do que o tempo da história. Na verdade, esta decorre durante uma viagem entre diferentes locais, podendo por isso mesmo ocupar meses ou anos até chegarem o local pretendido e procurado, facto que não acontece no plano do discurso uma vez que o seu reconto se resolve em vinte e duas linhas, correspondentes a onze parágrafos.

Desta forma, concluímos que o discurso é um mero resumo dos acontecimentos narrados, pois existe um pequeno diálogo, momento em que o tempo do discurso é igual ao tempo da história.

No que concerne ao espaço da ação, esta decorre em locais diferentes uma vez que se trata de uma viagem dos três Reis, tendo por isso que passar obrigatoriamente por diversos locais. Por isto, os locais em que decorre a ação são: deserto (pelo facto do texto falar em camelos e cavalos), cidade e palácio (o palácio de Herodes) e, por fim, a casa onde vivia o Menino.

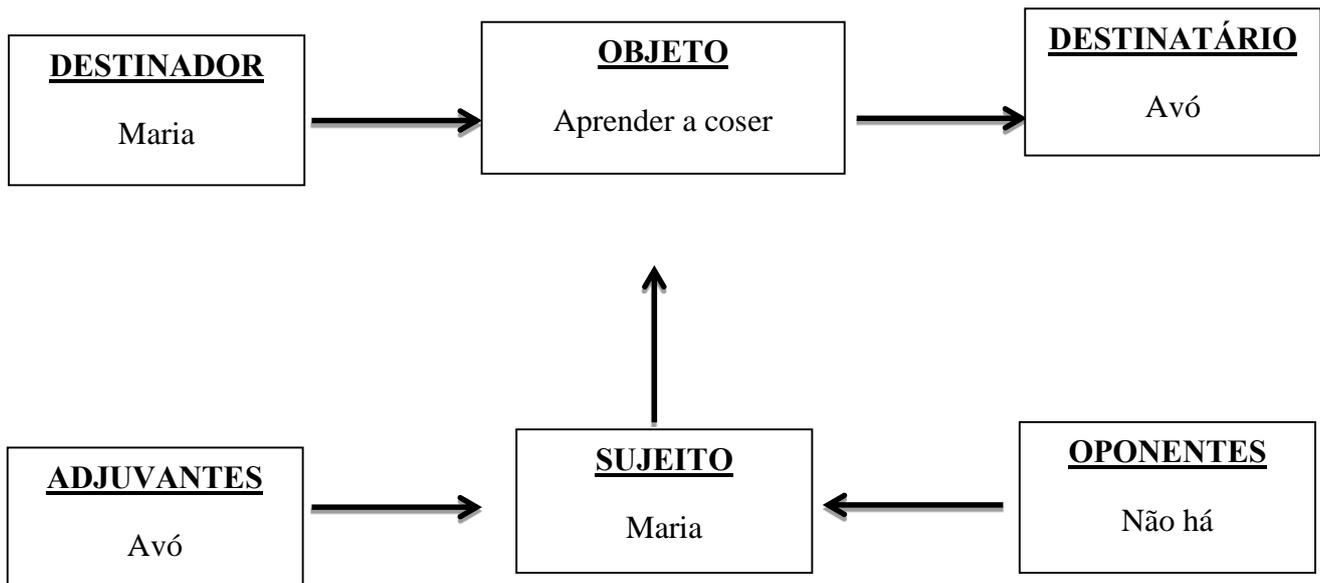
Em relação ao quadro enunciativo (voz do narrador), neste conto “No rasto da estrela”, o narrador é de tipo omnisciente, pois revela conhecer todos os pormenores da ação. Quanto à sua voz esta é velada, o que nos permite afirmar que é não participante, na medida em que não tece quaisquer considerações em torno de emoções das personagens e dos conteúdos da ação.

Por fim, o conto segue o esquema canónico, pois começa e termina numa *situação de equilíbrio* para o herói, ou seja, a **prova glorificadora**.

1.1.3. “A COLCHA FEITA DE BOCADINHOS DE FAMÍLIA”

Para analisarmos o texto “A colcha feita de bocadinhos de família” (Stiwell *et al* 2009) seguimos a análise semiótica que nos propõe Cristina Macário Lopes e o esquema actancial de Greimas. Passemos então à observação e análise do esquema em questão: (Greimas *apud* Soares 2003: 11).

Esquema Actancial de Greimas (Greimas *apud* Soares 2003: 11)



Analisando o esquema, é facilmente perceptível que o *sujeito* se trata da personagem central da história. É, portanto, aquele que realiza a ação, que procura cumprir algum objetivo e que se move com um determinado fim em vista. Tem o estatuto de *herói*.

O *objeto* ou *objetivo* é aquilo que o *sujeito* quer conseguir, ou seja, o que o faz atuar.

O *destinador* é a personagem, o motivo ou a força externa ou interna que move o *sujeito* a querer conseguir o *objeto* ou *objetivo*. É aquele que põe em marcha ação e, no caso deste texto “A colcha feita de bocadinhos de família”, o *destinador* corresponde ao *herói*.

O *destinatário* é quem beneficia se o *sujeito* consegue o *objeto* ou *objetivo*.

Os *adjuvantes* são os que auxiliam o *sujeito* a conseguir o *objeto*.

Os *oponentes* são aqueles que contestam ou querem impedir que o *sujeito* consiga o *objeto*, que neste texto não existe pois não há ninguém nem nada que impeça Maria de atingir o seu objetivo.

Passando ao plano figurativo, observamos a existência de duas personagens principais: Maria e a avó, pois é à sua volta que todo texto se desenrola. Assim sendo, não há personagens secundárias nem figurantes. De dizer ainda que nem uma nem outra (Maria e avó) sofrem qualquer evolução durante a narrativa.

Relativamente à dinâmica da ação/narrativa, Cristina Macário Lopes defende, como já referimos nos pontos anteriores, a sua divisão em cinco momentos. Por isso, neste texto existe um *Estado inicial de equilíbrio* uma vez que a Maria pretende aprender a coser com a avó e saber mais sobre costura. Após este estado, começa a existir uma *Perturbação* porque Maria se começa a questionar se a avó terá a capacidade de remendar corações assim como faz com os tecidos. Começa a haver então uma *Transformação* pois a avó diz-lhe que sim, contrariando aquilo que Maria achava ser impossível de fazer. Há depois uma *Resolução* quando a avó mostra à Maria tudo aquilo que faz e fez com o seu saber e a sua experiência na costura.

No entanto, podemos dizer que neste texto existe um *Estado final de falta* pois Maria não consegue concretizar o seu desejo de aprender a costurar com a avó pois a vida desta terminou antes disso: “ (...) esteve ao lado da avó quando ela fechou os olhos e foi ter com o avó ”(Stiwell et al 2009: 127).

Tomando isto em consideração, afirmamos que o primeiro e segundo momentos (*Estado inicial* e *Perturbação*) correspondem à **prova qualificadora** de Courtès (1979:13), o terceiro e quarto momentos (*Transformação* e *Resolução*) correspondem à **prova decisiva** e, finalmente, o quinto momento (*Estado final*) tem equivalência à **prova glorificadora**.

Atendendo agora às funções de Propp, constatamos a existência de **afastamento**: quando a avó parte, isto é, morre; **informação**: a avó explica à Maria porque fez a manta de retalhos e para que serve e, finalmente, **cumplicidade**: relação que existe entre a Maria e a avó.

No que diz respeito à *relação entre história narrada e o discurso* podemos afirmar que não existem analepses, mas sim prolepses uma vez que se avança no tempo até à morte da avó da Maria: “Muitos anos depois (...) ” (Stiwell et al 2009: 127).

No que diz respeito ao discurso, este é um pequeno resumo dos acontecimentos narrados, apesar de haver um diálogo em que o tempo do discurso é igual ao tempo da história.

No que concerne ao espaço da ação, esta decorrerá, provavelmente, na casa da avó da Maria, pois é lá que Maria passava grande parte do seu tempo, onde a avó tinha as

suas mantas, retalhos, agulhas e todo o material que necessitava para costurar e ensinar a sua neta, mais tarde.

Em relação ao *quadro enunciativo*, o narrador é de tipo onisciente e heterodiegético, pois parece conhecer todos os pormenores da ação e também os pensamentos das personagens. Isto permite-nos e leva-nos a dizer que o narrador é por isso não participante.

Finalmente, ressaltarmos que o conto não segue o esquema canónico, porque começa numa *situação de equilíbrio* mas termina numa *situação de falta*, não havendo por isso uma situação de confirmação entre os dois estados.

1.2. O LÍRICO

O texto lírico é um tipo de texto que recorre a um discurso denso, expressivo, breve e conciso. Assim, neste tipo de texto predomina um “EU” que não se preocupa com caracterizações espaço-temporais.

Desta forma, podemos afirmar que a poesia é a forma de literatura que melhor, e com mais frequência, privilegia o lirismo podendo-o também encontrar em diversos textos em prosa. Assim sendo, “*o verso e os recursos sonoros textuais como a rima, métrica, ritmo, musicalidade e figuras de linguagem favorecem, na poesia, o tratamento da expressão das emoções e pensamentos.*”

Passemos então à análise de alguns dos poemas abordados.

1.2.1. “CORÇÃO DE MÃE”

O poema “Coração de Mãe” (Minhós *et al* 2010) foi abordado, tal como vai ser apresentado no **Capítulo III**, no Dia da Mãe, assim como o poema que vem em seguida no ponto 1.2.2. Desta forma, e como não podia deixar de ser, este poema fala-nos sobre a figura da Mãe e aquilo que ela representa bem como o seu coração e o amor que tem

pelos seus filhos. Assim, externamente observamos um poema um pouco extenso (cerca de 22 quadras) com um esquema rimático livre pois só contém versos soltos ou brancos uma vez que não rimam em nada, ou seja, não existe qualquer correspondência de sons entre nenhuma palavra do poema.

Do ponto de vista da estrutura interna, podemos ver que o poema se vai desenvolvendo à medida que o vamos lendo uma vez que se inicia a falar apenas do coração enquanto músculo e órgão do corpo humano, e posteriormente fala-nos dele como elo de ligação entre mães e filhos, facto que acontece não só através do cordão umbilical (“*fião fininho*” (Minhós *et al* 2010: 2)) mas também pelos sentimentos que unem estas duas figuras. Podemos afirmar que é utilizada a enumeração, como figura de estilo, para caracterizar os conteúdos apresentados pois existe uma descrição/enumeração de uma série de coisas que acontecem aos filhos que as mães vivem de forma intensa, que acabam por sentir tudo como os filhos e por eles (“*Quando os filhos dão gargalhadas/o coração de mãe até dança*” (Minhós *et al* 2010: 4)). No entanto, esta não é a única figura de estilo mas também nos é apresentada, numa das partes do poema, uma comparação: “(*...*) *o coração de mãe é como um novelo embaraçado*” (Minhós *et al* 2010:11), uma vez que consiste em estabelecer uma relação de semelhança entre duas ideias, através da partícula comparativa “como” neste caso comparando o coração de uma mãe a um novelo difícil de desembaraçar. O autor do poema recorre ainda à metáfora, uma espécie de comparação abreviada, dada pelo desaparecimento da partícula comparativa, de modo a criar-se um efeito-surpresa, fazendo assim com que o significado da palavra seja alargado: “*Mas quando chega a hora/ de ir buscar os filhos/ à escola/ parece um avião/ a jacto!*” (Minhós *et al* 2010: 15).

Finalmente, este poema acaba por concluir que o coração de mãe não é só um músculo, como toda a gente tem, mas sim um lugar mágico onde tudo pode acontecer (coisas boas e más).

1.2.2. POEMA “PARA A MINHA MÃE”

O poema “Para a Minha Mãe” (s/a) tem como temática o Dia da Mãe, tal como o anterior, e aquilo que esta figura maternal representa. Desta forma, o poema é constituído por três estrofes de quatro versos cada uma (quadras) com o esquema rimático ABCB, sendo por isso uma rima cruzada imperfeita. Sendo assim, podemos observar que o 1º e o 3º versos são versos soltos ou brancos e o 2º e 4º versos rimam, sendo que as palavras

que rimam são as seguintes: “*presentinho/carinho*” (1ª quadra), “*dizer/querer*” (2ª quadra) e “*trocar/ficar*” (3ª quadra).

No que respeita à estrutura interna, com o poema podemos afirmar que este nos transmite a ideia de que é um filho a falar para uma mãe, descrevendo-a e descrevendo aquilo que sente por ela. Assim, conseguimos observar três partes distintas, correspondentes às três estrofes que passamos a apresentar e descrever. Na primeira quadra é-nos apresentado o poema como um presente para a mãe feito com todo o amor; na segunda quadra temos uma chamada de atenção para a mãe “*Ouve bem, minha mãezinha*” (s/a) para que esta esteja atenta ao que se segue e às palavras que o filho tem para dizer, aqui classificado como segredo e na terceira e última quadra, temos uma finalização do poema com a troca de amor entre mães e filhos.

Relativamente à forma e ao conteúdo do poema verificamos que ambos se relacionam através das partes em que o poema está dividido bem como a figura de estilo que ele contempla que se trata do paralelismo ou simetria, ou seja, a repetição do esquema/construção da frase é a mesma: “*(...) muito, muito (...)*”.

Podemos concluir então que este poema é o ideal para apresentar num dia como este, o Dia da Mãe, pois as crianças conseguem memorizá-lo rapidamente e passá-lo para o papel através do desenho, tal como podemos ver no **Capítulo III** desta dissertação.

1.2.3. POEMA “É O MEU MAIOR AMIGO”

O poema “É o meu maior amigo” (Henriques *et al* 2006), podemos afirmar que este tem como tema/assunto principal como o próprio título diz a festividade do Dia do Pai. Assim, este poema é constituído externamente por duas estrofes com quatro versos cada uma (quadras), sendo que a primeira contempla uma rima cruzada imperfeita com dois versos soltos e as palavras que rimam são “*esquecer/ter*”, a segunda estrofe trata-se de uma rima cruzada perfeita com o esquema rimático ABAB em que as rimas são “*dedicado/zangado*” (1º e 3º verso) e “*fim/mim*” (2º e 4º verso).

No que respeita à parte interna deste poema, conseguimos ver duas partes distintas tal como o número de estrofes. Desta forma, a primeira quadra é-nos apresentado um pai e o amor que se tem por ele. Na segunda estrofe, é dirigida diretamente para o pai, explicando algumas características que tem tais como dedicado, o amor que dá e que, apesar de estar zangado, o amor que sente pelo seu filho é exatamente o mesmo.

Em relação à sua forma e ao seu conteúdo estes relacionam-se entre si pois todo o poema se debruça sobre o mesmo tema. Podemos ainda observar que existe uma dupla adjetivação (“*dedicado e zangado*”).

1.2.4. “SOU O CORAÇÃO”

O poema “Sou o coração” (Lamas *et al* 2000) tem como tema principal o coração e os alimentos/attitudes que lhe são prejudiciais mas também àquelas que lhe são benéficas.

No que diz respeito à sua estrutura externa, podemos verificar que o poema é constituído por cinco estrofes (quadras) em que os seus versos rimam dois a dois, ou seja, o primeiro rima com o segundo e o terceiro rima com o quarto, sendo, por isso considerada como uma rima emparelhada com o esquema rimático AABB. Ainda de salientar que existem diversas palavras que rimam que passo a apresentar: “*coração/brincalhão; coração/pedinchão*” (1ª quadra); “*cuidado/tratado; sal/mal*” (2ª quadra); “*doente/sempe; sal/mal*” (3ª quadra); “*parar/amar; cuidado/ zangado*” (4ª quadra).

Relativamente ao seu conteúdo e forma, consideramos que estes se interrelacionam uma vez que são utilizadas figuras de estilo como a personificação pois ao longo de todo o poema parece-nos ser o coração a falar daquilo que gosta ou não, do que lhe faz bem ou mal e daquilo que devemos ou não fazer, falando sempre na 1ª pessoa do singular (“*Eu peço juízo, eu peço cuidado/Eu quero miminhos e ser bem tratado...*” (Lamas *et al* 2000: 4)) ilustrando assim os conteúdos do mesmo.

1.2.5. “TUDO AO CONTRÁRIO”

O poema “Tudo ao Contrário” (Soares *apud* Lima *et al* 2013) trata-se de um poema que tem como tema/assunto a diferença e aquilo que ela tem de bom e de mau.

Em relação à sua estrutura externa podemos constatar que este é composto por seis estrofes, com quatro versos cada uma (quadras) sendo que o 2º e 4º versos formam uma rima cruzada perfeita e cada um deles está dividido em seis partes iguais, sendo por isso versos hexassílabos ou heroicos quebrados.

No que diz respeito à sua estrutura interna observamos que todo ele faz uma descrição daquilo que o “menino do contra” fazia, ressaltando as suas atitudes e sentimentos.

Este texto está relacionado com o tema da diferença, pois trata-se de um menino diferente dos outros uma vez que gostava de contrariar as outras pessoas, o que nos permitiu questionar/provocar um “debate” na turma sobre a atitude da personagem do texto, se esta estaria a ser correta ou não em fazer as coisas de forma oposta, ao que era normal e em relação àquilo que as outras pessoas mandavam.

1.2.6. MÚSICA “CANTAR AS JANEIRAS”

Para analisarmos o texto “Cantar as Janeiras” (Henriques *et al* 2006) é necessário termos em conta o género do mesmo, o lírico e, como tal, devemos destacar o tema/assunto do texto que são as janeiras, abordado do geral para o particular. No que diz respeito à estrutura externa, temos um poema constituído por três quadras, sendo que a primeira é composta por uma rima cruzada imperfeita (ABCB), a segunda tem o esquema (DEFE) o que nos mostra que é uma rima cruzada imperfeita com dois versos soltos, tal como a terceira. Toda a composição segue o esquema rimático (ABCB, cf. 1ª quadra), o que significa, como já referimos uma rima cruzada imperfeita, na medida em que há dois versos brancos ou soltos.

Relativamente à estrutura interna podemos verificar claramente que este se divide em três partes distintas, tal como o número de quadras que o contemplam. Assim, podemos afirmar que a primeira quadra começa com a explicação daquilo que é esta tradição das janeiras e aquilo que ela representa enquanto tradição e o facto de esta se estar a perder através dos versos “*Cantar as janeiras/pelo ano novo/é manter bem vivas/tradições do povo*”. Posteriormente, segue-se nos versos “*Casa a casa vamos/ao romper do dia/cantar as janeiras/com muita alegria*” aquilo que cada grupo de pessoas faz nesta época do ano, nomeadamente a ida porta a porta para cantar as janeiras como forma de saudação e com o intuito de receber alguma coisa (dinheiro, por vezes), facto este que se verifica na estrofe seguinte pois refere a oferta que as pessoas das casas que recebem estes grupos fazem, ressaltando os versos “*E quem nos recebe/dá-nos um presente/e nós desejamos/paz para toda a gente*”.

Esta música contempla alguns verbos de movimento como: cantar; vamos; romper e recebe.

Ainda de salientar que as rimas existentes são: “*janeiras/vivas*”; “*novo/povo*”; “*dia/alegria*”; “*presente/gente*”.

Todo este poema está relacionado entre si quer no seu conteúdo quer na sua forma, pois explica de forma clara e perfeita aquilo que se passa na realidade durante o mês de janeiro em diversas zonas do nosso país, sendo mais tradicional na zona norte e interior.

1.2.7. “CANÇÃO DO XIXI” PARA A APRENDIZAGEM DO SISTEMA URINÁRIO

Para iniciarmos a análise do poema “Canção do xixi” (Vasconcelos 2012), devemos salientar o tema/assunto do mesmo uma vez que este faz referência a todos os órgãos do sistema urinário, a sua função e a forma como decorre todo o processo deste sistema.

Relativamente à estrutura externa deste poema é necessário termos em consideração que todo ele nos é apresentado com rimas cruzadas imperfeitas, uma vez que entre os versos que rimam existem dois versos que não rimam (os denominados versos soltos ou brancos).

No que diz respeito à estrutura interna do poema, este inicia-se falando dos rins (“*Era uma vez os rins*”), do seu aspeto e forma (“*em forma de feijão*”) e para que servem (“*que são dois passadores para o sangue vermelhão*”).

Seguidamente, o texto introduz os restantes órgãos do sistema, nomeadamente os ureteres (“*... um líquido amarelo que vai por dois tubinhos*”) e a bexiga (“*... para um saco redondo chamado bexiga...*”).

O poema prossegue, explicando aquilo que acontece a seguir no nosso corpo, desde a hora em que chega a vontade de ir à casa de banho até à cor da urina.

Em relação aos conteúdos e forma, estes relacionam-se em todo o poema e podemos ver que existe recurso a algumas figuras de estilo como é o caso da personificação: “*O sinal vai ao cérebro/dizer que está na hora/de ir à casa de banho/deitar o xixi fora*”; da comparação: “*era uma vez os rins em forma de feijão*” e adjetivação: “*saco redondo... líquido amarelo... sangue vermelhão*”. Como podemos ver

estas figuras de estilo ajudam na compreensão do poema, pois através delas é possível percebermos como funciona na realidade o nosso sistema urinário.

Como conclusão, devemos ter em atenção que todo o poema tem uma linguagem clara e simples e traduz na perfeição o que, na realidade, se passa no corpo humano.

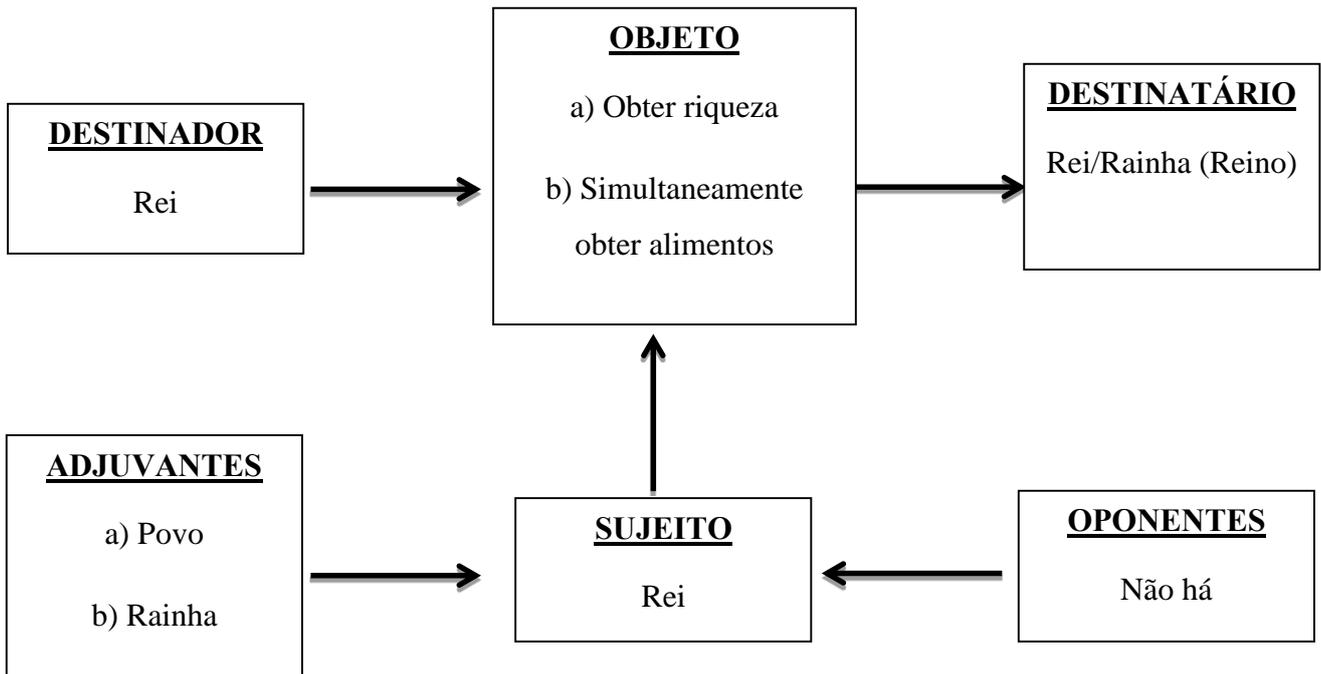
1.3. TRADIÇÃO ORAL

Segundo Parafita, a tradição oral é basicamente “ (...) a transmissão de saberes feita oralmente, pelo povo, de geração em geração, isto é, de pais para filhos ou de avós para netos. (...) ” (Parafita 2005: 30). Assim sendo, estes textos são, no fundo, saberes que podem ser de diversos tipos desde os usos e costumes das comunidades aos contos populares, lendas, mitos e muitos outros textos que o povo guarda na memória como é o caso dos provérbios, das orações, das lengalengas, das adivinhas, dos cancioneros, entre muitos outros. Este autor refere ainda que é “ (...) através deles que cada povo marca a sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural (...) ” (Parafita 2005: 30). Por tudo isto, consideramos fundamental analisar também alguns destes textos, que a seguir apresentamos.

1.3.1. CONTO TRADICIONAL “FALTA DE ALIMENTOS”

Para a análise do conto “Falta de Alimentos” (s/a) optamos por seguir a análise semiótica segundo Cristina Macário Lopes e o esquema actancial de Greimas. O esquema actancial demonstra a simplicidade desta narrativa como podemos observar no mesmo que se segue, relativo ao esclarecimento das funções das personagens no texto (Greimas *apud* Soares 2003:11).

Esquema Actancial de Greimas (Greimas *apud* Soares 2003: 11)



No que concerne ao plano figurativo, podemos afirmar, observando o esquema, que as personagens neste conto são planas, sem densidade psicológica. O Rei é a personagem principal pois está no centro da narrativa, a Rainha é a personagem secundária pois apesar de ter uma intervenção esta não é assim tão relevante quanto a do Rei, daí ser secundária e “as pessoas”, que representam o povo, são figurantes pois sem elas a narrativa também não faria sentido uma vez que o texto necessita destas “pessoas” para que faça sentido. Ainda de referir que nenhuma das personagens que estão a ser apresentadas sofre qualquer evolução no decorrer da narrativa.

Relativamente à dinâmica da ação/narrativa, é perceptível que existe um *Estado inicial de equilíbrio* uma vez que se verifica, no início deste conto tradicional, que o Rei que vive em paz no seu reino, pretende explorar minas de ouro. Seguindo o nosso conto facilmente vamos apercebendo da existência de uma *Perturbação* deste estado que começa com a escassez de alimentos em todo o reino: “*Os produtos agrícolas foram acabando e começava a sentir-se fome*” (s/a). No entanto, isto é contrariado pela *Transformação* que acontece com a medida que é tomada pela rainha de servir um almoço de ouro, que podemos confirmar através do 3º parágrafo do texto “*Certo dia, ao almoço, mandou pôr os alimentos de ouro na mesa.*” (s/a). Segue-se então uma *Resolução* que podemos verificar através da decisão régia de patrocinar de novo a agricultura. Finalmente, conseguimos claramente apercebemo-nos que existe um *Estado final de*

equilíbrio pois a rainha dirige-se ao Rei e “fez-lhe ver” a necessidade de implementar a agricultura, além das minas fazendo com que este promovesse de novo a agricultura.

A dinâmica da narrativa/ação acima exposta, segundo o modelo proposto por Cristina Macário Lopes (Lopes *apud* Soares 2013: 11) tem correspondência ao modelo de divisão proposto por Courtès (1979:13), sendo a ***prova qualificadora*** equivalente aos dois momentos da narrativa designados *Estado inicial* e *Perturbação* referidos anteriormente; a ***prova decisiva*** equivalente à *Transformação e Resolução* e, finalmente o *Estado final* que corresponde à ***prova glorificadora***.

Relativamente à estrutura lógica da ação, podemos afirmar que há uma relação de ***confirmação*** entre o *Estado inicial* e o *Estado final*, na medida em que o conto começa e acaba numa *situação de equilíbrio* para o herói, ou seja, para o Rei.

No que diz respeito à relação entre a história narrada e o discurso podemos afirmar que há uma linearidade entre a história (os acontecimentos) e o plano do discurso, onde não se verificam nem analepses (recuos no tempo) nem prolepses (avanços na ação). Podemos ainda dizer que o tempo do discurso é muito menos do que o tempo da história. Na verdade, esta decorre durante uma governação, talvez ocupando meses ou anos. No plano do discurso, o reconto resolve-se em onze linhas.

Podemos, portanto, concluir que o discurso é um mero resumo dos acontecimentos narrados, pois existe um pequeno diálogo, momento em que o tempo do discurso é igual ao tempo da história.

Em relação ao quadro enunciativo (voz do narrador), neste conto intitulado “Falta de alimentos”, o narrador é de tipo omnisciente, pois revela conhecer todos os pormenores da ação. Quanto à sua voz, esta é velada, logo, pode afirmar-se que é não participante, na medida em que não tece considerações em torno de emoções das personagens e dos conteúdos da ação. No entanto, há uma pontuação com reticências e exclamações que indiciam a coincidência da voz do narrador com a posição da rainha. Este parece mesmo agir em cumplicidade com ela (Rainha), pois a moral da história contida no último parágrafo do texto “*Então, a rainha fez-lhe ver (ao Rei), que o oiro não se podia comer e que seria melhor fazer regressar os lavradores às suas terras*” (s/a) o que vem dar razão àquela personagem.

Finalmente, podemos afirmar que o conto segue o esquema canónico, pois começa e termina numa situação de equilíbrio para o herói ou a ***prova glorificadora***.

Em suma, para nós, o trabalho com diferentes tipos de textos permite diversas formas de interação no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, tais como o contato direto com a língua, a compreensão do sistema linguístico e suas variações, a capacidade de análise dos alunos, a observação de diferentes géneros literários, a visualização de que os géneros esteticamente são diferentes, entre outros aspetos.

Dessa forma, consideramos que esta análise aqui realizada se trata de uma temática importante e essencial na formação e capacitação de educadores/professores independentemente do nível em que leciona, pois para ensinar é fulcral saber-se o que se está a fazer e a trabalhar, pois

“a leitura é um processo complexo em que, para além da decifração, o leitor tem que mobilizar chaves de interpretação que incluem o uso de conhecimentos extra-textuais, a compreensão de que a ilustração do texto transporta informação suplementar, o uso de processos de inferência e de apreciação de contextos metafóricos no reconhecimento de ideias e de sentimentos implícitos, como é o caso do sofrimento, da ironia ou do humor.”

(Hancock 1999 *apud* Sim-Sim 2007: 23)

No entanto, isto depende também dos grupos de crianças que temos à nossa frente e da capacidade das mesmas, nunca descurando que estes textos ajudam os mais pequenos a crescerem. Como tal, seguimos na próxima parte, com a apresentação dos grupos de trabalho, caracterizando-os primeiramente e depois falando acerca das atividades desenvolvidas e aplicações destes e de outros textos que não foram aqui mencionados, como adiante se verá.

CAPÍTULO III

A LITERATURA ATRAVÉS DA MÚSICA: A PRÁTICA DO EDUCADOR/PROFESSOR

No terceiro capítulo desta dissertação visamos a realização prática dos conteúdos da Expressão e Comunicação em ambiente de sala de aula.

A nossa prática distribuiu-se por dois níveis de ensino, o Pré-Escolar e o 1º Ciclo, abarcando, como tal, várias faixas etárias (desde os três aos nove anos). A amostra não contém alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) ao abrigo do artigo 19 (*Política de Educação*) da Lei nº 9/89 de 2 de Maio (Revogada pela Lei 38/2004) presente na “Lei de Bases da Prevenção e da Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência”, nem alunos retidos. Todavia, no que diz respeito ao ensino do 1º Ciclo, num total de 26 alunos (100%), 2 alunos (7,69%) revelaram défice cognitivo e hiperatividade. Neste último caso, há que salientar o grau de dístrabilidade, o défice de atenção, factos que levam a resultados menos positivos ao nível da aprendizagem.

Por uma questão de método, optamos por dividir o **Capítulo III** em dois itens, um dos quais relativo ao Pré-Escolar e o seguinte relativo ao 1º Ciclo do Ensino Básico (3º ano) como a seguir se pode verificar.

1. PRÉ-ESCOLAR

1.1. CARATERIZAÇÃO DOS DESTINATÁRIOS E DOS ESPAÇOS

O Jardim de Infância onde estivemos a fazer estágio designa-se *Jardim de Infância de S. Pedro (Corgo)*, que se localiza na freguesia de S. Pedro em Vila Real e que recebe 94 alunos. Esta instituição pertence ao agrupamento de escolas de Diogo Cão que se estende por dezoito freguesias do concelho de Vila Real, sendo elas: Torgueda, Adoufe, Borbela, Campeã, Lamas de Ôlo, Lordelo, Mondrões, Pena, Quintã, Parada de Cunhos, Vila Cova, Vila Marim, Vilarinho da Samardã, Nª Sr.ª da Conceição, S. Dinis e S. Pedro, contemplando 21 Jardins de Infância (28 salas), 23 escolas do primeiro ciclo (61 turmas) e uma escola de segundo e terceiro ciclos. É um mega agrupamento que se distribui por zonas rurais e urbanas.

Esta caracterização do meio adquire maior importância devido ao facto do *Jardim de Infância de S. Pedro (Corgo)*, ser urbano, proporcionando às crianças o acesso a fatores e recursos que contribuem para aquisição de diversas aprendizagens, contrariamente ao que se verifica nas zonas rurais.

É ainda de salientar que a escola de que faz parte esta sala (Jardim de Infância de S. Pedro- Corgo) se encontra em obras e, por isso, todas as turmas da instituição foram provisoriamente deslocadas para outro edifício – o Seminário de Vila Real - que se localiza na freguesia de D. Dinis, e que tem, mesmo não sendo uma “verdadeira” escola, todas as condições necessárias para acolher todos os alunos, a nível de espaço. Além disso, tem uma vantagem de se situar no coração da cidade, facto que proporciona visitas de estudo a pé.

Passando agora à caracterização do grupo de crianças, este é composto por vinte e cinco crianças, sendo que 10 são do sexo masculino e 15 do sexo feminino.

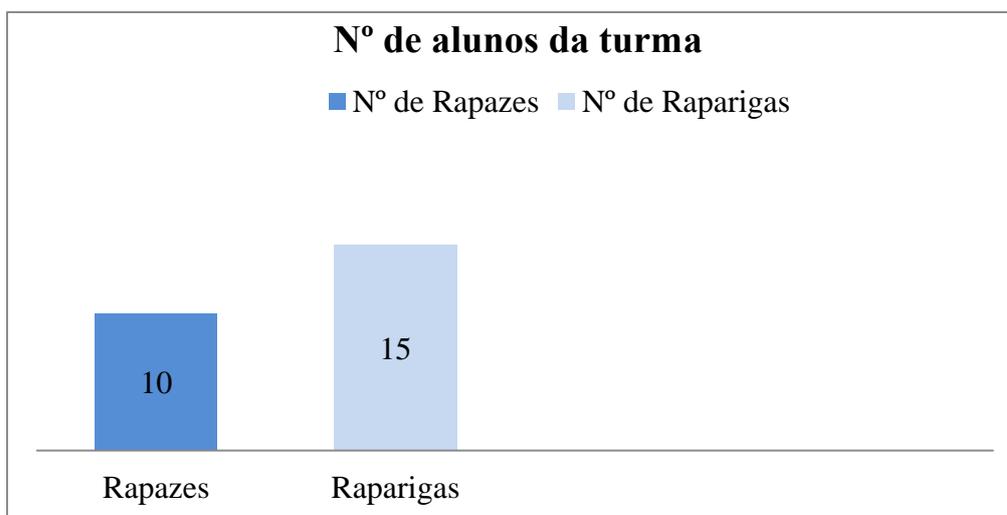


Gráfico 1: Número de crianças do grupo

1.2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

No que diz respeito às estratégias e às atividades desenvolvidas no pré-escolar, estas foram pensadas de acordo com as faixas etárias (entre os três e os seis anos de idade), tendo objetivos específicos, de acordo com a maturidade e capacidade das crianças. Uma criança de dois ou três anos não tem, por regra, a maturidade de uma de seis.

1.2.1. ABORDAGEM PRÁTICA DO TEXTO LÍRICO “CORAÇÃO DE MÃE”

No intuito de desenvolver a área de comunicação e expressão, escolhemos um *corpus* textual que, não raras vezes, musicámos para melhor chegarmos à criança. Assim, começámos por ler o texto lírico “Coração de Mãe” (Minhós *et al* 2010). Este texto tem como tema principal a definição e as funções de uma mãe. Começa por dar relevo ao

coração, mas fica a noção de que este consegue abarcar uma imensidão de coisas/pessoas extraordinárias.

Apresentámos este texto como forma de celebrar o *Dia da Mãe* que se aproximava e que era uma data tão especial para todos os meninos, pois iriam ter uma festinha na escola para as suas mães. Desta forma, começámos por aproveitar o período da hora do conto para ler este texto como forma de introdução deste dia. O texto começava da seguinte forma:



“O coração de mãe não é só um músculo que bate sem parar.

É um lugar mágico onde acontecem as mais extraordinárias das coisas...

O coração de mãe está ligado a cada coração de filho por um fio fininho, quase invisível.”

(Minhós *et al* 2010:1)⁴

Ao mesmo tempo que líamos a história, acompanhávamos o texto de imagens que a continham e que iam sendo mostradas ao grupo de crianças como forma de explicação do significado deste dia e para que as crianças tivessem um melhor entendimento dos conteúdos em questão. Eis o modo como apresentámos visualmente o texto.



“Mas o coração de mãe volta a crescer quando o filho se sente finalmente melhor!”

(Minhós *et al* 2010: 7)

⁴ O texto na íntegra encontra-se nos anexos, cf. Anexo 1.

Como a música é um grande suporte de aprendizagem e traz por si um aporte de significado ao conhecimento do mundo cantámos a seguinte canção:

Mãe, querida mãe,
hoje eu canto para ti
para te dizer
gosto muito de ti.

Tu para mim és o sol,
e uma canção.
e eu para ti,
sou uma flor em botão.

Papagaio Loiro



(Adaptação da canção “Papagaio Loiro”)

Depois de lermos e cantarmos o poema, fizemos em conjunto um resumo dos textos e cada criança fez o registo das histórias em desenho.



Mafalda, 5 anos

Figura 1: Registo da história (Fonte Própria)

Para além do registo, aproveitámos o facto de estarmos a falar sobre *o Dia da Mãe* e deste “coração de mãe” para fazermos um coração grande em cartolina vermelha para colocarmos num dos painéis da nossa sala com o registo escrito por nós daquilo que as crianças diziam que era a sua mãe: descreveram-na fisicamente, psicologicamente, e profissionalmente. Definiram-lhes os gostos, os afetos, as emoções e os *hobbies*.



Figura 2: Painel construído com a opinião das crianças sobre as suas mães (Fonte Própria)

Em suma, num total de 25 crianças (100%) apenas uma criança (4%) não compreendeu a estrutura e os conteúdos do poema, colocando-nos a questão de saber se há incapacidade da criança ou problemas relacionais, que o seu desenho apresenta:



Daniel, 4 anos

Figura 3: Postal Dia da Mãe (Fonte Própria)

1.2.2. APLICAÇÃO PRÁTICA DO TEXTO NARRATIVO “A COLCHA FEITA DE BOCADINHOS DE FAMÍLIA”

Como dia 15 de Maio se trata do *Dia da Família*, abordámos este texto precisamente nesse dia, uma vez que se adequa perfeitamente ao tema. Assim, começámos por questionar o grupo de crianças sobre as suas famílias e, cada uma delas

teve de fazer a apresentação da sua família, sendo que a auxiliávamos com perguntas para que fosse mais fácil construírem os seus raciocínios.

Depois de responderem a questões como “Quem é a tua família?”; “Quem são os elementos da tua família?”; “Quantos moram contigo?”, passámos à leitura desta história (com algumas adaptações pois a história era um pouco longa. cf. Anexo 2).

O texto, pertencente ao género, é a história de uma menina, Maria, que queria aprender a coser com a sua avó pois era aquilo que a sua avó sabia fazer melhor e mais gostava de fazer. Sempre que Maria dormia com a avó, fazia questão de a interrogar sobre cada tecido que a sua avó tinha em casa:

– E aquele, cor-de-rosa às pintinhas? – apontava a Maria.
– Gosto tanto desse. Não gostas, Maria? Esse, esse era dos vestidos que fiz para a Sofia, para a Marta e para a Mariana. Ficavam tão queridas, todas de igual. E a avó começava a sorrir outra vez, porque se lembrava de quando as netas mais velhas eram pequeninas.

(Stiwell *et al* 2009: 125)

Depois de tantas questões, a avó mostrou à Maria que tinha uma colcha feita de bocadinhos de família, isto é, cada bocado de tecido que completava a colcha pertencia a cada elemento da família, o que deixou a Maria muito feliz por saber que a avó guardava as recordações de cada um deles.

Muitos anos depois estive ao lado da avó quando ela fechou os olhos e foi ter com o avô, e não ficou muito, muito triste, porque a avó tinha um sorriso muito contente na cara, porque sabia que, para além do avô, ia ser recebida à porta do Céu por Deus, que ela já conhecia muito bem, e há muitos anos, mas a quem nunca tinha apertado a mão, assim mão na mão, como na Terra se aperta às pessoas de quem gostamos.

A avó não se tinha esquecido daquele dia em que ela e a Maria tinham descoberto a família em cada bocadinho de pano daquela colcha. |

(Stiwell *et al* 2009: 127)

Para finalizar, considerámos que esta história foi bastante importante de trabalhar uma vez que cada criança apresentou a sua família o que a obrigou a pensar e desenvolver a linguagem e também a partilhar a sua história com as outras crianças.

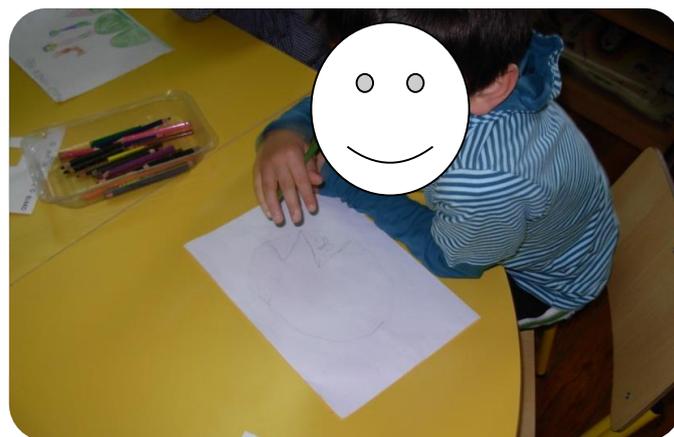
Genericamente, tomando como exemplos o texto “A colcha feita de bocadinhos de família” e “Coração de Mãe”, podemos afirmar que a família (tópico explorado por nós em sala de aula) é a base da sociedade, a génese dos afetos, o lugar de segurança e o fundamento da educação.

Esta amostra de crianças (salvo, talvez, uma exceção) não revelou défices relacionais.

1.2.3. APLICAÇÃO DO TEXTO NARRATIVO “A RODA DOS ALIMENTOS” NA SALA DE AULA

Esta história foi abordada, pois foi solicitada pela Educadora Cooperante no âmbito do projeto que estava a ser desenvolvido na sala de aula denominado PASSEZinho, ligado à alimentação saudável e hábitos saudáveis. Desta forma, foi apresentada esta história em *powerpoint* (cf. Anexo 3) pois torna-se mais atrativo para as crianças uma vez que tinha animação e podiam ao mesmo tempo ver a formação da roda dos alimentos. Procedemos à explicação daquilo que era a roda dos alimentos e os alimentos que contemplava cada fatia, solicitando depois as crianças para que registassem aquilo que tínhamos estado a falar. Construámos também uma roda dos alimentos em conjunto. Daí resultaram registos, alguns deles que passámos a apresentar:

Figura 4: Registo da roda dos alimentos
(Fonte Própria)



Depois deste registo, fomos promovendo o diálogo para que pudéssemos chegar àquilo que são considerados alimentos saudáveis e alimentos menos saudáveis, aquilo que seria bom para tomarmos em cada refeição do dia (pequeno almoço, almoço, lanche e jantar).



Maria, 4 anos

Figura 5: Registo de um bom pequeno-almoço (Fonte Própria)

Para finalizarmos este assunto, ainda o interligamos com os hábitos de higiene que devemos ter com o nosso corpo, mais concretamente com a nossa boca (alimentação), fazendo vários jogos e construindo uma boca e registando aquilo que necessitámos para lavar os dentes.



Figura 6: Boca construída por nós (Fonte Própria)

As crianças foram muito recetivas a estes conteúdos referentes à alimentação e à higiene, sendo que os resultados se podem ajuizar pelas suas ilustrações:



Tomás, 5 anos



José, 4 anos

Figura 7: Registo do que necessitamos para lavar os dentes (Fonte Própria)

1.2.4. APLICAÇÃO EM SALA DE AULA DO CONTO “A GALINHA RUIVA”

Na hora do conto optámos pela leitura de uma fábula, assim colocámos as crianças sentadas à volta da mesa de acolhimento para que todas pudessem ouvir a história atentamente. Depois de lermos a história, fomos questionando as crianças sobre aquilo de que falava a nossa história, personagens, pedindo mesmo às mais velhas que recontassem a história.

No fundo, esta história, aborda os conceitos de respeito, entreajuda, compreensão, amizade, companheirismo, trabalho, esforço e dedicação que, na nossa opinião, são necessários para as crianças nesta faixa etária pois, é desde aqui, que este tipo de valores se deve manifestar e demonstrar, pois a

“Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida.”

(Ministério da Educação 1997: 51)

Esta história fala-nos de uma galinha que necessitava de ajuda para semear as espigas de trigo que tinha achado, pediu ajuda a diversos animais (porco, gato, ganso) e

todos eles se recusaram, então decidi semear sozinho. Mais tarde, quando o trigo cresceu pediu ajuda para o ceifar, mas todos eles se recusaram, como anteriormente.

A galinha ruiva achou umas espigas de trigo.
Ela chamou o gato. Ela chamou o ganso. Ela chamou o porco.
A galinha ruiva disse:
– Quem me ajuda a semear o trigo?
– Eu não – disse o gato.
– Eu não – disse o ganso.
– Eu não – disse o porco.
– Então semeio eu o trigo – disse a galinha ruiva.
E a galinha ruiva semeou o trigo.
O trigo cresceu.
A galinha ruiva disse:
– Quem me ajuda a ceifar o trigo?
– Eu não – disse o gato.
– Eu não – disse o ganso.
– Eu não – disse o porco.
– Então ceifo eu o trigo – disse a galinha ruiva.
E a galinha ruiva ceifou o trigo e levou-o para o moinho.

(Torrado 2003: 1)⁵

E assim aconteceu diversas vezes, até que o trigo se transformou em pão e a galinha decidiu cozê-lo e comê-lo. Para este último, já todos os animais se mostraram disponíveis para a ajudar, pois esta tarefa já era mais agradável e exigia menos sacrifício do que as atividades anteriores. Vendo esta atitude, a galinha respondeu da seguinte forma:

A galinha ruiva disse:
– Vocês não me ajudaram a semear o trigo. Vocês não me ajudaram a ceifar o trigo. Vocês não me ajudaram a fazer o pão. Pois então vocês não me ajudarão a comer o pão. Os meus pintainhos comerão o pão.
E a galinha ruiva e os pintainhos comeram o pão.

(Torrado 2003: 2)

Como é próprio da fábula, texto que dialogam animais e que tem uma moral expressa, esta termina com:

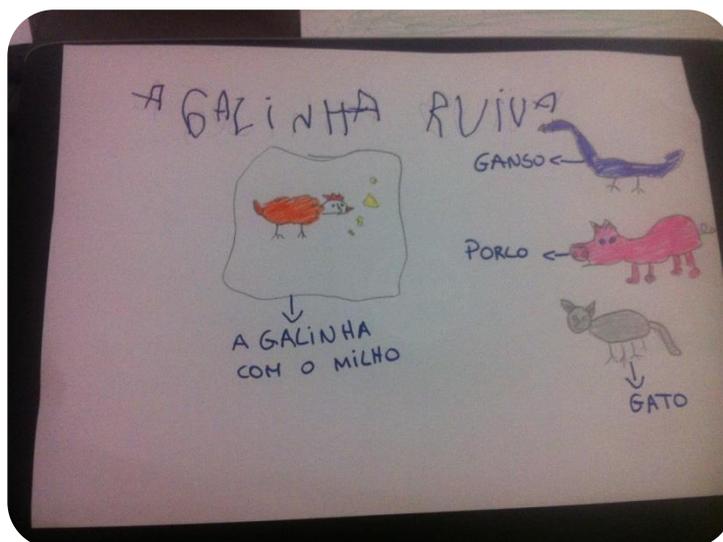
Quem não trabuca não manduca.

(Torrado 2003: 2)

⁵ O texto na íntegra consta nos anexos, cf. Anexo 4.

A validade e atualidade deste ditado popular, realça o facto de que é importante trabalharmos para conseguirmos ter aquilo que desejamos na nossa vida. O autor deste texto utiliza a personificação como recurso estilístico, atribuindo características humanas aos animais, o que faz com que dê aos animais uma vida muito intensa e consiga chegar melhor às crianças.

No final do resumo da história e revisão da mesma as crianças passaram para o desenho aquilo que tinham ouvido na fábula:



Tomás, 6 anos

Figura 8: Registo do conto (Fonte Própria)

Resta-nos, em suma, dizer que todos os alunos (100%) perceberam o conto, no que diz respeito à identificação das personagens e figura do herói (desde as crianças de 3 até às de 6 anos). As mais velhas 4 (16%) em 25 (100%), conseguiram mesmo fazer o reconto oral da história, revelando boa capacidade de expressão e comunicação.

1.2.5. APLICAÇÃO PRÁTICA DO POEMA “PARA A MINHA MÃE”

No seguimento da atividade anterior e do tema a família, e como as crianças iriam ter a festa *do Dia da Mãe*, já referida anteriormente, achámos por bem ensinar-lhes um pequeno poema para que pudessem recitar para as suas mães.

Desta forma, começamos por dizer o poema completo e acompanhado de gestos. Depois disto, fomos ensinando quadra a quadra.

Naturalmente a nossa escolha incidiu sobre um poema bastante curto e simples para melhor ser cantado pelas crianças. Este poema tinha apenas três estrofes, com quatro versos (quadras) e todas com uma rima cruzada imperfeita (ABCB).

Para a minha mãe que é tão boa
Preparei um presentinho
Que foi feito com cuidado,
Muito amor, muito carinho.

Ouve bem, minha mãezinha
O segredo que te vou dizer:
Amo-te muito, muito
Eu sou o teu bem-querer.

Coração por coração
Vamos então trocar,
Viverás com meu
E no teu eu vou ficar.

Depois de aprendermos e memorizarmos o poema, achámos por bem colocá-lo num postal para que fosse dado também juntamente com as prendas que estávamos a fazer para este dia. Assim, optámos por colar o poema de um lado do postal e no outro as crianças teriam de desenhar a sua mãe e como eles a viam. O resultado aparece na próxima imagem:



Daniel, 4 anos

Figura 9: Postal com o poema aprendido, decorado pelas crianças (Fonte Própria)

De salientar que considerámos este poema importante para promover as capacidades de memorização e compreensão das crianças bem como fazê-las tomar contacto com outro tipo de texto que não o conto, uma vez que a estrutura do poema é diferente, é proclamado de forma ritmada, sensibiliza as crianças para as suas mães, cria alguma emoção nas crianças e a nível estético é agradável.

Como referimos anteriormente, a música é um veículo essencial para a aprendizagem de conceitos e permite-nos transmitir sentimentos e emoções pois ajuda no desenvolvimento biológico, cognitivo, afetivo, social e motor da criança uma vez que como diz Sousa, “ (...) não interessa «saber» música, mas usar a música como forma de desenvolver capacidades nestes fatores da personalidade.” (Sousa 2003: 21).

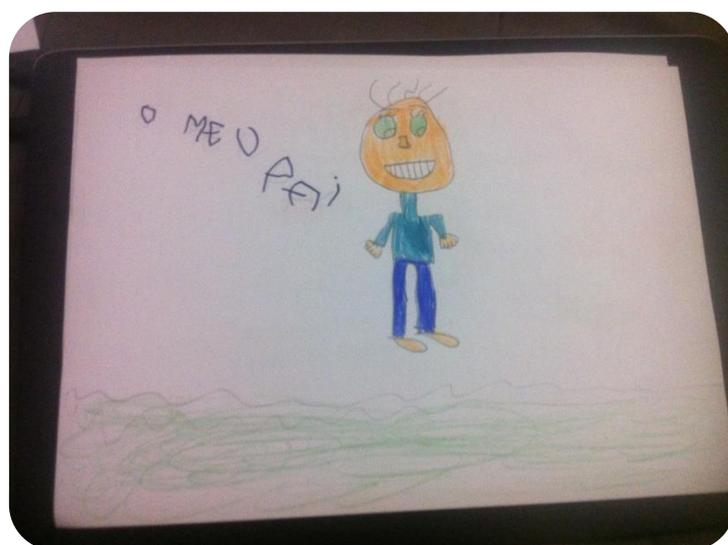
Assim, para além das músicas que já fomos apresentando, passámos agora a mostrar mais algumas que foram trabalhadas neste contexto de pré-escolar.

1.2.6. APLICAÇÃO PRÁTICA DA MÚSICA “É O MEU MAIOR AMIGO”

Como forma de celebrar o *Dia do Pai*, decidimos ensinar às crianças duas músicas que retratam bem esta data. No entanto, antes de passarmos diretamente à música pedimos às crianças que falassem sobre o seu pai e fizessem o registo do mesmo.



Pedro, 5 anos



Margarida, 6 anos

Figura 10: Registo do pai (Fonte Própria)

Posteriormente, passámos então à apresentação das canções.

A primeira foi retirada do livro de Expressão Musical *Pequenos Músicos- Expressão e Educação Musical* (Henriques *et al* 2006) e era bastante animada, ritmada, e num estilo rock & roll que as crianças muito apreciaram. Era uma música simples, fácil de memorizar pois era composta por duas estrofes de quatro versos (quadras).

É o Meu Maior Amigo

É o meu maior amigo,
e eu dele não me vou esquecer
Hei-de amá-lo toda a vida
outro igual eu não vou ter.

Querido Pai, és dedicado,
dás-me amor que não tem fim,
mesmo quando estas zangado
é por gostares muito de mim.

(Henriques *et al*, 2006)

Musical notation for the song "É o Meu Maior Amigo". It features a voice line in 2/4 time with a tempo marking of ♩ = 80. The notation includes a key signature of one sharp (F#) and a common time signature of 2/4. The melody is simple and repetitive, with a final measure marked "D.C. al Fine".

(Borges 2013: s/p, Este texto musical foi por nós adaptado de uma cantiga popular “Zabelinha Tecedeira”, sendo que não há qualquer pauta de referência. A pauta foi, assim, feita por nós na íntegra a partir das sonoridades)

As crianças gostaram bastante da música e aprenderam rapidamente, tendo por isso uma taxa de sucesso de 100%. É de referir que, como a música é um código audível e não a podemos fazer percecionar num documento escrito, colocámos a pauta musical.

A segunda música apresentada aparece no álbum *Histórias de Cantar*, de Margarida Fonseca.

Esta música era bastante diferente da outra, uma vez que era mais calma e apelava mais ao lado sentimental e carinhoso das crianças.

Explicámos que iríamos cantar outra canção, igualmente dedicada ao pai, mas um bocadinho mais calma. O grupo apreciou a ideia e aderiu claramente.

Esta música, tal como a anterior, era em forma de poema e é graficamente apresentada em três estrofes, como uma adivinha, que a seguir.

Brinca comigo,
sem nunca se cansar,
Lê-me uma história
à hora de deitar.

Tem a voz grossa
só para assustar,
Fica tristonho
Se tem que ralar

Quem adivinha
de quem estou a falar?
Não adivinham,
é do meu PAI....

Brinca comigo

Musical notation for the song "Brinca comigo". It features a voice line in 3/8 time with a tempo marking of ♩ = 50. The notation includes a key signature of one sharp (F#) and a common time signature of 3/8. The melody is simple and repetitive, with a final measure marked "D.C. al Fine".

(Borges 2013: s/p, Este texto musical foi por nós escrito, sendo que não há qualquer pauta de referência. A pauta foi, assim, feita por nós na íntegra a partir das sonoridades)

Como podemos ver, o poema é simples, caracterizando de modo velado a figura do pai para, no final, ser dada claramente a resposta à adivinha. Devemos acrescentar que as crianças apreciaram esta música, pois, antes das duas primeiras frases da última quadra (“Quem adivinha/ de quem estou a falar?”), havia uma pequena suspensão na Música como quem espera uma resposta, e todos disseram prontamente “Não adivinham/ é do meu PAI...”.

1.2.7. APLICAÇÃO EM SALA DE AULA DA CANÇÃO “SOU O CORAÇÃO”

Como forma de dar continuidade ao tema acima referido (2.1.4.) da roda dos alimentos, achámos por bem falarmos acerca daquilo que o nosso corpo gosta e não gosta, daquilo que nos faz bem ou mal, daquilo que o nosso coração necessita para continuar a bater e dos alimentos que não devemos comer para que o consigamos tratar da melhor maneira possível. Seguindo este raciocínio, provocámos um diálogo no grupo sobre este mesmo assunto. Depois de diversas respostas, resolvemos então apresentar-lhes a música para que recordassem aquilo que o nosso coração gosta e não gosta. A música em questão é de um cantor e autor conhecido, chamado Avô Cantigas.

A música era um pouco extensa, mas foi um desafio que propusemos ao grupo para ver se conseguiam aprendê-la e memorizá-la.

SOU O CORAÇÃO



Sou o coração, sou o coração,
Divertido e brincalhão.
Sou o coração, sou o coração,
Amigo mas pedinchão.

Refrão (bis)

Eu peço juízo, eu peço cuidado,
Eu quero miminhos e ser bem tratado,
Álcool e gorduras, açúcar e sal,
Não me deem disso porque me faz mal.

Refrão (bis)

Fumo nem pensar, pois fico doente,
Vegetais e fruta, quero sempre, sempre,
Quero água da boa mas pouco café,
Gosto de miminhos e de andar a pé.

Refrão (bis)

Tum, tum, tum, bato, bato sem parar,
Sou o coração, sempre pronto para amar,
Só peço miminhos, só peço cuidado,
Vá, sejam bonzinhos, não me queiram ver zangado.

Refrão (bis)

Sou o coração, sou o coração,
Eu sou divertido e brincalhão,
Eu sou o coração.

(Lamas *et al* 2000: 28)

Podemos afirmar que esta canção é uma chamada de atenção para que as crianças cuidem do seu coração/corpo para que possam ser pessoas saudáveis e responsáveis. Refere os hábitos que devem ter para com ele e as atitudes que não devemos ter, pois só nos prejudicam e estão associadas a doenças.

Eu peço juízo, eu peço cuidado,
Eu quero miminhos e ser bem tratado,
Álcool e gorduras, açúcar e sal,
Não me deem disso porque me faz mal.

Fumo nem pensar, pois fico doente,
Vegetais e fruta, quero sempre, sempre,
Quero água da boa mas pouco café,
Gosto de miminhos e de andar a pé.

Também faz referência ao barulho que o coração produz, promovendo assim audição das crianças para este órgão. Esta música foi ainda acompanhada de gestos.

Tum, tum, tum, bato, bato sem parar,
Sou o coração, sempre pronto para amar,
Só peço miminhos, só peço cuidado,
Vá, sejam bonzinhos, não me queiram ver zangado.

1.2.8. A APLICAÇÃO DO “JOGO DOS SONS” NA SALA DE AULA

Este jogo foi realizado para promover a acuidade auditiva das crianças, pois cada uma delas tinha em sua posse um cartão com uma imagem que poderia ser:

- meios de transporte (navio, barco, carro, mota, autocarro e camião);
- animais (vaca, burro, cão, gato, porco, leão, pássaro);
- pessoas (a rir, a chorar, a andar, a correr, a espirrar, a bocejar, a tossir).

Depois de entregarmos os cartões às crianças colocámos em áudio os sons referentes a estes pontos que apresentámos, tendo como objetivo que a criança que tivesse o som que estava a ser ouvido, desse conta disso e mostrasse que tinha o cartão correspondente.

Esta atividade correu como previsto. No entanto, houve duas crianças que não conseguiram reconhecer que tinham a figura que correspondia ao som em questão.

Associação do som à imagem

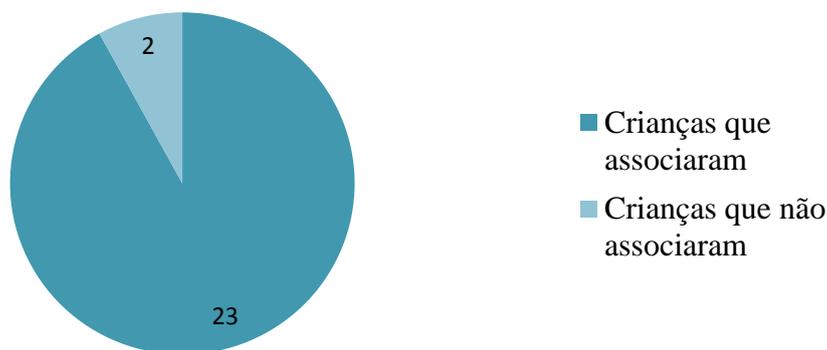


Gráfico 2: Associação do som à imagem

Perante isto, e analisando o gráfico, consideramos que isto se sucedeu pelo facto das crianças serem muito pequenas, uma vez que tinham apenas três anos.

Em suma, ao nível do pré-escolar, trabalhámos desde o texto literário (poema, narrativa) ao texto da comunicação comum com o intuito de estudar áreas como o Conhecimento do Mundo e a Expressão Musical.

Após esta visão analítica da atividade em campo como Educadora e Professora do 1º Ciclo, resta-nos fazer uma síntese esclarecedora dos nossos objetivos. Em primeiro lugar, perseguimos a intenção de abordar, através da literatura aspetos como a família através dos textos “Coração de Mãe”, “A colcha feita de bocadinhos de família”, “Poema para a minha mãe” e “Canção do Dia do Pai”; a alimentação e a higiene através dos textos “A Roda dos Alimentos” e “Sou o Coração” e, finalmente, os valores e afetos através do texto “A Galinha Ruiva”.

Acresce dizer que os poemas foram musicados e cantados em sala de aula, o que se torna um auxiliar de memória no sentido de desenvolver a Expressão e Comunicação das crianças.

2. 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

No 1º Ciclo do Ensino Básico perseguimos o mesmo objetivo do Pré-Escolar, isto é, insistimos na área da Expressão e Comunicação (Ministério da Educação, 1º Ciclo: 2004), nomeada aqui *Oralidade* (com os domínios de compreensão do oral e expressão oral).

O leque de alunos pertence, naturalmente, a uma faixa etária diferente que a seguir apresentamos, integrando-o no seu contexto populacional.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DOS DESTINATÁRIOS E DOS ESPAÇOS

Para apresentarmos devidamente os alunos que participaram nesta aplicação prática, devemos em primeiro lugar falar da escola que os acolhe, o *Centro Escolar Bairro S. Vicente de Paula*. Este situa-se na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, em Vila Real. Esta freguesia foi fundada a 23 de Novembro de 1960, situa-se na zona norte da cidade e é composta por aglomerados populacionais, com grande densidade, com destaque para o Bairro de São Vicente de Paula. Segundo os Censos (2011), esta freguesia estende-se por uma área de 3,40 km², com uma população residente de 8885 pessoas.

Nesta freguesia, situam-se algumas das mais importantes instituições públicas e equipamentos sociais do concelho de Vila Real, tais como, o Regimento de Infantaria de Vila Real, o mercado de Roupas, a zona de Lazer de Codessais, o Cemitério de Santa Iria, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e a cadeia central do distrito de Vila Real.

Este Centro Escolar é uma instituição da Rede Pública do Ministério da Educação e está integrado no *Agrupamento Vertical de Escolas Diogo Cão*. Este é constituído por dez salas do 1º ciclo, três salas do pré-escolar, um refeitório, um polivalente, uma biblioteca que incorpora uma pequena sala com computadores com um compartimento para visualizarem filmes e documentários, vários halls, casas de banho masculinas e femininas suficientes para o número de alunos, dois parques infantis e um grande espaço exterior.

Toda a escola está equipada com vários ecopontos sendo uma escola pertencente ao projeto Eco Escola. Está também devidamente equipada para alunos com necessidades educativas especiais, assim como rampas, casas de banho e um elevador. A escola proporciona aos alunos com estas necessidades uma sala e um acompanhamento

específico por parte de um docente especializado na área. Para além do projeto Eco Escola, o agrupamento também desenvolve o Projeto de Educação para a Saúde (PES).

Neste momento, o Projeto Curricular de Turma já não existe, sendo substituído por um portefólio que contém as fichas, a avaliação dos alunos, entre outros elementos de trabalho.

O *Agrupamento Vertical de Escolas de Diogo Cão (AVEDC)* foi homologado em 26 de Junho de 2003 e resulta da integração da EB 2,3 Diogo Cão com o Agrupamento Horizontal “Do Alvão às Portas da Bila”. Em Julho de 2007, fundiu-se com o Agrupamento Horizontal D. Dinis. No total este agrupamento é constituído por 49 edifícios escolares, sendo uma escola do 2º e 3º ciclos, vinte e cinco escolas do 1º ciclo e vinte e um jardins-de-infância.

O Agrupamento é um grande território no que concerne ao número de alunos e exerce a sua intervenção numa vasta área geográfica, tendo uma rede escolar que abrange as freguesias de Torgueda; Adoufe; Borbela; Campeã; Lamas de Ôlo; Lordelo; Mondrões; Pena; Quintã; Parada de Cunhos; Vila Cova; Vila Marim; Vilarinho da Samardã e ainda as freguesias de Nossa Senhora da Conceição; S. Dinis e S. Pedro.

Passando agora à caracterização concreta das crianças, tratou-se de uma turma do 3º ano de escolaridade constituída por um grupo heterogéneo de vinte e seis alunos, dos quais dez são do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino, como podemos verificar no seguinte gráfico:

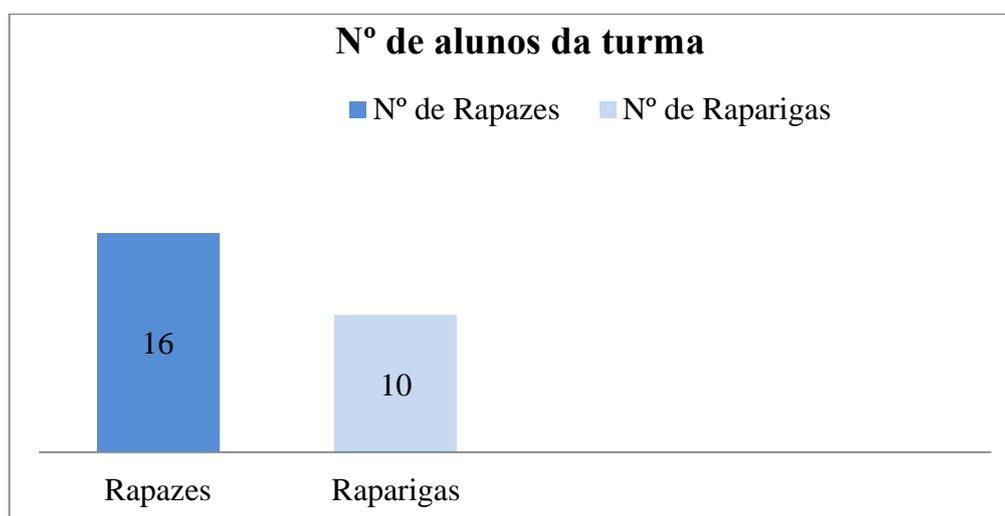


Gráfico 3: Número de alunos da turma

Em geral, é uma turma responsável, interessada, participativa e com facilidades de assimilar conceitos, sendo que as meninas, apesar de serem em menor número se mostram mais responsáveis e preocupadas com as tarefas da sala de aula.

Os alunos desta turma têm um aproveitamento razoável e todos transitaram desde o 1.º ano sem grandes dificuldades e continuando a ser acompanhados pela professora cooperante em questão, à exceção de um aluno que foi transferido mais tarde que demonstra algumas dificuldades em acompanhar o ritmo dos restantes colegas, para além de ser o aluno mais novo da turma.

No que concerne às habilitações literárias dos encarregados de educação, obtemos a seguinte tabela e conseqüente gráfico:

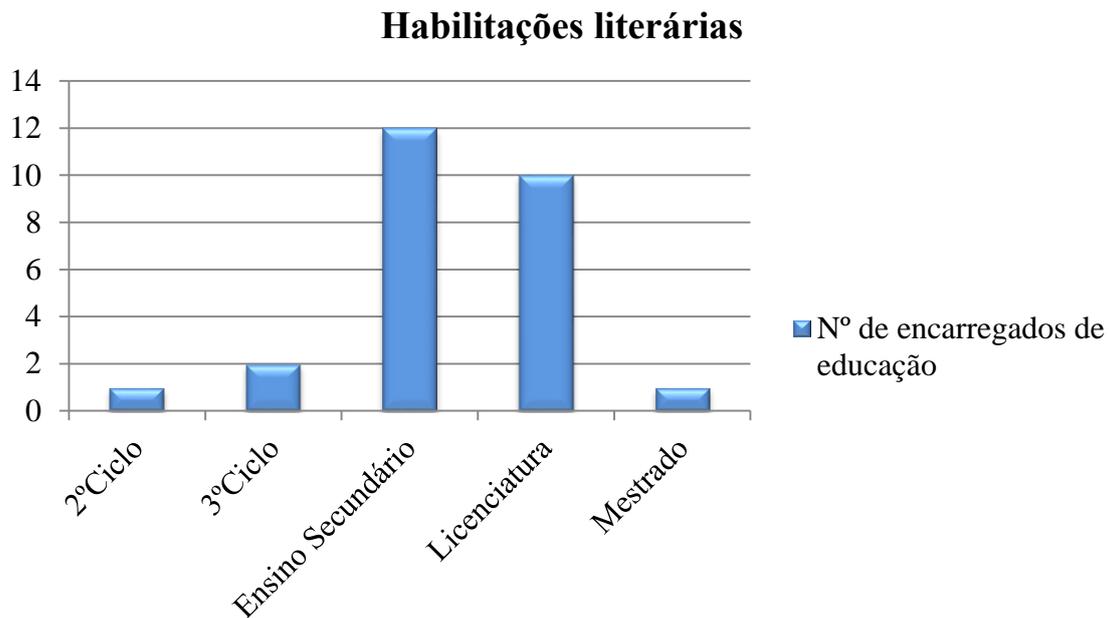


Gráfico 4: Habilitações literárias dos Encarregados de Educação

Com base nos gráficos supramencionados, podemos concluir que a maioria possui o 12.º ano do ensino secundário e a licenciatura, sendo que doze possuem o 12.º ano (46,2%) e dez possuem a licenciatura (38,5%). Verificamos também que apenas um encarregado de educação detém o grau de mestre (3,8%), assim como um detém apenas o 6.º ano de escolaridade (3,8%). Por último, são dois encarregados de educação que têm como habilitações o 9.º ano de escolaridade (7,7%). Pelo exposto, verificamos que o contexto familiar dos alunos revela um nível médio/alto de escolaridade, o que abona em favor dos estímulos dados à criança.

2.2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

No que diz respeito às estratégias e às atividades desenvolvidas no 1º Ciclo do Ensino Básico, estas foram pensadas de acordo com as faixas etárias tendo objetivos específicos, de acordo com a turma, idade e metas a atingir pois o nível de escolaridade exige muito.

2.2.1. APLICAÇÃO EM SALA DE AULA DO POEMA “TUDO AO CONTRÁRIO”

A poesia para crianças exige muito mais do que rimas e ritmos. Assim, o poema deve nascer de um novo olhar, descobrindo nas coisas uma nova tonalidade e um novo aspeto. A linguagem poética é uma linguagem que o leitor sente como diferente, solicitando-lhe uma determinada atitude, provocando-lhe “um vago sentimento de estranheza”. É também uma linguagem polissémica que leva à criação de novas conotações. Desta forma, para iniciar este poema, questionamos os alunos da turma sobre aquilo que eles achavam que poderia falar o nosso texto. Alguns disseram que iria falar de um mundo diferente, outros acertaram dizendo que o texto abordaria um menino que gostava de fazer sempre tudo diferente dos outros meninos, pois eles já tinham lido vagamente o texto.

Passamos então à leitura do poema, tendo previamente selecionado alguns alunos para fazerem a leitura do mesmo. Para o efeito, foi fundamental termos em atenção a utilização de alguns elementos produtores de sentido, como por exemplo a repetição, o ritmo e o som (sentido fónico).

Seguidamente analisamos o nosso poema tendo em conta o tema da diferença e aquilo que ela tem de bom e de mau.

Em relação à sua estrutura vimos de que forma se compunha o poema, sendo que em conjunto, contamos o número de estrofes vendo que este era composto por seis estrofes, com quatro versos cada uma (quadras).



(Soares *apud* Lima *et al* 2013:34)

De seguida, escrevemos no quadro e no caderno o vocabulário que desconhecíamos e fomos descobrindo as rimas que existiam no nosso texto, verificando que estas existiam sempre no 2º e 4º verso, em que se fizéssemos uma linha para ligar estes versos fariam uma cruz, sendo por isso rimas cruzadas perfeitas.

Este texto está relacionado com o tema da diferença, pois trata de um menino diferente dos outros, uma vez que gostava de contrariar as pessoas, o que nos permitiu questionar, provocar um “debate” na turma sobre a atitude da personagem do texto: se este estaria a ser correto ou não ao fazer as coisas de forma oposta do que era normal e em relação àquilo que as outras pessoas mandavam.

Assim, obtivemos resultados iguais, uma vez que metade da turma achava que sim e a outra metade achava que não. Este facto pode verificar-se no seguinte gráfico:

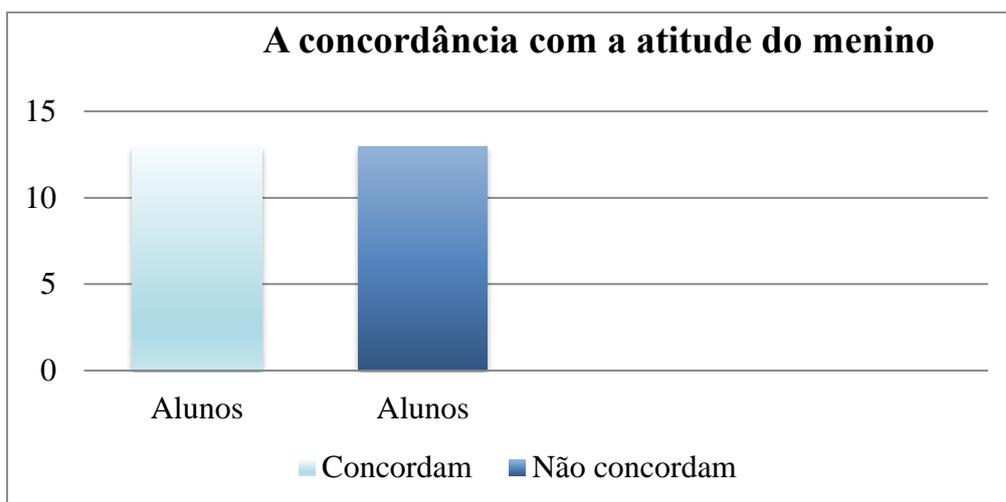


Gráfico 5: A concordância com a atitude do menino

Através do gráfico, é possível concluirmos que a turma estava um pouco dividida em relação a esta opinião sobre a atitude do menino do contra pois num universo de 26 alunos, 13 deles achavam que realmente esta era a atitude correta e os restantes 13 achavam que não.

Por último, como forma de consolidação de conhecimentos, distribuímos uma ficha de trabalho (cf. Anexo 5) por toda a turma para que pudéssemos ter maior perceção das aprendizagens dos alunos.

Nas questões 1 e 3, obtivemos uma totalidade de respostas corretas, nas restantes tal não foi possível, uma vez que eram questões de ordem pessoal ou então de gramática.

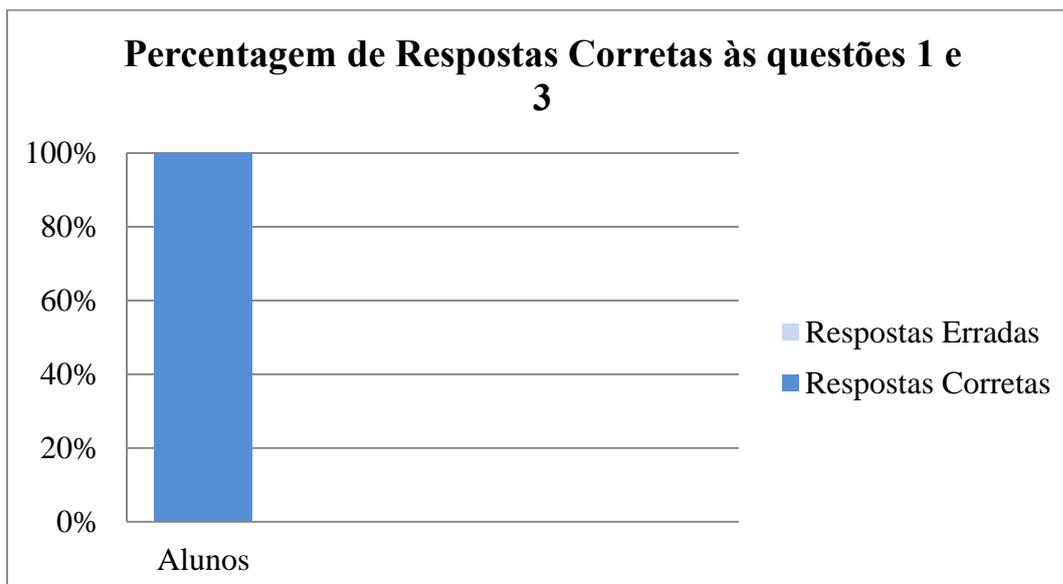


Gráfico 6: Nº de Respostas Corretas às questões 1 e 3

Analisando o gráfico, é perceptível que todos os alunos responderam corretamente às questões 1 e 3, o que nos leva a afirmar que obtivemos uma taxa de sucesso de 100%, facto que nos fez crer que atingimos os objetivos a que nos tínhamos proposto pois os alunos compreenderam o texto.

2.2.2. APLICAÇÃO DO CONTO TRADICIONAL “BARRELAS” NA SALA DE AULA

Cada vez mais se torna evidente e lógico a formação de cidadãos cientificamente cultos e capazes, mas o tempo tem-nos mostrado que isto não é fácil de alcançar. Uma das opções pode passar pela interdisciplinaridade, que se torna num desafio para quem tem perante si uma turma de 26 alunos, famintos de informação, como foi o nosso caso.

A aplicação da interdisciplinaridade tem vantagens, como tudo, mas torna-se muito complicado trabalhar com os alunos de forma a conseguir uma grande articulação em todo o trabalho proposto. Na verdade, como diz José Tavares,

“tem-se falado e escrito muito, nestes últimos anos, sobre interdisciplinaridade, embora esse discurso tenha chegado à prática com bastante dificuldade e, por vezes, de um modo distorcido, incompleto e até contraditório.”

(Tavares 1997: 64)

Apesar de alguns entraves que o modelo interdisciplinar possa provocar, o texto “Barrelas” (cf. Anexo 6) foi um bom elemento para promover a interdisciplinaridade entre as áreas do Português e do Estudo do Meio, uma vez que se trata de um texto que se debruça sobre costumes e tradições (tema dado em Estudo do Meio), mais concretamente com a maneira que as pessoas utilizavam para conseguir que a sua roupa ficasse mais limpa e branca. Assim, começamos por questionar os alunos se sabiam o que queria dizer o nosso título “Barrelas” ao qual obtivemos resposta negativa por parte de toda a turma, pois desconheciam por completo este termo. Desta forma, avançámos para a leitura do texto sem dar explicação do que era este termo, porque queríamos saber se, no final da leitura, apenas com a informação do texto, os alunos já conseguiam chegar ao significado deste conceito. Seguem-se os resultados que obtivemos:

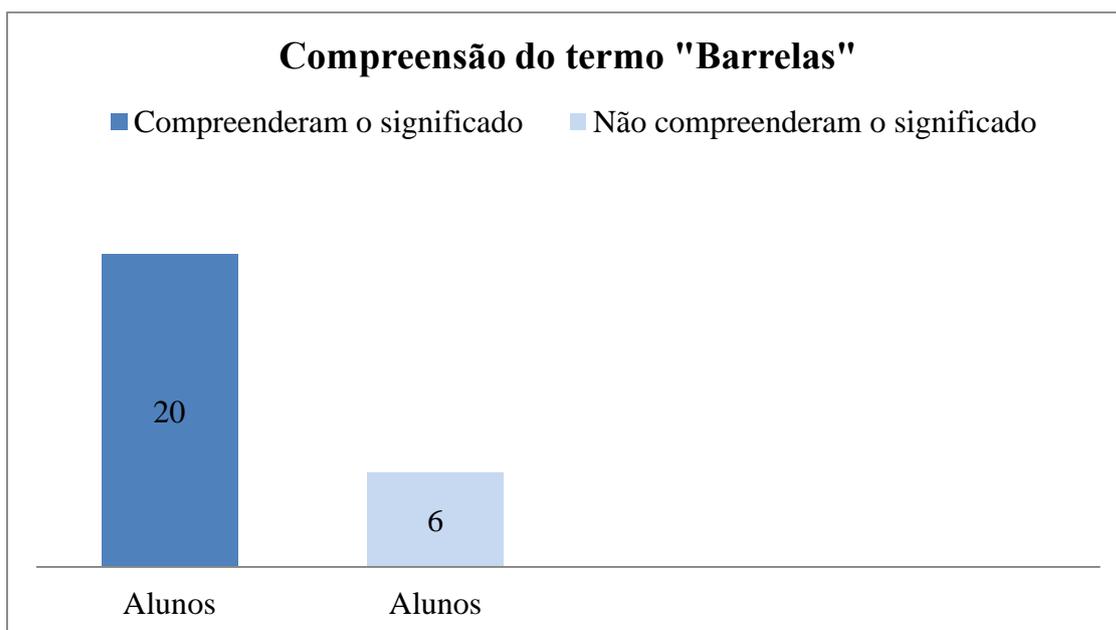


Gráfico 7: Compreensão do termo “Barrelas”

Tendo verificado que seis alunos não compreenderam o significado quando questionados, passámos então à explicação daquilo que queria dizer o nosso termo, registando-o no quadro e no caderno diário.

Após isto, pedimos a alguns alunos que fizessem o resumo/síntese de forma oral, como forma de consolidação daquilo que tinha sido abordado anteriormente. Feito isto, distribuámos uma ficha de trabalho (cf. Anexo 7) para por à prova os conhecimentos adquiridos pela turma, na qual obtivemos uma taxa de sucesso de 100%, pois todos responderam corretamente às questões colocadas na mesma.

Finalizada a correção da ficha, passamos ao tema de Estudo do Meio, intitulado costumes e tradições, que permitiu questionar a turma sobre aquilo que caracteriza cada localidade, cada terra, cada região relativamente à comida, aos trajes, aos cantares, às Músicas e às danças. Depois de muito “discutirmos”, passamos à apresentação de um vídeo produzido por nós, docentes, relacionado com a cidade de Vila Real, de onde a maioria da turma era natural, contemplando a gastronomia da zona, as Músicas, as danças, entre outros vetores culturais.

2.2.3. APLICAÇÃO DO CONTO TRADICIONAL “FALTA DE ALIMENTOS”

Como referido anteriormente, a interdisciplinaridade é fundamental para que os alunos possam fazer aprendizagens significativas e com bons resultados, uma vez que o conhecimento não se traduz em compartimentos estanques, mas sempre complementares. Seguindo este pensamento, o texto “Falta de alimentos” (cf. Anexo 8) foi trabalhado para articular a área de Português com o Estudo do Meio, no sentido de estudar o sistema digestivo.

Este texto é um conto tradicional em que o seu autor é desconhecido, e é uma forma de contactar com o mundo da criança. Posto isto, levantamos uma questão para a turma que deu ligação ao texto, e que foi a seguinte: “Olhando para o título do nosso texto, o que fariam vocês sem alimentos?”. As respostas foram as mais variadas:

Resposta da Ana Margarida

- Eu não fazia nada, sem comida não conseguia ter forças para nada.

Resposta do João

- Eu tentava arranjar alimentos, procurava em todos os sítios, alguma coisa havia de encontrar.

Resposta da Ana Luísa

- Eu pedia aos meus pais para irmos para outro país porque lá deve haver comida.

Resposta do Bruno

- O melhor mesmo era ir trabalhar. Se eu trabalhasse, conseguia arranjar dinheiro e depois podia comprar os alimentos que quisesse e precisasse.

Esta pergunta fez com que as crianças tomassem contacto com problemas reais, proporcionando-lhes novas experiências.

Desta forma, e pegando nas respostas dos alunos, passamos então à leitura do nosso texto, primeiro por nós e, seguidamente, repartida por alguns alunos para que pudessemos avaliar a sua leitura através de uma lista de verificação (cf. Anexo 9). Depois

de lido o texto, passamos à sua exploração ideológica (tema/assunto, tipo de texto, personagens, existência de palavras variáveis e invariáveis, classificação de palavras quanto ao número de sílabas, etc.). Após esta exploração, passamos à resolução de uma ficha de trabalho relativa ao texto e respetiva correção (cf. Anexo 10). Depois de corrigida esta ficha, questionamos a turma sobre o que teria acontecido a seguir à atitude que a rainha tomou.

Então, a rainha fez-lhe ver que o ouro não se podia comer e que seria melhor fazer regressar os lavradores às suas terras.

As respostas foram as mais diversas e diferentes. Assim, e com tanta variedade de respostas, propusemos à turma continuar o nosso conto, de forma coletiva, fazendo uma

“Falta de alimentos

O rei esfomeado começou a pensar: “De que é que me serve tanta riqueza e tanto ouro se não tenho como me alimentar?”

No dia seguinte, depois de muito pensar, o rei mandou chamar todos os lavradores que se encontravam nas minas de ouro.

- Lavradores, cheguei à conclusão de que o ouro não me serve de nada se não tivermos alimentos, pois não temos energia para trabalhar. Assim, ordeno que todos regressem aos seus campos e continuem a cultivar os vossos produtos.

Desta forma, a vida no reino regressou à normalidade, graças à atitude que a rainha teve na hora de almoço do rei.”

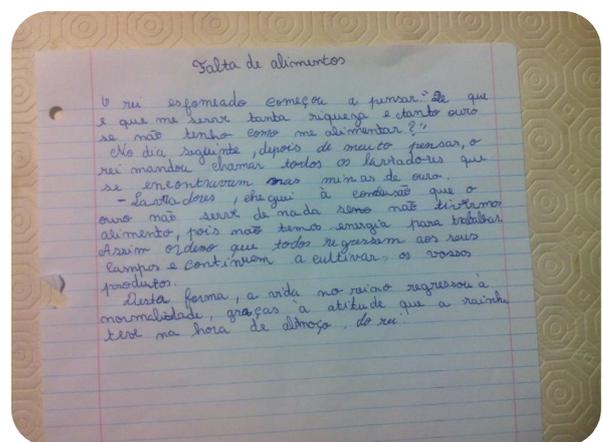
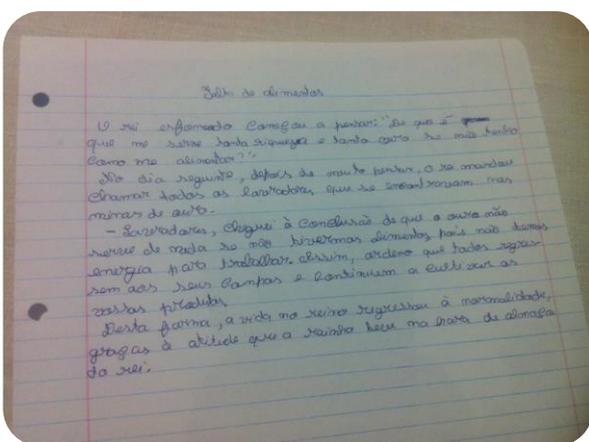


Figura 11: Texto da Ana e do Vasco, resultado do texto coletivo (Fonte Própria)

2.2.4. APLICAÇÃO DO TEXTO INFORMATIVO “OS LOBOS” EM SALA DE AULA

Para iniciar este texto, começamos por questionar os alunos sobre que tipo de texto poderia ser o nosso. De imediato, obtivemos respostas deste género:

Resposta da Beatriz

- Pela palavra “informativo” eu acho que o nosso texto nos vai dar informação sobre alguma coisa, neste caso os lobos.

Resposta do Vasco

- Eu acho que este tipo de texto é diferente do dramático porque não podemos representar e não me parece que tenha personagens.

Resposta da Filipa

- Eu penso que este texto nos vai dizer a forma como os lobos vivem, o que fazem, o que comem e é capaz de nos dar mais alguma informação.

Depois disto, seguiu-se a explicação daquilo que é um texto informativo bem como das suas características tipológicas e enunciativas.

Assim sendo, um texto informativo é uma produção textual com informação sobre um determinado assunto (neste caso sobre os lobos), que tem como objetivo esclarecer uma pessoa ou um conjunto de pessoas sobre essa matéria. Normalmente é escrito em prosa, elucidando e esclarecendo o leitor sobre o tema em questão. Neste caso, estamos perante um texto informativo sobre os lobos de carácter científico, uma vez que é da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL), com informações autenticadas de acordo com a ciência (cf. Anexo 11). A linguagem utilizada neste texto é clara, direta e objetiva.

Posteriormente, passamos a ler o texto em voz alta para toda a turma, seguida da exploração ideológica do texto: assunto do texto (os lobos e a sua forma de viver e ser), a sua utilidade (para sabermos mais sobre esta espécie em extinção) e a quem é dirigido (toda a população, para ser alertada da importância dos lobos e das suas características). De seguida, lemos o texto de forma coletiva e individual, passando depois a resolver a ficha de trabalho sobre o mesmo (cf. Anexo 12) com conseqüente correção. Esta leitura individual, por parte de algumas crianças, foi feita com vista a desenvolver o

conhecimento de diferentes registos orais, a aumentar as capacidades comunicativas das crianças em questão e a ampliar os conhecimentos dos alunos, permitindo-lhes adequar os registos aos diferentes contextos.

2.2.5. O TEXTO DRAMÁTICO NA SALA DE AULA “O PRÍNCIPE E A PASTORA”

Como forma de iniciar a análise deste tipo de texto, começámos por questionar a turma sobre a localização espaço-temporal do mesmo, uma vez que se referia a príncipes. Assim, os alunos responderam que a história deste texto ter-se-ia passado, provavelmente, há muitos anos atrás.

Desta forma, pedimos aos alunos que olhassem para a forma (sem lerem) do texto, para verem se era igual aos restantes que já tinham abordado e porquê. Obtivemos diversas respostas de entre as quais destaco duas:

Resposta do Bruno

- Tem coisas muito diferentes. Tem personagens, diz-nos a forma como elas devem falar e ainda dizem o que usam.

Resposta do Francisco

- Este texto não me parece ser igual aos outros. É maior, parece escrito de maneira diferente e tem uns tracinhos a seguir ao nome das personagens.

Após ouvir várias respostas dos alunos, passamos então à explicação e posterior registo das características deste tipo de texto. Assim, trata-se de um texto dramático, como já referido, que tem como principal finalidade a representação em palco do mesmo pelo tipo de texto que é.

Este tipo de texto trata-se de uma forma de comunicação, vivida pelos atores e pela audiência, o que confere uma grande força comunicativa à ação dramática. Em tempos remotos, o teatro popular era representado em igrejas, adros ou praças públicas.

No dia seguinte, foi feita uma dramatização do texto como forma de consolidação do mesmo e permitir aos alunos que encarnassem a personagem que lhes tinha sido atribuída, daí que a dramatização fosse realizada noutra dia pois as crianças deviam ter o texto bem estudado para que a dramatização corresse como previsto, utilizando acessórios

representativos de cada personagem, que foram levados por nós. Esta dramatização fez-se devido à importância da Expressão Dramática neste ciclo de ensino pois segundo os *Princípios Orientadores da Expressão e Educação Dramática da Organização Curricular e Programa Ensino Básico- 1º Ciclo*,

“a exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro. (...)” “(...) nos jogos dramáticos as crianças desenvolvem ações ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo (...)”

(Direção Geral do Ensino Básico 2001: 7)

Depois de todos os alunos representarem “O Príncipe e a Pastora”, entregámos à turma uma ficha de consolidação de conhecimentos (cf. Anexo 13) para que os alunos pusessem em prática aquilo que tinham aprendido.

O Príncipe e a Pastora

Pajem (*Fazendo uma grande vénia*) – Senhor, já desde a aurora,
Ali da banda de fora,
Ansiosa espera licença
De vir à vossa presença
Uma mocinha pastora.

Príncipe- Que venha... Quero vê-la sem mais demora.

Pajem- Vem descalça e pobrezinha.

Príncipe- Mais depressa deve entrar
Não vão cansar-se de esperar,
Os pés nus da pastorinha.

Fidalgo (*espantado*) - Nunca vi tal acontecer...

Príncipe- Mas vai ser.

(*Entra a pastora. Traz ao colo um cordeirinho branco, caçado na mão e a cesta dos presentes. Atrás dela vem um cão.*).

Príncipe- De onde vens amiga minha?

Pastora- Venho de além
De longas terras,
Daquelas serras,
Onde o meu gado tenho guardado...
Estes bolinhos vim trazer

E estes queijinhos por mais não ter,
Queijos de ovelhas,
Mel de abelhas...
E um requeijão;

Manteiga fresquinha
Uma galinha...
E meu coração.

Príncipe- Deus te salve, ó alma pura,
Deus te dê a salvação...
Por tudo quanto me deste,
Leite fresco e mel doirado,
Pelo bem que me fizeste:
Pastora, muito obrigado!



(Adaptado do autor Carlos Amaro)

(Adaptado de Amaro (s/d))

2.2.6. APLICAÇÃO DO TEXTO NARRATIVO “NO RASTO DA ESTRELA”

Este texto (cf. Anexo 14) aparece no seguimento da época em que foi abordado, neste caso o “Dia de Reis”. Assim, este texto foi dado após ensinar aos alunos uma Música sobre as janeiras/dia de reis. É de destacar que este texto foi apresentado de forma diferente, isto é, foi apresentado unicamente através de uma gravação áudio feita por nós, acompanhada de duas imagens projetadas no quadro interativo, informando os alunos de que deveriam estar muito atentos pois não iriam ter à sua frente o suporte papel.



Figura 12: Imagens apresentadas com o áudio (Fonte Internet)

Após a audição do texto, os alunos foram questionados acerca do mesmo: onde e quando decorreu a ação, quem são as personagens da história, que tipo de texto é, etc.

Seguidamente, ouvimos outra vez o texto, mas desta vez cada aluno tinha perante si o texto em suporte papel. Posteriormente, passamos a analisar o texto de forma aprofundada: local da ação (Belém); quando decorreu a ação (há muitos anos atrás, não há data concreta); articulação com o Estudo do Meio (localização das cidades dos Reis num mapa mundo e consequente explicação da inexistência de uma delas- Pérsia, atual Irão); articulação com a Matemática, apresentando a distância em Km de cada uma das cidades até Belém (Pérsia-Belém: 3488km, Índia-Belém: 4028 km, Arábia-Belém: 2685 km); vocabulário desconhecido (extremo, cruzamento, caravanas, prosseguiram, judeus, fadado, furibundos, humildes, sábios, oferendas, mirra, incenso, destronado, rival, inocentes e malvadez). Finda esta análise e o respetivo registo, alguns alunos, de forma individual, procederam à leitura do texto para que pudessem ser avaliados (lista de

verificação), seguindo-se a realização e correção de uma ficha de trabalho individual (cf. Anexo 15) como forma de aplicação dos conhecimentos adquiridos através deste texto bem como a resposta a algumas questões relacionadas com o texto.

2.2.7. APLICAÇÃO DO TEXTO NARRATIVO “JÁ NÃO FAÇO XIXI NA CAMA” EM CONTEXTO SALA DE AULA

O texto “Já não faço xixi na cama” (McQuillan *et al* 2006) foi escolhido a pensar na articulação com o tema de Estudo do Meio (sistema urinário). Sendo assim, começamos por questionar a turma sobre o título do nosso texto “Já não faço xixi na cama” e de que assunto nos poderia falar o nosso texto. A maioria dos alunos disse que iria falar sobre alguém que fazia xixi na cama, mas não sabiam quem nem qual o motivo de o fazer. Posto isto, passamos à entrega do texto em suporte papel seguindo-se a minha leitura com o acompanhamento, em silêncio, da turma. Posteriormente passamos a analisar de forma ideológica e aprofundado o nosso texto, nomeadamente, o tipo de texto (texto narrativo que se caracteriza pelo relato de factos retratados por uma sequência de ações, relacionadas com um determinado acontecimento, podendo ser factos reais ou fictícios); personagem que se trata de uma peça fundamental para a composição da história e que constituem os seres que participam da narrativa e narrador. Desta forma, e sendo os mesossauros uma espécie de répteis, questionamos os alunos sobre se conheciam esta espécie de animais e quais é que conheciam (cobras, tartarugas, crocodilos, entre outros); espaço; tempo e enredo propriamente dito, ou seja, o assunto sobre o qual se trata (neste caso o problema de fazer xixi na cama, sem a capacidade de o controlar).

Já não faço xixi na cama

Na terça-feira, depois das aulas, o Dino entrou em casa a correr.
- O Picos convidou-me para dormir na casa dele na sexta-feira! – guinchou ele, abanando a sua cauda de alegria.
- Vamos ver os mesossauros na floresta, comer pipocas de feno e...
A cauda do Dino agitava-se mais e mais depressa...
- Que bom! – disse a senhora Diplodoco.
- ... e vamos deitar-nos tarde, ligar as lanternas e... e... – continuava o Dino.
A cauda do Dino parou de abanar.
- Não posso ir – disse ele, tristemente.
- Por que não? – perguntou a mamã.
- Porque, quando estou a dormir – disse o Dino – faço xixi na cama.
A senhora Diplodoco enroscou o seu longo pescoço à volta do Dino e deu-lhe um grande abraço.
- Mas há muitos meninos que molham a cama. – disse ela - A senhora Triceratopo vai compreender.
Pode pôr um plástico no colchão. Eu telefono-lhe.
Na terça-feira à noite, o Dino vestiu o seu pijama novo dos mesossauros e tapou-se com o seu edredão para ficar bem quentinho. O avô contou-lhe uma história sobre como, há muito, muito tempo, o lago secou e os meninos jogavam à bola na areia.
- Queres um copo de água antes de dormires? – perguntou o avô.
- Esta noite não, obrigado. – respondeu o Dino.
Entretanto, o Dino adormeceu e sonhou que jogava à bola na areia, mas, a meio da noite, no meio do lago seco e poeirento, um fiozinho de água começou a correr... Na quarta-feira de manhã, a senhora Diplodoco mudou a cama.
- É quase sexta-feira – disse ela. – Deixa-me telefonar à mãe do Picos.
- O Picos não pode saber que eu faço xixi na cama! – exclamou o Dino, muito aflito. – Na sexta-feira vou estar sequinho.

[...]

Na sexta-feira, depois das aulas, o Dino divertiu-se muito em casa do Picos. (...)
- Está na hora de irem para a cama – disse a senhora Triceratopo. – Querem beber mais alguma coisa?
- Não, obrigado. – disseram o Dino e o Picos ao mesmo tempo.
O Dino e o Picos vestiram os seus pijamas iguais e aconchegaram-se debaixo dos seus edredões. O Dino estava muito cansado, mas não queria dormir, com medo de fazer xixi na cama.
No sábado de manhã, a senhora Triceratopo mudou as duas camas.
- Não queria que soubesses que faço xixi na cama! – confessou o Dino ao Picos, sentindo o rosto corar completamente.
- Pois, e eu não queria que soubesses que faço xixi na cama – disse o Picos, com o chifre do focinho todo cor-de-rosa.

Olharan um para o outro e sorriram com um ar pateta...

[...]

(Adaptado de Jane Clarke e Mary McQuillan)



(McQuillan et al 2006)

Depois disto, seguiu-se a leitura individual por parte de alguns alunos bem como a identificação e registo de quantificadores numerais no caderno diário.

É de salientar que este texto tem como personagens principais três animais (espécies de dinossauros), podendo por isso afirmar que é utilizado um recurso estilístico denominado *personificação* em que são atribuídas características humanas aos animais, plantas ou mesmo seres inanimados. Este recurso é muito utilizado pelos escritores de literatura para a infância, porque, pelos comportamentos das personagens que são geralmente animais educam-se os seres humanos. O ato de telefonar a alguém é característico de um ser humano e não de um animal, “- *É quase sexta-feira – disse ela – Deixa-me telefonar à mãe do Picos.*”. Finalmente, e como forma de passar para a área de Estudo do Meio, já referida anteriormente, a turma realizou uma ficha de trabalho (cf. Anexo 16).

Resta-nos afirmar que a Música, tal como no pré-escolar, foi fundamental no 1º Ciclo para abordar diversos temas, pois o objetivo principal da Música, segundo Sousa, “é a criança, a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento

equilibrado da sua personalidade” (Sousa 2003:18). Assim, o Educador/Professor deve utilizar o interesse da criança pela música, como forma de enriquecimento e desenvolvimento da sua personalidade, e, de acordo com isto, a música teve diversas aplicações em sala de aula, que passamos a apresentar nos pontos seguintes.

2.2.8. APLICAÇÃO DA TABUADA DO 9 ATRAVÉS DA MÚSICA

A tabuada do 9

Aprendi a do 1, a do 2,
a do 3, a do 4, a do 5 e a do 6
a do 7 e a do 8 e não vou parar
enquanto a do 9 eu não multiplicar.

Refrão

1 vezes 9 é 9
2 vezes 9, 18
3 vezes 9, 27
4 vezes 9, 36
5 vezes 9, 45
6 vezes 9, 54

E não vou parar, enquanto a do 9 eu não multiplicar.

Refrão

7 vezes 9, 63
8 vezes 9, 72
9 vezes 9, 81
10 vezes 9, 90
11 vezes 9, 99
12 vezes 9, 108

E não vou parar, enquanto a do 9 eu não multiplicar.

Refrão

Score

Tabuada do 9

Composer

The musical score is written on two staves. The first staff is a treble clef with a key signature of one flat (Bb) and a 4/4 time signature. It contains six measures of whole rests, followed by a quarter note G4. The second staff is a treble clef with a key signature of one flat (Bb) and a 4/4 time signature. It contains a sequence of notes: quarter notes G4, A4, Bb4, C5, D5, E5, F5, G5, quarter notes G5, F5, E5, D5, C5, Bb4, A4, G4, and a final whole note G4.

(Borges 2013: s/p, Este texto musical foi por nós adaptado sendo que não há qualquer pauta de referência. A pauta foi, assim, feita por nós na íntegra a partir das sonoridades)

(s/a, s/d)

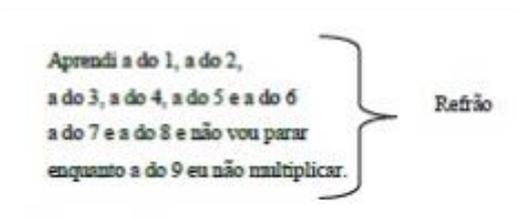
No âmbito da matéria que nos foi atribuída para lecionar e relacionada com a área da Matemática (tabuada do 9), resolvemos articulá-la com outras duas áreas, nomeadamente, Expressão Musical e Português.

Desta forma, iniciámos a aula de Matemática com a apresentação em *powerpoint* de uma situação problemática (envolvendo esta tabuada) e resolução da mesma para conseguir introduzir a música. Depois de resolvida, explicada e corrigida a situação problemática, passámos à apresentação da canção (em forma de poema).

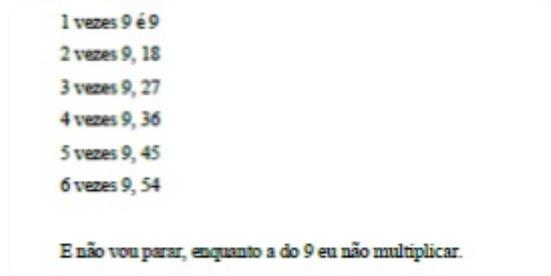
Primeiramente, entregámos uma folha com a letra da música que iríamos cantar. Numa primeira vez, colocámos a música (versão instrumental apenas) e cantámos pedindo aos alunos que acompanhassem a letra e fossem lendo. A seguir, e depois de

familiarizados com a melodia, fizemos uma leitura ritmada e acompanhada de palmas, sempre orientados por nós, docentes.

A música tem uma letra e uma linha melódica bastante clara, fácil e simples, como podemos ver na figura acima apresentada, para que melhor se processasse a memorização por parte dos alunos. Esta música tem um refrão que se repete ao longo da mesma:



Depois deste refrão, os alunos cantaram a tabuada do 9 e o seu resultado:



E, nesta lógica, enunciaram a tabuada em forma de cantiga, até multiplicarem $12 \times 9 = 108$.

Devemos salientar que a interdisciplinaridade facilitou a aprendizagem da tabuada dos nove, promoveu e fomentou o gosto pela Matemática por parte dos alunos. Foi também promotor da leitura. Após isto, repetimos várias vezes a música de formas diferentes: nós e os alunos; só os alunos; só os rapazes; só as raparigas.

Como forma de ver que esta música foi essencial para a aprendizagem da turma, optamos por fazer fichas de trabalho, exercícios apresentados em *powerpoint* para vermos os resultados que iríamos obter.

Esses resultados foram bastante positivos uma vez que, num universo de 26 alunos, apenas 2 (número pouco significativo) não sabiam a tabuada toda, mas sabiam alguns resultados.

Como comprovativo disto, foi gravado um vídeo (com a autorização da Professora Cooperante e dos Encarregados de Educação) que se encontra em anexo.

2.2.9. APLICAÇÃO DA MÚSICA “CANTAR AS JANEIRAS”

A música “Cantar as Janeiras” que é uma adaptação da canção tradicional “A Galinheira” (Henriques *et al* 2006:56) foi apresentada no Dia de Reis (6 de Janeiro), após termos dado um *powerpoint* sobre esta época particular do ano. Desta forma, o *powerpoint* que foi apresentado contemplava alguns exemplos de janeiras na Europa, nomeadamente, na Grécia (as chamadas Kalandas, celebradas a 24 de Dezembro); em Espanha (as Villancicos, a 6 de Janeiro) e em Portugal (Janeiras ou Reis, a 6 de Janeiro). Estes exemplos foram apresentados para mostrar outras realidades aos alunos, fazê-los tomar consciência de que há outros tipos de música bastante diferentes da nossa, outras culturas com hábitos distintos dos nossos e que esta festividade não é festejada em Portugal da mesma maneira que é festejada nestes países europeus.

Assim, depois de visualizado e depois de ouvidas as músicas do *powerpoint*, mostramos à turma a “nossa” música de janeiras/reis.

Esta música intitulava-se “Cantar as Janeiras”, como já referimos e foi retirada do livro de Expressão Musical “Pequenos Músicos- Expressão e Educação Musical- 1º Ciclo.”, e é constituída por três estrofes com quatro versos (quadras).

Como a música é um código audível e não a podemos fazer perceber num documento escrito, colocamos aqui a pauta musical:

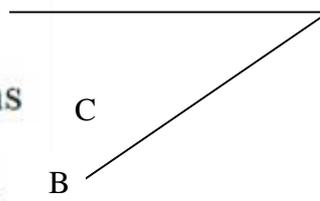
Cantar as Janeiras

The image shows a musical score for the song 'Cantar as Janeiras'. It consists of four staves of music in G major (one sharp) and 2/4 time. The first staff is labeled 'Voice' and contains the first four measures of the melody. The second staff starts at measure 9 and continues the melody. The third staff starts at measure 18 and continues the melody. The fourth staff starts at measure 27 and ends with a double bar line, with the instruction 'D.C. al Fine' written above it.

(Borges 2013: s/p, Este texto musical foi por nós adaptado de uma cantiga popular “A Galinheira”, sendo que não há qualquer pauta de referência. A pauta foi, assim, feita por nós na íntegra a partir das sonoridades)

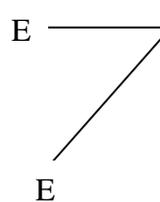
Fazendo a análise deste texto, podemos verificar que o tema/assunto do mesmo é exatamente este de que falamos, as janeiras. Partindo do geral para o particular, a canção começa com a explicação daquilo que é esta tradição, com um ritmo que se exprime em rima cruzada imperfeita (ABCB):

Cantar as janeiras, A
pelo ano novo B
é manter bem vivas C
tradições do povo. B



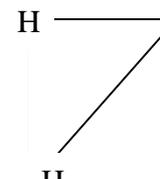
Do ponto de vista do conteúdo, depois de inseridas as janeiras na tradição, segue-se aquilo que cada grupo de pessoas faz nesta época do ano. A música exprime-se metricamente num tipo de rima cruzada imperfeita e dois versos soltos (DEFE), como se pode verificar:

Casa a casa vamos, D
ao romper do dia E
cantar as janeiras F
com muita alegria. E



A cantiga finaliza com o relato da oferta que as pessoas das casas que recebem estes grupos fazem, conteúdos que se exprimem numa musicalidade simples com uma rima cruzada imperfeita e dois versos soltos (GHIH):

E quem nos recebe, G
dá-nos um presente, H
e nós desejamos I
paz para toda a gente. H



Toda a composição centrada em verbos de movimento (cantar; vamos; romper e recebe) se estrutura, do ponto de vista fónico-rítmico, segundo o esquema rimático cruzado imperfeito, com versos tradicionais de redondilha menor (5 sílabas).

No poema musicado, há uma relação intrincada entre formas e conteúdo, de modo a clarificar aquilo que se passa na realidade, de facto, durante o mês de janeiro no nosso país.

Como forma de conclusão e celebração deste dia, depois de aprendida e cantada várias vezes a música, introduzimos alguns instrumentos Orff (maracas, clavas, pandeiretas, castanholas, triângulos, entre outros) para que o acompanhamento à canção fosse mais agradável e obtivéssemos um melhor resultado. Por fim, fomos “recriar” esta tradição, indo a algumas salas da escola, com coroas de reis (estas foram feitas em conjunto, numa atividade anterior a esta). Desta forma, e como já vimos, para que pudéssemos associar o estudo do Português com a Educação/Expressão Musical, apresentámos um texto descritivo com o intuito de explicar passo a passo às crianças a tradição cultural portuguesa que se está a perder nas grandes cidades.

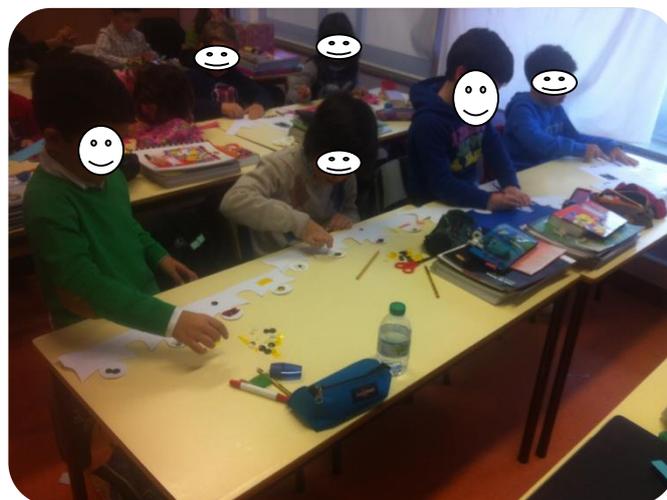


Figura 13: Dia de Reis (Fonte Própria)

Como comprovativo disto foi gravado um vídeo (na sala de aula) para que pudéssemos ver as aprendizagens dos alunos bem ficar uma recordação deste dia.

2.2.10. APLICAÇÃO DA “CANÇÃO DO XIXI” PARA A APRENDIZAGEM DO SISTEMA URINÁRIO

Para apresentarmos esta música tivemos de percorrer um longo caminho. Assim, para introduzir o tema de Estudo do Meio (sistema urinário) e consequente música fizemos uma revisão do texto abordado em Português (“Já não faço xixi na cama”), relembrando-o e questionando a turma sobre o mesmo e a forma como este acontecimento (fazer xixi na cama) se sucede.

Seguidamente, entregámos à turma uma folha com um mapa de conceitos para ser preenchido, acompanhando a apresentação de um *powerpoint* sobre o sistema urinário, seus órgãos e alguns cuidados a ter (cf. Anexo 17). Foi ainda possível fazer o registo no quadro e caderno diário dos órgãos deste sistema e a função de cada um. Posteriormente visualizamos um vídeo intitulado “Era uma vez... os rins”, vídeo este que foi bastante interessante para que a turma compreendesse melhor este sistema e o seu funcionamento.

Ainda como forma de consolidação de conhecimentos sobre este assunto, realizamos um jogo com auxílio de uma maquete do sistema urinário (feita por nós) em que líamos a definição de um órgão e a turma teria de responder a que órgão correspondia, colocando a definição e o conceito na maquete.



Figura 14: Sistema urinário (Fonte Própria)

Depois deste jogo, entregámos uma ficha de trabalho (cf. Anexo 18) para que fosse posto em prática os conhecimentos adquiridos. A correção desta ficha não foi possível em sala de aula, uma vez que eram muitas questões, tendo sido por isso corrigida em casa, por mim.

Ulteriormente, passamos então à apresentação desta canção que, como já referimos, tinha como título “Canção do xixi”, o que se relaciona direta e perfeitamente com o tema que estávamos a trabalhar. Começámos por cantar uma vez, com a Música e solicitar a turma que fossem acompanhando a letra.

Score

Canção do Xixi

Composer



(Borges 2013: s/p, Este texto musical foi por nós adaptado, sendo que não há qualquer pauta de referência.

A pauta foi, assim, feita por nós na íntegra a partir das sonoridades)

Depois lemos em conjunto e passamos então a cantá-la.

Devemos salientar que esta canção faz referência a todos os órgãos do sistema urinário, a sua função e como decorre todo o processo.

Assim, começa por falar dos rins, do seu aspeto e forma e para que servem:

Era uma vez os rins,
em forma de feijão
que são dois passadores
para o sangue vermelhão.

O sangue a circular
vai sempre pelo rim,
guardar tudo o que é bom
e deixar o que é ruim. } Bis

Seguidamente, o texto introduz os restantes órgãos do sistema, nomeadamente os ureteres e a bexiga:

Então o rim prepara
com o outro rim vizinho,
um líquido amarelo
que vai por dois tubinhos.

Para um saco redondo
chamado bexiga
que quando enche muito } Bis
dá sinal na barriga.

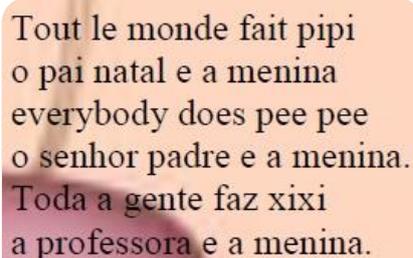
A música prossegue, explicando aquilo que acontece a seguir no nosso corpo, desde a hora em que chega a vontade de ir à casa de banho até à cor da urina, bem como fazer ver que interiormente todo o ser humano é igual, independentemente do aspeto exterior ou sexo:

O sinal vai ao cérebro
dizer que está na hora
de ir à casa de banho
deitar o xixi fora.

É o líquido amarelo
chamado urina
toda a gente faz xixi } Bis
o menino e a menina.

Toda a gente faz xixi
o pai natal e a menina
toda a gente faz xixi
o diretor e a menina.

A música segue, repetindo várias vezes este texto que, é de referir, foi acompanhada por gestos que ajudaram a memorizá-la e a compreendê-la. Devemos acrescentar ainda que esta música, na quadra final, introduz duas frases, uma em inglês e outra em francês, promovendo-se a curiosidade na aprendizagem de outro tipo de línguas.



Tout le monde fait pipi
o pai natal e a menina
everybody does pee pee
o senhor padre e a menina.
Toda a gente faz xixi
a professora e a menina.

Esta música foi fulcral para que os alunos compreendessem como funciona o sistema urinário, os órgãos que o constituem e as suas funcionalidades, como já referimos.

Como forma de provar a aprendizagem deste tema, entregámos uma ficha de trabalho para trabalho de casa, corrigida posteriormente, e ainda foi gravado um vídeo.

Em suma, a Educação/Expressão Musical articulada com outras áreas desde o Português ao Estudo do Meio e à Matemática, contribui para o sucesso do ensino-aprendizagem uma vez que, como diz Pereira, a música

“pode promover o desenvolvimento de importantes competências de aprendizagem, estimulando o raciocínio lógico, a memória e o raciocínio abstrato. (...) A Música é cada vez mais introduzida na educação de bebés e crianças, nomeadamente, em contextos como creches, infantários, pré-escolas e escolas.”

(Pereira s/d: 33)

Desta forma, podemos concluir que a música é um fator-chave para que o desenvolvimento se realize, desempenhando, por isso, um papel preponderante na promoção de aptidões e competências da criança, sobretudo ao nível da Expressão e Comunicação.

CONCLUSÃO

Com este relatório dissertativo, pretendemos, como foi apresentado no início do mesmo, dar resposta ao preconizado para a obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, e, por isso, nele foram incluídos os conteúdos e os métodos de ensino tanto no Pré-Escolar como no 1º Ciclo do Ensino Básico por nós utilizados. Apresenta-se o relatório dividido em três capítulos que se complementam. O objetivo do mesmo foi, antes de mais, contribuir para refletirmos sobre o poder que a música exerce sobre o ser humano, salientando todos os benefícios, tanto a nível cognitivo como motor, como ainda enquanto elemento facilitador da aprendizagem e da socialização bem como o papel que esta tem na educação.

É um documento que de forma alguma deixa transparecer o entusiasmo e o gosto com que educamos e lecionamos às nossas/os crianças/alunos, mas que pode servir de instrumento de inspiração, ainda que incipiente, do que é o clima do Pré-Escolar e da aula, no 1º Ciclo, onde se tenta criar um ambiente de afinidade, sintonia e harmonia capaz de contagiar as/os crianças/alunos na aprendizagem das matérias pela leitura de textos, não só dos manuais, mas de outras obras, outras tipologias de textos, do Estudo do Meio e da Matemática (no caso do 1ºCiclo), assim como da Expressão e Comunicação, da Formação Pessoal e Social e do Conhecimento do Mundo (no caso do Pré-Escolar) e, como não poderia deixar de ser, a disciplina transversal a estes dois ciclos: a Música.

É muito gratificante saber que há crianças/alunos que hoje já leem, fazem contas ou simplesmente ganharam a autonomia motora e linguística de que necessitavam, porque aprenderam a gostar de estudar, a compreender o mundo que as rodeia e a interpretá-lo ou, simplesmente, que as crianças do Pré-Escolar ganharam alguma disciplina e integraram a socialização, que às vezes é tão difícil.

Estes dois ciclos pertencem a uma fase da vida das crianças com particularidades, portanto, as/os crianças/alunos necessitam de estratégias, por parte do Educador/Professor, pois só assim será possível criar os alicerces essenciais à sua formação como pessoa.

Na nossa opinião, como temos vindo dizer, a imaginação e a criatividade são aspetos que devem ser estimulados nas crianças para que se consigam desenvolver, e nada melhor do que Música para o fazer, pois, como nos diz Murcho, “(...) a música é a mais nobre das artes porque é a que consegue o feito espantoso de ser a mais afastada da razão

discursiva – muito mais afastada do que a poesia ou a literatura - , sem no entanto, perder alcance cognitivo” (Murcho 1995: 11), para além de ser uma linguagem universal.

Ao longo dos dois estágios, fomos sentindo que as/os crianças/alunos, nestes dois ciclos, estão constantemente em aprendizagem, o que nos fez sentir também parte integrante da mesma.

Através dos textos, estrategicamente escolhidos (poesia e prosa) somos capazes de ensinar conceitos de todas as áreas: do Português, da Matemática, do Estudo do Meio, numa verdadeira interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, de tal forma que conseguimos não só desenvolver a capacidade intelectual da criança, mas também ajudá-la a formar os seus gostos, a sua personalidade, a fazer as suas escolhas e opções que lhes darão, como a tantos outros, a oportunidade de, no futuro, poderem transformar o mundo, num mundo melhor.

Para além disto que referimos, durante este período de tempo, conseguimos ver que a escola, seja no Jardim de Infância, seja no 1º Ciclo, é o local por excelência onde os alunos conseguem complementar as experiências que vivem fora desta e o conhecimento aprendido no meio envolvente e, ao mesmo tempo, é o local onde se gera a formação completa da criança, que deverá contribuir para que esta cresça de forma saudável e equilibrada, a nível intelectual. Assim, educar tem, como nos diz Escola “ (...) numa análise da sua etimologia, uma dupla origem: *educare* que significa alimentar, fomentar, instruir, guiar e *educere* [...] que denotava a acção de tirar para fora de, conduzir para, educar” (Escola 2002:503-504) e nós, enquanto Educadores/Professores, fazemos parte dessa Educação, complementando-a.

É ainda importante termos em atenção que, além dos objetivos que tínhamos em vista atingir, a que fomos fazendo referência ao longo deste relatório dissertativo, também tentamos sempre na nossa prática pedagógica que, qualquer que fosse o tema, este fosse trabalhado/investigado/procurado com as nossas/os crianças/alunos e não que lhes dessemos respostas diretas às suas perguntas, uma vez que, na nossa opinião, o saber se constrói procurando e investigando. Além disso, estamos cientes de que em conjunto se podem obter melhores resultados e conclusões do que individualmente, fomentando-se assim o espírito de equipa e de entajuda nos grupos de crianças com quem trabalhamos.

Foi para nós um enorme gosto e privilégio termos a oportunidade de estarmos três dias por semana (número de dias estipulados para ambos os estágios, durante um semestre) a descobrir, ensinar e, ao mesmo tempo, a aprender com cada uma das crianças que nos apareceram no caminho. Ficamos enriquecidos não só a nível pessoal mas

também, e sobretudo, a nível profissional, uma vez que foram tempos desafiadores, com barreiras para ultrapassar e que nos levaram a testar as nossas capacidades, mas que, em simultâneo, nos deram um conjunto de saberes e vivências de experiências que nos farão ser melhores no futuro. Daqui para a frente, o nosso grande desafio será o de dar continuidade àquilo que aqui vimos defendendo, pois as nossas crianças merecem-no.

Sendo um relatório dissertativo, este pressupõe a análise dos fundamentos teóricos e abordagem científica dos conteúdos. Isto foi matéria de análise dos **Capítulos I e II**, respetivamente.

Do **Capítulo III**, análise prática em sala de aula e no jardim-de-infância, consta especificamente o relatório. Aqui cabe-nos afirmar que no Ensino Pré-Escolar obtivemos na aplicação prática da música “É o meu maior amigo” uma taxa de sucesso de 100%. Em relação ao 1º Ciclo do Ensino Básico, conseguimos verificar na aplicação da música para a aprendizagem da tabuada, que a maioria dos alunos (26) sabia os resultados da mesma.

Estes são apenas exemplos da taxa de sucesso que obtivemos e de que o **Capítulo III** nos elucida com esclarecedor detalhe.

Terminamos assim a nossa reflexão sobre este tema e este relatório dissertativo, apesar de haver muito mais a dizer sobre isto. Salientamos, mais uma vez, a importância da Música, como meio de Expressão e Comunicação, tanto no Pré-Escolar como no 1º Ciclo do Ensino Básico, pois estas etapas são fundamentais para a preparação do futuro das nossas/os crianças/alunos. Posto isto, consideramos útil que, as nossas escolas, tomem consciência de que a música (e tudo o que a envolve) é um veículo extremamente importante para que a criança cresça e se desenvolva, uma vez que esta é um elemento facilitador da participação e socialização do ser humano.

Em suma, defendemos uma educação em que a Música esteja presente, não só nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), como referenciamos no **Capítulo I** deste relatório, mas que sejam os “professores titulares ” a estimular este gosto pela música, permitindo um maior envolvimento dos alunos, um maior interesse, uma maior aprendizagem e, sobretudo, que ganhem gosto pela escola e pelos conteúdos que nela aprendem.

A música pode ser, indubitavelmente, um *meio*, um caminho para o sucesso garantido de cada criança.

A “*Educação pela arte e artes na educação*” (Sousa 2003 (I): 1), são fundamentais para que sejamos humanos **educados pela música, educando com a música.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar e Silva, Vítor (1999): Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português. In *Diacrítica*, nº 1314. Braga: Universidade do Minho.
- Amaro, Carlos (s/d): *O Príncipe e a pastora*. Texto dramático.
- Amato, Rita de Cássia Fucci (2010): Interdisciplinaridade, música e educação musical (30-47). Brasil: Opus Goiânia.
- Borges, Joana (2013): Adaptações das músicas e partituras.
- Bréscia, V. (2003): Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo.
- Courtès, J. (1979): Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva. Coimbra. Livraria Almedina.
- Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro, Diário da República n.º 15 – 1.ª série A. *Princípios Orientadores da Organização e Gestão Curricular do Ensino Básico, Avaliação das Aprendizagens e Processo de desenvolvimento do Currículo Nacional*.
- Direção –Geral do Ensino Básico (2001): *Organização Curricular e Programas- 1º Ciclo Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Escola, Joaquim José Jacinto (2002): *Comunicação e Educação em Gabriel*. Tese de Doutoramento. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Faria, Márcia Nunes (2001): *A música, fator importante na aprendizagem*. Especialização em Psicopedagogia. Brasil: Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense.

- Fazenda, I. (1993): *Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola.
- Ferrão, A. (2001): *Cantar – Espaço de prazer, saber, arte e educação*. Caderno de educação de infância nº 58/01, Abril – Maio – Junho 2001.
- Formosinho, João *et al* (2009): *Formação de Professores- Aprendizagem profissional e acção docente*. Porto: Porto Editora.
- Gomes, Agostinho da Costa Diniz (2014): *As correntes pedagógico-musicais do século XX: desenvolvimento de um projecto*. In *As Artes na Educação*. Chaves: INTERVENÇÃO – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Grave-Resendes, Lídia; Soares, Júlia (2002): *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Haigh, Alan (2010): *A arte de ensinar-grandes ideias, regras simples*. Lisboa: Academia do Livro.
- Hancock, J. (1999): *The Explicit of Teaching Reading*. Delaware, Newark: IRA.
- Henriques, Paulo *et al* (2006): *Pequenos Músicos - Expressão e Educação Musical - 1º Ciclo*. Porto: Gailivro.
- Lamas, Isabel; Vidal, Carlos & Encarnação, Manuela (2000): *O Livro das canções - Sou o coração*. Sintra: Impala Editores, SA.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1987): *Sémiotique de contes traditionels portugais*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Literatura da Universidade de Coimbra.
- Lopes-Graça F. (1984): *Obras literários opúsculos (2)*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Marques, Carlos M. (2002): Percepção de incongruências no contorno entoacional de frases e melodias por crianças com e sem treino musical. FPCEUP.
- Matos, A.J. (dir) (1992): *Enciclopédia Geral da Educação (volume 6)*: 1297-1335. MM Liarte – editora de livros, Lda.
- McQuillan, Mary (2006): *Já não faço xixi na cama*. Porto: Gailivro.
- Minhós, Isabel Martins e Carvalho, Bernardo (2010): *O coração de mãe*. Lisboa: Editora Planeta Tangerina.
- Ministério da Educação – 1º Ciclo (2004). Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1997): *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009): *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2011): *Guião de implementação do programa de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação e Ciência (2013): *Metas Curriculares de Português e Matemática - 1º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Monteiro, Cláudia S.M.L (2012): *Interligação entre áreas de conhecimento e as áreas das expressões artísticas no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico*. Relatório Dissertativo de Mestrado. Vila Real: Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.
- Morin, Edgar (1921): *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.
- Parafita, Alexandre (2005): *Histórias de artes e manhas*. Lisboa: Texto Editores.

- Paszkiewicz, Cristina (2008) *Gestão Flexível do Currículo – A Real Dimensão da Diferenciação Curricular* in Revista do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves *Saberes Interdisciplinares* nº 1, ANO I – Junho. Brasil: IPTAN.
- Pombo, O.; Guimarães, H.; Levy, T. (1993): *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Read, H. (1958): *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- S/A (s/d): *Falta de alimentos*. Conto tradicional.
- Sim-Sim, Inês (2007): *O Ensino da Leitura: Compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Snyders, Georges (1994): *A escola pode ensinar as alegrias da música?*. São Paulo: Cortez.
- Soares, Luísa Ducla (2013) “Tudo ao contrário”. In Lima, Eva; Barrigão, Nuno; Pedroso, Nuno & Rocha, Vítor da (2013): *Alfa- Português 3- 3º ano*. Porto: Porto Editora.
- Soares, M. L. C. (2003): *Considerações gerais sobre a Literatura Tradicional de Transmissão Oral: uma proposta de análise à versão portuguesa de “A Gata Borralheira”* (Consiglieri Pedroso). ed. 1, 1 vol., ISBN: 972-669-571-6. Vila Real: UTAD.
- Sousa, A. (2003): *Educação pela Arte e Artes na Educação* (vol. I). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003): *Educação pela Arte e Artes na Educação* (vol. II). Lisboa: Instituto Piaget.

- Stiwell, Isabel, Madalena, Francisco e (2009): *A colcha feita de bocadinhos de família*. Lisboa: Verso de Kapa Editores.
- Torrado, António (2003): *A Galinha Ruiva*. Lisboa: Soregra Editores.
- Vasconcelos, Maria de (2012): *As Canções da Maria: Canção do xixi*. in CD-ROM *As canções da Maria*. Lisboa: Arthouse, Valentim de Carvalho, S.A.
- Viegas, Francisco José (1993): *Carlos Reis Ensinar & Seduzir*. In *Ler* nº 22. Primavera: 110-115.
- Willems, E. (1970): *As Bases Psicológicas da Educação Musical*. Bienne: Edições Pro-Musica.
- Wuytack, J. (1993). *Canções de Mimar*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

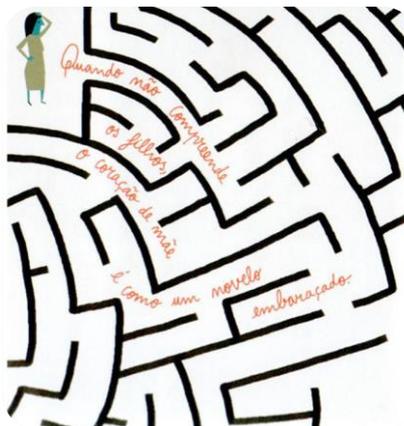
WEBGRAFIA

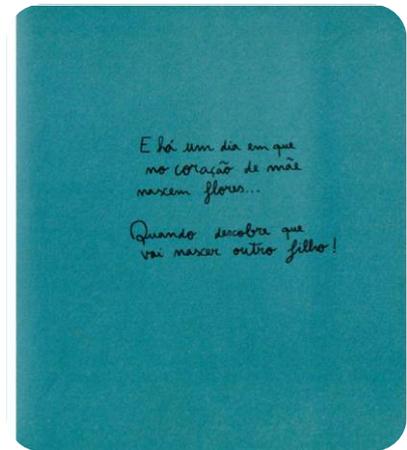
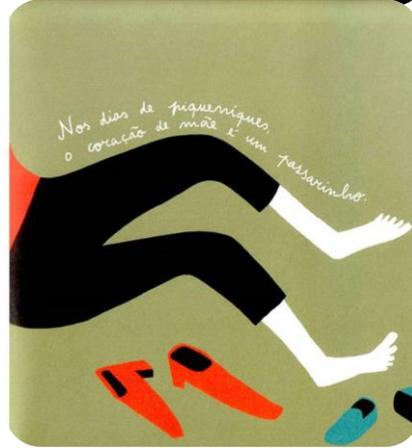
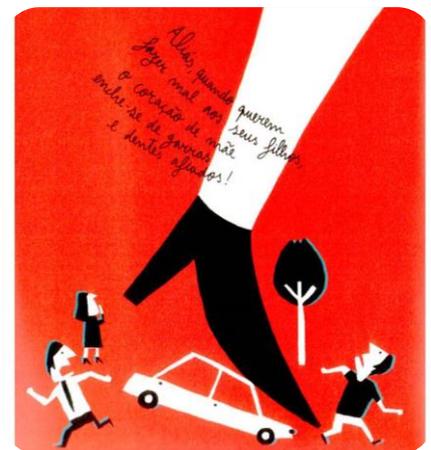
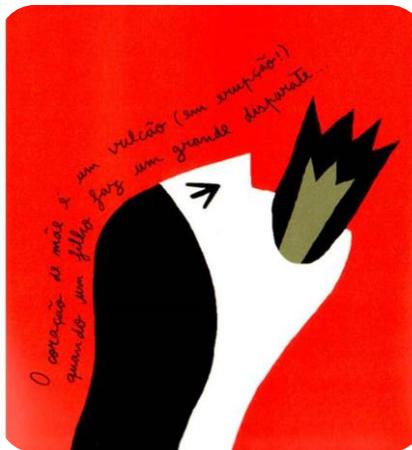
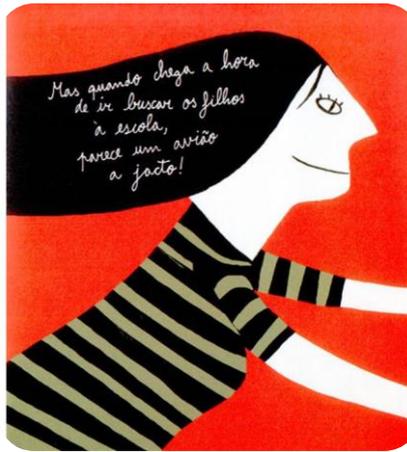
- Agrupamento de Escolas Diogo Cão: Disponível online in <http://www.diogocao.edu.pt/index.php/2011-11-02-00-35-16/2011-11-02-00-56-52>. Consultado em 4 de Junho de 2014.
- Bono Vox: Disponível online in <http://www.citador.pt/frases/a-musica-pode-mudar-o-mundo-porque-pode-mudar-as-bono-vox-19995>
- Caracterização do meio: Disponível online in [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Concei%C3%A7%C3%A3o_\(Vila_Real\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Concei%C3%A7%C3%A3o_(Vila_Real)). Consultado em 10 de Junho de 2014.
- Disponível online in <http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>. Consultado em 23 de Novembro de 2014.

- Disponível online in http://www.institutodimensao.com.br/pre-vestibular/arquivo_download/ab56a213dad8a96d149ad8984be9bf52.pdf. Consultado em 22 de Setembro de 2014.
- Mota, António (s/d): “Barrelas”. Conto tradicional. Disponível online in coolkids.guarda.pt. Consultado em 24 de Outubro de 2013.
- O lobo, Grupo Lobo, Departamento de Zoologia e Antropologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Lisboa. 1992. Apud exames/download/TI_Port2_Mai2013_cad1.pdf?id=5260. Consultado em 12 de Novembro de 2013.
- O texto lírico: Disponível online in [http://www.infopedia.pt/\\$texto-lirico;jsessionid=-2C6nW4ItPT3t10pSdanuQ__](http://www.infopedia.pt/$texto-lirico;jsessionid=-2C6nW4ItPT3t10pSdanuQ__). Consultado em 25 de Setembro de 2014.
- O texto literário. Disponível online in <http://www.significados.com.br/texto-literario/>. Consultado em 10 de Novembro de 2014.
- O texto narrativo: Disponível online in <http://segundociclo.webnode.pt/products/texto-narrativo-/>. Consultado em 20 de Setembro de 2014.
- Pereira, Cláudia Madeira (s/d): A música no desenvolvimento infantil: 32-33. Disponível online in www.claudiamadeirapereira.com. Consultado em 21 de Julho de 2014.
- Torrado, António (s/d): *No rasto da estrela*. Disponível online in imgs.sapo.pt/kids/kidspt2009/content/30125370440838history_0106.pdf. Consultado em 16 de Dezembro de 2013.

ANEXOS

ANEXO 1: Texto lírico “Coração de mãe”





Até aí o coração de mãe não é só um músculo que bate sem parar... É um lugar mágico onde acontecem as mais extraordinárias das coisas.



ANEXO 2: Texto narrativo “A colcha feita de bocadinhos de família”

A colcha feita de bocadinhos de família

A Maria queria aprender com a avó a coser. Coser com linhas, agulhas e dedais.

A avó estava sempre a coser. A avó tinha-lhe feito bibes e vestidos de festa, e tinha feito vestidos para as suas bonecas. Ah, e camisas de noite, muito compridas, que pareciam vestidos de baile, e que a Maria usava quando dormia em casa das primas, a quem a avó também tinha feito camisas de noite iguais. Normalmente, eram aos quadradinhos. A avó também fazia colchas com losangos de tecido, todos cosidos uns aos outros, bocadinho a bocadinho, até que eram muitos tecidos num só, com todas as cores possíveis e imaginárias. Chamavam-se *colchas de patchwork*, ou de retalhos, como também se dizia. A colcha da cama da avó e do avô era assim, e quando a Maria dormia em casa dela, faziam um jogo juntas. Depois do banho, quando já estava penteada e com os dentes lavados, a

Maria sentava-se num canto da cama e apontava para um tecido às flores:

– Veio de onde avó?

– Olha, olha, esse às flores é do vestido que usei para o casamento da tia Meana.

E a avó fazia um sorriso muito meigo, e via-se que, na cabeça dela, aparecia o dia em que a filha mais velha se tinha casado.

– E aquele, cor-de-rosa às pintinhas? – apontava a Maria.

– Gosto tanto desse. Não gostas, Maria? Esse, esse era dos vestidos que fiz para a Sofia, para a Marta e para a Mariana. Ficavam tão queridas, todas de igual. E a avó começava a sorrir outra vez, porque se lembrava de quando as netas mais velhas eram pequeninas.

– Mas só há aqui bocadinhos da roupa de meninas? – perguntou a Maria. – É uma colcha de meninas? – insistiu.

– Não, não, nada disso. Olha ali para aquele tecido das risquinhas azuis? É uma camisa do avô Francis, que já estava muito velhinha. Tive de lha tirar às escondidas – dizia a avó a rir. – Ele só gostava de usar as mais gastas... E olha, Maria, aquele, aquele e aquele – e continuava a apontar, o dedo muito rápido – são dos bibes do tio Peter, do tio Martin, do tio Nerny e do tio Dodi. Os olhos da avó brilhavam:

– Tenho muita sorte em ter tantos filhos e tantos netos e agora que me estás a chamar a atenção para cada losango, percebi que os tinha todos nesta colcha. É um *patchwork* de todas as pessoas para quem já cosi.

Era por isso que a Maria queria aprender a coser assim; aqueles pontos perfeitos e muito pequeninos, sempre iguais, com que a avó juntava todos os bocadinhos importantes da sua vida.

A Maria ultimamente andava triste, e achava que se conseguisse aprender a coser, se calhar podia remendar as coisas que estavam mal, porque as camisas ficam velhinhas, os vestidos rasgados, e até as camisas de noite deixam de nos caber quando crescemos. Mas, a avó não deitava essas coisas fora, juntava-as todas e, em vez de transformar aqueles tecidos em panos do pó, fabricava colchas, colchas tão bonitas.

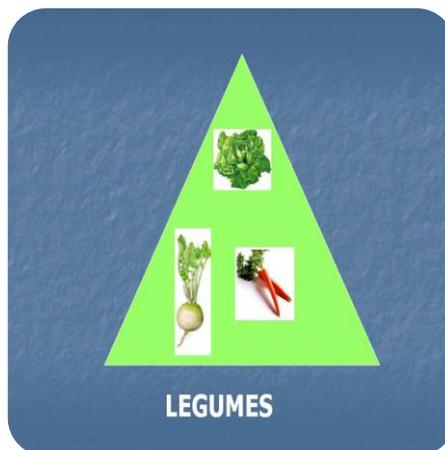
A Maria ganhou coragem e perguntou:

– Avó, a avó também remenda corações?

A avó olhou para ela, para a sua neta de cabelos castanhos e compridos e olhos muito grandes, e teve vontade de perguntar muita coisa. E até de chorar. Mas a avó não era pessoa de perguntar muitas coisas, nem de chorar muitas lágrimas, a avó era mesmo de remendar, o melhor que podia e sabia. Por isso, pondo-se muito direitinha no canto da cama em que estava sentada, disse:

– Como vês, Maria, sou muito esperta, consigo juntar os bocadinhos mais pequenos de tecidos e fazer colchas, e antes das colchas fiz vestidos e camisas de noite, e camisa, por isso, sim, sei remendar corações. Se me deres o teu, fica pronto até amanhã de manhã. A Maria estendeu o coração dela à avó e adormeceu na cama que era do avô, antes dele ter ido para o Céu. Quando acordou de manhã, tinha, ao pé da almofada, o seu coração, todo inteiro e sem rasgões. Arrumou-o no sítio dos corações e sentiu-se cheia fome. Saltou da cama e comeu o maior pequeno-almoço que alguma vez uma menina pequenina comeu. Muitos anos depois esteve ao lado da avó quando ela fechou os olhos e foi ter com o avô, e não ficou muito, muito triste, porque a avó tinha um sorriso muito contente na cara, porque sabia que, para além do avô, ia ser recebida à porta do Céu por Deus, que ela já conhecia muito bem, e há muitos anos, mas a quem nunca tinha apertado a mão, assim mão na mão, como na Terra se aperta às pessoas de quem gostamos. A avó não se tinha esquecido daquele dia em que ela e a Maria tinham descoberto a família em cada bocadinho de pano daquela colcha. Deixou a colcha à Maria. Quando a estendeu sobre a sua própria cama, a Maria viu que havia um losango que era muito mais recente do que os outros: a avó trocara um dos mais antigos, por outro feito com um bocadinho do seu coração. Só para a Maria.

ANEXO 3: Texto Narrativo “A Roda dos Alimentos” (powerpoint)





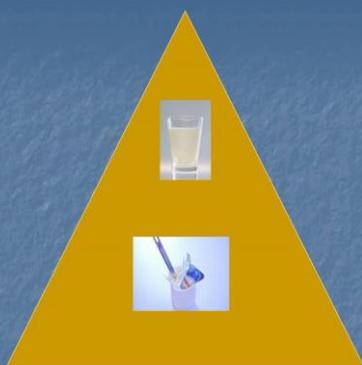
PROTEINAS



LEGUMINOSAS



GORDURAS

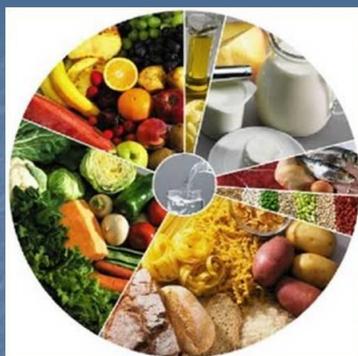


LACTICINIOS

- E eu! - grita a água quase a chorar



Tu, como és um dos alimentos mais importante ficas no meio. Para além disso, todos vocês são constituídos por água.



Quando todos estavam reunidos em círculo, a Sra. Roda dos Alimentos explicou-lhes:

- Todos vocês são importantes e todas as pessoas deviam comer um pouco de todos os grupos, comendo mais do grupos maiores e menos dos mais pequenos.

Se as pessoas obedecessem e esta regra, seriam mais saudáveis.

ANEXO 4: Texto narrativo “A Galinha Ruiva”

A GALINHA RUIVA

A galinha ruiva achou umas espigas de trigo.

Ela chamou o gato. Ela chamou o ganso. Ela chamou o porco.

A galinha ruiva disse:

- Quem me ajuda a semear o trigo?
- Eu não – disse o gato.
- Eu não – disse o ganso.
- Eu não – disse o porco.
- Então semeio eu o trigo – disse a galinha ruiva.

E a galinha ruiva semeou o trigo.

O trigo cresceu.

A galinha ruiva disse:

- Quem me ajuda a ceifar o trigo?
- Eu não – disse o gato.
- Eu não – disse o ganso.
- Eu não – disse o porco.
- Então ceifo eu o trigo – disse a galinha ruiva.

E a galinha ruiva ceifou o trigo e levou-o para o moinho.

Depois de ter já o trigo moído e feito em boa farinha, a galinha ruiva disse:

- Quem me ajuda a fazer o pão?
- Eu não – disse o gato.
- Eu não – disse o ganso.
- Eu não – disse o porco.
- Então faço eu o pão – disse a galinha ruiva.

E a galinha ruiva amassou o pão, que ficou muito bem amassado, e cozeu-o no forno, muito bem cozido.

– Quem me ajuda a comer o pão?

O gato disse:

– Miau! Miau! Miau! Quero eu, quero eu, quero eu.

O ganso disse:

– Quá! Quá! Quá! Quero eu, quero eu, quero eu!

O porco disse.

– Gurnin! Gurnin! Gurnin! Quero eu, quero eu, quero eu!

A galinha ruiva disse:

– Vocês não me ajudaram a semear o trigo. Vocês não me ajudaram a ceifar o trigo. Vocês não me ajudaram a fazer o pão. Pois então vocês não me ajudarão a comer o pão. Os meus pintainhos comerão o pão.

E a galinha ruiva e os pintainhos comeram o pão.

Quem não trabuca não manduca.

Está contada a história. Está dada a lição.

FIM

ANEXO 5: Ficha de Trabalho do poema “Tudo ao contrário”

Ficha de Trabalho

Nome: _____

Data _____

1. O que significa ser um “*menino do contra*”, segundo o poema?

2. Na tua opinião, o menino agia corretamente? Justifica a tua resposta.

3. Retira do texto a expressão que indique quais os presentes que o menino recebeu no dia do seu aniversário.

4. Indica três pares de palavras que rimem no poema.

5. Liga, corretamente, as palavras que consideras antónimos.

Doce •

• Dormir

Rir •

• Contente

Acordar •

• Chorar

Triste •

• Chuva

Sol •

• Salgado

ANEXO 6: Conto Tradicional “Barrelas”

Barrelas

Antigamente, para que a roupa ficasse muito branquinha, faziam-se barrelas. Uma barrela fazia-se assim:

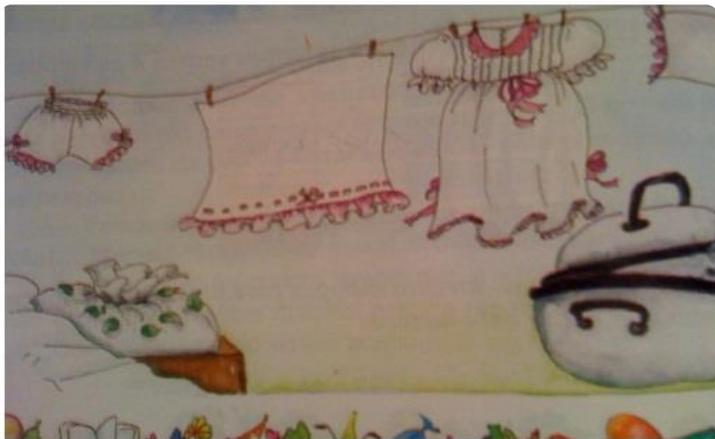
Forrava-se um cesto de madeira com um lençol de linho e metia-se la dentro a roupa suja. Depois atava-se as pontas desse lençol para que a trouxa ficasse bem apertada. Por cima do lençol punham raminhos de eucalipto, loureiro, laranjeira. Os raminhos serviam para perfumar a roupa. Por cima dos ramos estendiam um pano de linho de forma que conseguisse cobrir a boca do cesto.

Sobre o pano punham muita cinza peneirada.

Depois, em grandes panelas de ferro ferviam água e deitavam essa água sobre a cinza. E o cesto ali ficava a largar água um dia inteiro. Sim, um dia inteiro, porque só depois de dormida a noite é que se voltava a tratar da roupa, retirando-a do cesto, peça por peça, para a passar pela água corredia de um ribeiro, ou de um grande tanque de rega.

Depois de seca e passada a ferro, a roupa podia cheirar a loureiro, a eucalipto, a laranjeira...

(Autor: António Mota)



ANEXO 7: Ficha de Trabalho do texto “Barrelas”

Ficha de Trabalho

Nome: _____

Data _____

1. Depois de leres o texto, responde corretamente:

«Antigamente, para que a roupa ficasse muito branquinha, faziam-se as barrelas.».

1.1. Ordena e copia, para o teu caderno, as frases, contando como se faz uma barrela.

- Mete-se a roupa suja dentro do cesto;
- Sobre o pano de linho espalha-se cinza peneirada;
- Deita-se água a ferver sobre a cinza que está em cima do cesto;
- Forra-se um cesto com um pano de linho;
- Um dia depois retira-se a roupa do cesto e passa-se por água;
- Atam-se as pontas do lençol para que a trouxa fique bem apertada;
- Por cima dos ramos de eucalipto e laranjeira poe-se um pano de linho.

ANEXO 8: Conto tradicional “Falta de alimentos”

Falta de alimentos

Era uma vez um rei que descobriu umas minas de ouro nas suas terras e mandou para lá trabalhar todas as pessoas do seu reino.

O tempo passou... Os produtos agrícolas foram acabando e começava a sentir-se fome. Não havia pão, não havia legumes... Não havia nada!

A rainha, preocupada com este problema, mandou fabricar vários alimentos em ouro.

Certo dia, ao almoço, mandou pôr os alimentos de ouro na mesa. O rei ficou contente, mas, vendo que não lhe serviam mais nada, gritou, zangado:

— E o almoço? Onde está o meu almoço?

Então, a rainha fez-lhe ver que o ouro não se podia comer e que seria melhor fazer regressar os lavradores às suas terras.

Conto popular (adaptado)



ANEXO 9: Lista de verificação

Lista de verificação- Leitura de Textos

Nome: _____

Ano de Escolaridade: _____

Data: _____

Leitura de um texto	Sim	Não	Tem dificuldades
Lê de forma expressiva			
Respeita os sinais de pontuação			
Articula, de forma clara, as palavras			
Está atento à leitura dos outros			
Faz uma leitura fluente			
Faz uma leitura correta sem avançar parágrafos			

ANEXO 10: Ficha de Trabalho do conto “Falta de alimentos”

Ficha de Trabalho: Português

Nome: _____

Data: _____

1. No reino de que fala o texto, os produtos agrícolas foram acabando. Diz porquê.

R.: _____

2. A rainha estava preocupada.

2.1. Indica a razão pela qual ela estava preocupada.

R.: _____

2.2. Que decisão tomou a rainha?

R.: _____

2.3 Que pretendia a rainha com essa decisão?

R.: _____

3. Completa o seguinte esquema.

Ao ver o ouro em cima da mesa, o rei teve duas reações diferentes...

Primeiro _____ ficou

_____ e depois

_____.

4. Reescreve a frase, transformando-a numa frase negativa.

O rei ficou muito contente.

R.: _____

5. Retira do texto:

5.1. Uma frase declarativa:

5.2. Uma frase exclamativa:

5.3. Uma frase interrogativa:

6. Classifica quanto ao número de sílabas as seguintes palavras.

6.1. rainha: _____

6.2. alimentos: _____

6.3. regressar: _____

6.4. uma: _____

6.5. pão: _____

ANEXO 11: Texto Informativo “Os Lobos”

Os Lobos

Os lobos comunicam entre si, não através da palavra como os seres humanos, mas através de sinais, como, por exemplo, movimentos corporais, olhares, sons e cheiros. O seu sentido de olfato é muito desenvolvido e um cheiro significa muito mais para eles do que para nós.

A maneira como o lobo utiliza a cauda mostra, por um lado, a sua importância na alcateia e, por outro lado, os seus sentimentos e as suas intenções. Também o modo como o lobo apresenta o focinho, as orelhas e até os pelos do dorso revela o que sente e o que quer fazer.

E, evidentemente, os lobos uivam. Fazem-no, por exemplo, para informar os companheiros sobre a sua posição, para reunir os membros da alcateia, para chamar os lobitos antes de uma caçada e para tornar mais forte o seu grupo.

Fonte: *O Lobo*, Grupo Lobo, Departamento de Zoologia e Antropologia,
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992

ANEXO 12: Ficha de Trabalho do texto informativo “Os Lobos”

Ficha de Trabalho: Português

Nome: _____

Data: _____

1. Depois de leres o texto, identifica quais os elementos do corpo que os lobos utilizam para comunicar.

2. Assinala com **X** a opção correta.

2.1. O texto fala-nos:

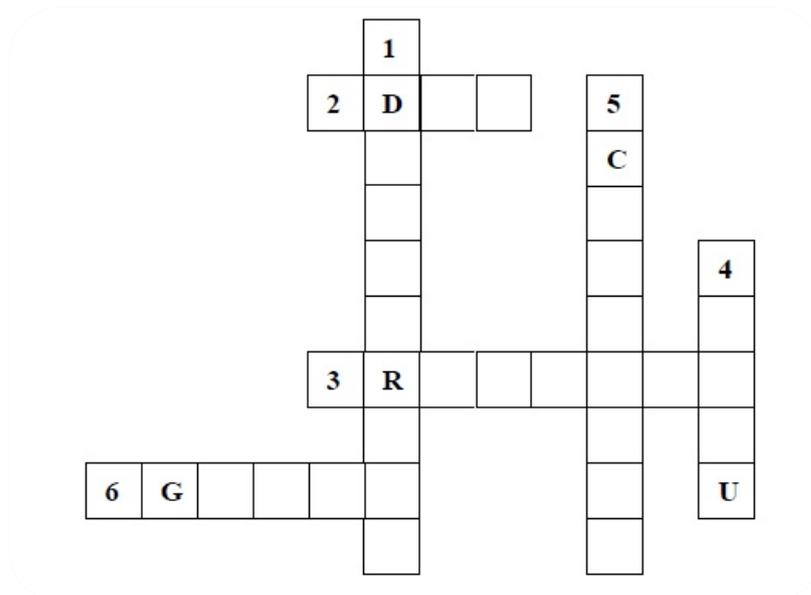
- do perigo do lobo se perder na floresta.
- do modo do lobo caçar.
- a maneira do lobo se entender com outros lobos.
- da alimentação do lobo.

2.2. Os lobos uivam para:

- informar os companheiros sobre a sua posição.
- reunir os membros da alcateia.
- chamar os lobitos antes de uma caçada.
- Todas as opções anteriores.
- Nenhuma das opções anteriores.

3. Completa as palavras cruzadas de sinónimos e antónimos, com letra maiúscula.

1. Sinónimo de **acordou**.
2. Antónimo de **noite**.
3. Sinónimo de **fortuna**.
4. Antónimo de **entrou**.
5. Sinónimo de **alegre**.
6. Antónimo de **magro**.



ANEXO 13: Ficha de Trabalho do texto dramático “O Príncipe e a Pastora”

Ficha de Trabalho

Nome: _____

Data _____

1. Depois de leres o texto “O Príncipe e a pastora”, identifica as personagens do texto.

2. Retira do texto a expressão que caracteriza a pastora e o seu aspeto físico.

3. Onde achas que se desenrola a ação do texto? Justifica a tua resposta.

4. Numera de 1 a 5 os momentos do texto, segundo a ordem pela qual aconteceram.

- O príncipe agradece à pastora.
- A pastora explica o motivo pelo qual está ali.
- O pajem fala pela primeira vez.
- O fidalgo fica muito admirado com a atitude do príncipe.
- A pastora entra no local onde está o príncipe.

5. Por que razão ficou o príncipe tao agradecido à pastora?

ANEXO 14: Texto “No rasto da estrela”

No rasto da estrela

Três reis, vindo cada qual do seu extremo do mundo, encontraram-se num cruzamento de três caminhos. Os seus nomes eram: Belchior, Rei da Pérsia; Gaspar, Rei da Índia e Baltazar, Rei da Arábia.

Uma grande estrela, nova no céu, tinha-os atraído para o mesmo destino.

Juntaram então as respetivas caravanas de camelos e cavalos e prosseguiram viagem juntos. Sempre no rasto da estrela, foram dar a uma cidade e a um palácio, onde vivia um rei, chamado Herodes.

- Vimos uma estrela que anuncia o nascimento do rei dos Judeus. – disseram os três reis.

Herodes, ao ouvir tal notícia, assustou-se. Rei dos Judeus era ele e temia que lhe roubassem o trono. Mas fingiu-se interessado e pediu aos três reis viajantes que fossem e procurassem saber mais acerca desse acontecimento espantoso, porque também ele queria adorar o Menino, fadado pelo céu. Era mentira. Percebia-se pelos olhos furibundos de Herodes que era tudo mentira.

Os três reis sábios deixaram a cidade e continuaram por caminhos humildes atrás da estrela anunciadora, até que foram encontrar, em Belém da Judeia, o Menino. Sobre o telhado da casa onde vivia o Menino a estrela parou.

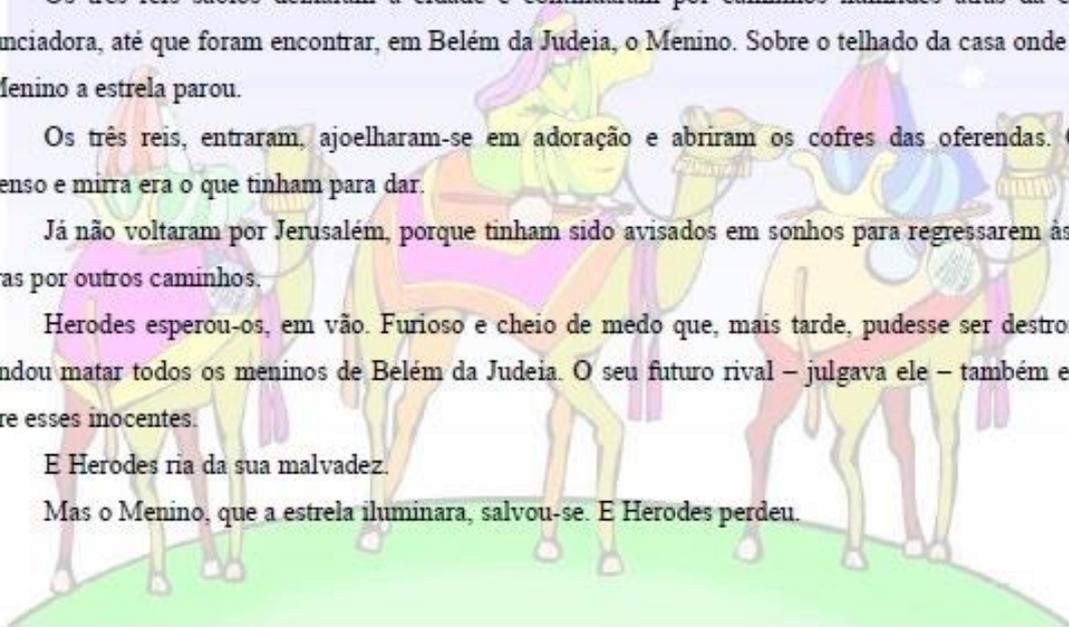
Os três reis, entraram, ajoelharam-se em adoração e abriram os cofres das oferendas. Ouro, incenso e mirra era o que tinham para dar.

Já não voltaram por Jerusalém, porque tinham sido avisados em sonhos para regressarem às suas terras por outros caminhos.

Herodes esperou-os, em vão. Furioso e cheio de medo que, mais tarde, pudesse ser destronado, mandou matar todos os meninos de Belém da Judeia. O seu futuro rival – julgava ele – também estaria entre esses inocentes.

E Herodes ria da sua malvadez.

Mas o Menino, que a estrela iluminara, salvou-se. E Herodes perdeu.



(Adaptado de António Torrado)

ANEXO 15: Ficha de Trabalho do texto “No rasto da estrela”

Ficha de Trabalho: Português

Nome: _____

Data: _____

Depois de leres o texto com atenção, responde às seguintes questões.

1. Em que continente se passou a ação?

R: _____

2. No que diz respeito ao tempo, em que parte do dia decorreu a ação?

R: _____

3. Os reis ofereceram ouro, incenso e mirra ao Menino. Por que motivo terão eles dado estes presentes? Justifica a tua resposta.

R: _____

4. Os três reis, ao regressarem às suas terras, não fizeram o mesmo percurso. Porquê? Justifica a tua resposta.

R: _____

5. Assinala com X a opção correta.

5.1. Os reis:

- Entraram na casa e ajoelharam-se.
- Ajoelharam-se e abriram os cofres.
- Entraram, ajoelharam-se e abriram os cofres.

5.2. Os reis eram:

- Belchior, Gaspar e Miguel.
- Belchior, Gaspar e Baltazar.
- Belchior, Pedro e Baltazar.

5.3. O Rei Herodes mostrou-se interessado em saber do Menino porque:

- Queria visitá-lo.
 Achou a notícia maravilhosa.
 Tinha medo de ser destronado.

6. Repara na seguinte frase: ***“Uma grande estrela, nova no céu, tinha-os atraído para o mesmo destino”.***

6.1. Que tipo de frase é esta? Justifica a tua resposta.

R: _____

6.2. Coloca a frase na negativa.

R: _____

6.3. Retira da frase os antónimos de “pequeno”; “velha” e “diferente”.

R: _____

ANEXO 16: Ficha de Trabalho do texto “Já não faço xixi na cama”

Ficha de Trabalho: Português

Nome: _____

Data: _____

1. Quais as personagens da história?

R: _____

2. «A senhora Diplodoco enroscou o seu longo pescoço à volta do Dino e deu-lhe um grande abraço.»

Porque teve ela esta atitude com o Dino?

R: _____

3. O Dino e o Picos tinham um problema em comum. Identifica-o.

R: _____

4. Retira do texto:

a) uma frase afirmativa:

b) uma frase declarativa:

c) uma frase negativa:

d) uma frase interrogativa:

e) dois quantificadores numerais:

5. Observa o seguinte diálogo.



5.1. Completa as frases.

Sabemos que o bolo leva _____ ovos e _____ maçãs.
Se a mãe fizer o _____ da receita, precisa de _____ ovos e de _____ maçãs.

5.2. Das frases anteriores, copia as palavras que representam quantidades exatas de um determinado nome.

6. Sublinha os quantificadores numerais na receita.

Salada de fruta (oito pessoas)

Descasca e parte em cubos

os seguintes frutos:

três maçãs, um ananás,

duas laranjas, doze morangos,

quatro quivis.

Coloca tudo numa taça grande e

rega com sumo de meio limão.

Leva ao frigorífico cerca de uma

hora e serve de imediato.



D	O	I	T	O	E	J
O	L	B	R	Z	M	S
Z	O	Z	Ê	N	E	Q
E	G	T	S	C	I	M
Q	U	A	T	R	O	C
P	M	R	D	U	A	S
D	A	B	V	M	F	H

6.1. Descobre os quantificadores numerais na sopa de letras.

7. Escreve no plural as seguintes frases, fazendo as alterações necessárias.

a) Este papel está mal dobrado.

b) O açúcar agrada às formigas.

c) Aquele botão está a cair.

ANEXO 17: Powerpoint “Sistema urinário”



Sistema urinário

- No sangue, vão-se acumulando impurezas, isto é, substâncias que prejudicam o nosso organismo e que precisam de ser expulsas.
- Assim, tal como nos outros sistemas, existe um conjunto de órgãos que constituem o sistema urinário, cuja sua função é **filtrar e eliminar as impurezas do sangue**.

↓

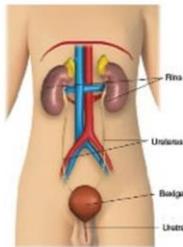
FUNÇÃO EXCRETORA

Órgãos do sistema urinário

 Dois Rins Função de: Filtrar as impurezas depositadas.	 Dois Ureteres Função de: Ligar os rins à bexiga.	 Bexiga e uretra Função de: Armazenar a urina e expulsá-la para o exterior.
---	---	---

O percurso do sangue no sistema urinário

- 1º O sangue passa nos rins,
- 2º Forma-se um líquido chamado **urina**,
- 3º Passa para a bexiga, através dos **ureteres**,
- 4º Fica armazenada na **bexiga**,
- 5º É expulsa para o exterior através da **uretra**.



Cuida bem do teu sistema urinário!!!

- Bebe bastante água ao longo do dia e evita refrigerantes.
- Evita o excesso de sal e carne na alimentação.
- Evita estar muito tempo com a bexiga cheia.



ANEXO 18: Ficha de Trabalho do “Sistema urinário”

Ficha de Trabalho: Sistema urinário

Nome: _____

Data: _____

1. Como se chama a função que elimina do organismo as substâncias que lhe são prejudiciais?

R.: _____

2. Assinala com uma X a resposta correta:

O sangue é filtrado e purificado ao passar:

pela bexiga

pelos ureteres

pelos rins

3. Completa as frases com as palavras do quadro.

O aparelho urinário tem _____ rins. O depósito da urina é a _____

.

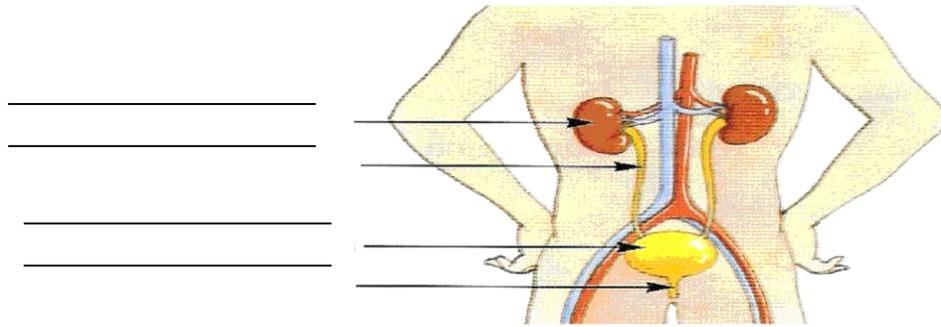
Beber muita _____ ajuda ao bom funcionamento dos _____.

água
rins
dois
bexiga

4. Indica quais os órgãos que fazem parte do sistema urinário e qual a sua função.

R.: _____

5. Efectua a legenda da seguinte figura.



6. Assinala com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações:

- a) Os pulmões fazem parte do sistema urinário. ____
- b) Os ureteres são os tubos que levam a urina até aos rins. ____
- c) Para o nosso sistema urinário ter um bom funcionamento devemos beber muita água. ____
- d) Os rins fazem parte do sistema circulatório. ____
- e) A uretra é responsável por expulsar a urina do nosso organismo. ____
- f) O sistema urinário é composto por rins, ureteres, pâncreas, bexiga e uretra. ____
- g) Só devemos ir à casa de banho quando a nossa bexiga está muito cheia. ____

6.1. Corrige as falsas.
